

O conflito aberto entre o PR e o 1.º Ministro **“Há limites!”**

um artigo de Alfredo Miranda

Pág. 3

Belém corrige afirmações de Balsemão

Pág. 5

Nascimento, Paixão e Morte da UCD

A caminho de uma solução à portuguesa

Pág. centrais



Hoje no Sete Ponto Sete

Entrevista com Wifred Lam

O suplemento «Sete Ponto Sete» insere hoje uma entrevista com o maior pintor surrealista vivo: Wifred Lam.



A instituição militar

Os militares — alguns militares — fizeram a Revolução de 25 de Abril. De sua iniciativa e pela sua acção, na continuidade de uma resistência moral e política que registou sacrifícios e heroísmos, restauraram as liberdades públicas, tornaram possível a vida democrática. Não nos consideramos dependentes dos militares, mas estamos patrióticos e civicamente reconhecidos. O País deve-lhes uma página da História contemporânea; o Povo deve-lhes a Liberdade e a Democracia.

A querela entre «poder civil» e «poder militar» é estéril. Não estamos dispostos a envolver-nos nas malhas de uma pura mistificação política. Nem aceitamos o falso argumento de que a supremacia constitucional do «poder civil» pressupõe, ou exige mesmo, a intervenção política, sob a aparência de intervenção governamental, na vida da instituição militar.

O problema não é — não poderia ser após 48 anos de poder político-militar salazarista — reproduzir um esquema de relações entre as Forças Armadas e os Governos que vigore em Democracias que não sofreram um tão longo e penoso interregno. O problema é garantir a independência da instituição militar. Sendo a independência da instituição militar a condição da isenção política e da real despartidarização.

A escolha política das hierarquias militares ao mais alto nível compromete a respectiva isenção. Não poderá ser contestado que a escolha por qualquer Governo, muito mais do que a escolha pelo Presidente da República, é uma escolha política, conjuntural, contestável. Uma escolha que poderá vir a ter as flutuações, e reflectir as instabilidades, da instância governativa.

O argumento de que é o Governo que terá que dotar de meios materiais, financeiros, a instituição militar, recorda-nos imediatamente o prologo: «quem dá o pão, dá a educação».

É um argumento paternalista. É um argumento de mestre-escola.

**Freitas do
Amaral na RTP**

Pág. 6

OGE esta manhã no Conselho de Ministros **Cortes orçamentais na Indústria**

*João Salgueiro fez exposição
sobre a situação económica*

Os cortes orçamentais eram esta manhã discutidos em Conselho de Ministros, após uma intervenção do ministro das Finanças, João Salgueiro. Vários ministérios terão reduções drásticas das verbas que tinham apresentado. O Orçamento Geral de Estado, (a discutir na Assembleia da República) com estes cortes, atingirá duramente o sector industrial (o sector

empresarial do Estado?). O Governo AD tentará cumprir as prestações sociais. No entanto, os impostos serão aumentados. Segundo uma fonte próxima do Governo, a sobrecarga de impostos recairá sobre bens supérfluos. Não será, certamente, aqui, que o Governo AD conseguirá receitas suficientes. No entanto, uma fonte próxima do Governo, ironizava esta me-

dida de esquerda, ao quase insinuar: «Os ricos que paguem a crise.» Como eles não pagaram e nunca pagam, os cortes a anunciar, vão reduzir a actividade económica e aumentar o desemprego. O Governo AD sabe também isso. Atribuirá as culpas à situação económica internacional. Uma explicação que os portugueses ouvem... desde que nasceram.

Taça UEFA

Sporting-Neuchatel dia 25

O Sporting jogará com os suíços do Neuchatel Xamax para a terceira eliminatória da Taça UEFA, segundo destino o sorteio realizado ao fim da manhã de hoje em Zu-

rique. O primeiro encontro será em Alvalade, a 25 de Novembro, e o segundo, na Suíça, a 9 de Dezembro. Nos restantes encontros das provas da UEFA jogarão:

Lokeren (Bélgica) - Kaiserslautern (RFA); Real Madrid (Espanha) - Rapid de Viena (Áustria); Aberdeen (Escócia) - Hamburgo (RFA); Gotembourg (Suécia) - Dinamo de Bucareste (Roménia); Winterslag (Bélgica) - Dundee United (Escócia); Radnicki (Jugoslávia) - Feyenoord (Holanda); Valência (Espanha) - Hadjuk Split (Jugoslávia); Neuchatel (Suíça) - Sporting (Portugal).

Duzentos mil portugueses repudiam armas nucleares

Mais de duzentos mil portugueses puseram já a sua assinatura no abaixo-assinado contra a instalação, estacionamento ou trânsito de armas nucleares, «seja qual for a sua origem, natureza ou destino». A comissão coordenadora do movimento «Não às armas nucleares em Portugal» decidiu pedir ao Presidente da República uma audiência, a fim de lhe serem entregues as assinaturas até agora recolhidas. Este movimento de repúdio pelas armas nucleares alastra cada vez mais pela Europa Ocidental, onde se sucedem as manifestações, como aquela que a nossa foto documenta e na qual os jovens comunistas e outros democratas de Toulouse (França) recusaram a ameaça de extinção que paira sobre a espécie humana.



Audiência com Alfaia

Sindicato dos Jornalistas defende imprensa estatizada

Numa reunião há dias efectuada com o secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro, José Alfaia, a Direcção do Sindicato dos Jornalistas, informada por aquele membro do Governo de que a reprivatização da Imprensa estatizada continua a ser um objectivo do actual Executivo, teve oportunidade de, uma vez mais, sublinhar que o Sindicato dos Jornalistas se opõe firmemente a essa reprivatização, na medida em que a experiência dos últimos anos tem demonstrado que os órgãos de Imprensa pertencentes ao Estado ainda são os que dão maiores garantias de independência e, consequentemente, asseguram uma informação mais objectiva.

José Alfaia informou, entretanto, que a reprivatização se coloca, neste momento, apenas com um objectivo programático, a concretizar a médio prazo, quando estiverem criadas as condições para isso.

A Direcção do Sindicato dos Jornalistas, representada na reunião por António dos Santos, Eugénio Alves e Álvaro Esteves, sustentou que o Governo deve promover o saneamento económico-financeiro das empresas estatizadas, libertando-as definitivamente dos passivos que o Estado assumiu com a publicação do Decreto que as nacionalizou, a criar condições para uma eficaz reestruturação técnica.

José Alfaia considerou também que os passivos existentes à data da nacionalização das empresas foram automaticamente assumidos pelo Estado, pelo que não se justifica que esse problema continue por resolver.

Quanto à reestruturação técnica das empresas estatizadas, o secretário de Estado Adjunto do PM afirmou que ela está a fazer-se, mas manifestou a sua «profunda preocupação» face aos resultados do exercício de 1981 nessas empresas.

Outro ponto tratado na reunião foi o da revisão do CCT dos jornalistas, no qual se

inclui o reenquadramento profissional, a aspiração mais premente da classe, que no ano passado suscitou a maior luta laboral da história do jornalismo português.

A Direcção informou o secretário de Estado de que a RDP e a ANOP se recusam a negociar a tabela salarial e todas as outras cláusulas com expressão pecuniária antes do Governo, através da tutela, definir os parâmetros dos encargos salariais.

José Alfaia informa ainda o SJ, manifestou a sua satisfação pelo espírito de diálogo construtivo em que têm estado a decorrer as negociações de revisão do CCT, até esta data, e garantiu que da parte do Governo não haveria qualquer impedimento ao reenquadramento profissional dos jornalistas.

Anunciada greve na ANOP

Os jornalistas da ANOP decidiram, por unanimidade, entrar em greve se até 12 de Novembro a Administração daquela agência não se comprometer a arquivar o processo instaurado ao assessor da Direcção Paulo David.

Durante um dos mais participados plenários até hoje efectuados na Agência Notícias Portuguesa, os jornalistas aprovaram por unanimidade uma proposta do Conselho de Redacção que, depois de vários considerandos, rejeita qualquer sanção a Paulo David e determina que a paralisação não poderá ser inferior a 24 horas.

O processo disciplinar a Paulo David foi instaurado no seguimento de um inquérito pedido pelo Conselho de Gerência sobre um rascunho de Paulo David relacionado com o diferendo entre a Agência e o presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim.

Flashes

● Os corpos gerentes para o biénio 1982/83 da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto foram ontem eleitos em assembleia geral. Nomes: José Viale Moutinho (Direcção) e Vasco Graça Moura (Assembleia Geral).

● D. Wanda, funcionária de sempre do Sindicato dos Jornalistas, agraciada recentemente com a Ordem da Benemerência pelo Presidente da República, homenageada que foi em Lisboa pelos sócios do SJ, é esta noite alvo do respeito e carinho dos profissionais do Norte no decurso de um jantar.

● As secretárias das empresas jornalísticas portuguesas constituíram-se em Clube das Secretárias Executivas da Comunicação Social. Presidem ao clube secretárias de o «Tempo», RDP e EPNC. Para já, pelo menos.

AGORA

BERBEQUIM POSITIVOS

1.750\$



Black & Decker

o seu Braco Direito

Tribunal Judicial da Comarca de ALENQUER

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do Tribunal Judicial de Alenquer e na Acção de Divórcio n.º 137, correm éditos de trinta dias, citando o réu VITOR MANUEL SOUSA CANASTRA — casado, comerciante, com a última residência conhecida no Batalheiro-Carregado, para, no prazo de 20 dias, findo os dos éditos, contado da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestar, querendo a referida acção, que lhe move Eulália Fernanda Assunção

2.ª Publicação

Félix Monteiro Canastra, com o fundamento dos art.ºs 1.º 672.º, 1.º 979.º e 1981 b) do C. Civil.

Alenquer 28-10-81

O Juiz de Direito
Sebastião José Coutinho Póvoas.
O Esc.-Adjunto
Maria Elisa Damião Sá

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz-se saber que pelo 16.º Juízo Cível de Lisboa e 3.ª secção, nos autos de Acção Ordinária n.º 1.424, em que são Autor o Banco Pinto & Sotto Mayor, EP e Réus Luis José Leal da Silva e outro, correm éditos de 30 dias, contados da data da publicação do 2.º e último anúncio, citando o Réu acima indicado, com última residência conhecida na Av.ª Miguel Bombarda, 21-4.º, em Lisboa, para no prazo de 20 dias, posterior ao dos éditos, contestar a presente acção, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo Autor e ainda para no mesmo prazo confessar ou negar a firma aposta no documento, e consequentemente condenado a pagar ao Autor a quantia de 1.554.138\$00 juros vencidos à taxa de 6% e mais despesas legais, como consta da petição inicial, cujo duplicado fica arquivado nesta secretaria à ordem do Réu.

Lisboa, 28 de Outubro de 1981

O Juiz de Direito,
Manuel Luis Pinto de Sá Ferreira
O Escrivão Adjunto,
Amândio Taboada Trigo

«DL» — 6/11/81
2.ª Publicação

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 15.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz saber que por este Tribunal e 3.ª Secção, nos Autos de Execução Sumária n.º 1636 em que é exequente o Banco Pinto & Sotto Mayor e executados Américo da Conceição Cabrita, mulher e outros, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o executado Américo da Conceição Cabrita, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Estrada da Penha, 50-B-1.º em Faro, para no prazo de 5 dias, findo os dos éditos, deduzir oposição pagar ao exequente a quantia de 146 478\$20 ou nomear bens à penhora, sob pena de este direito se considerar devolvido ao exequente.

Lisboa, 26 de Outubro de 1981

O Juiz de Direito — João Barroso de Moura.
O Escrivão-Adjunto — António Maria Parreira.

«DL» — 6/11/81
2.ª Publicação

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 5451, Execução Sumária, 3.ª Secção.
EXEQUENTE: BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, E.P., com sede em Lisboa na Rua do Ouro, 28. EXECUTADO: CARLOS FERREIRA FURTADO DA LUZ, divorciado, residente em parte incerta e cuja última morada conhecida foi na Av. Conselheiro Fernando de Sousa, n.º 25, 13.º andar, em Lisboa.

Correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do Anúncio, citando o executado acima identificado, para no prazo de 5 dias, findo os dos éditos, deduzir oposição, pagar ao Exequente a quantia de 74.004\$30, ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido este direito ao Exequente.

O duplicado da petição encontra-se na Secretaria deste Juízo à ordem do executado.

Lisboa, 26 de Outubro de 1981.

O JUIZ DE DIREITO
Eduardo Nunes da Silva Batista
O ESCRIVÃO ADJUNTO
A. Marques Vitorino

2.ª Publicação «DL» — 6/11/81

TRIBUNAL CIVIL DA COMARCA DA LISBOA 3.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção, deste Tribunal, correm éditos de trinta dias, que começaram a contar-se da segunda e última publicação deste, citando o réu — SÉRGIO VARELLA CID, casado, pianista, com última residência na Rua do Salitre, 78, Lisboa, para, no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos, contestar a Acção Ordinária (Processo n.º 8302), que lhe move, na 1.ª Secção, do 3.º Juízo Cível de Lisboa, o Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P., com sede em Lisboa, na Rua Azeiteira, n.º 28, pelos motivos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra junto, por linha, àquela acção e que, em extracto e o de o réu pagar ao autor as quantias de: a) Esc. 235 731\$50 (duzentos e trinta e cinco mil setecentos e trinta e um escudos e cinquenta centavos) respeitante ao capital em dívida e b) Esc. 321 544\$20 (trezentos e vinte e um mil quinhentos quarenta e quatro escudos e vinte centavos) referente aos juros de mora até a data de apresentação em Juízo, acrescidas dos juros de mora vencidos, contados a última das taxas (32%) até ao dia do integral pagamento do capital ao A., com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo autor.

Lisboa, 30 de Outubro de 1981.

O JUIZ DE DIREITO
Mateus José dos Reis Fargal Mendes
O ESCRIVÃO ADJUNTO
António José da Silva Martins

«DL» — 6/11/81 2.ª Publicação

Oliveira Martins: o historiador e o homem histórico

«Ora, o que domina sobretudo a história são os motivos morais, e esses motivos parecem verdadeiros ou falsos conforme as eras e os lugares. Assim a história há-de ser objectiva, sob pena de as obras do artista não passarem de criações fantásticas do seu espírito. E há-de, por outro lado, assentar sobre a base de um saber solidamente minucioso, de um conhecimento exacto e erudito dos factos e condições reais, sob pena de, em vez de se escrever história, inventarem-se romances».

Oliveira Martins

(Os Filhos de D. João I)

Há já algum tempo tivemos oportunidade, neste mesmo espaço, de falar do **Portugal Contemporâneo**. Interessara-nos sobremaneira a relação estreita que nos pareceu existir entre Oliveira Martins e Alexandre Herculano a qual se evidenciava exteriormente na contraditória atitude de admiração e crítica que o primeiro demonstrava pelo último.

Para uma abordagem do conceito de história em Oliveira Martins outros aspectos terão de ser considerados, outros dados e características se terão de equacionar. Por exemplo: atenhamos na tendência crescente de Oliveira Martins, ao longo dos escritos de história, para esquecer os dogmas positivistas que o impressionaram na juventude, realçando a feição espiritualista e mística da realidade. A virtude, a moral, a postura ética das personagens tornam-se a sua primeira preocupação; os traços que permitem valorizar uns heróis em detrimento de outros. Nun'Alvares irrompe nossa vasta e dissonante galeria como uma das mais paradigmáticas e, simultaneamente, mais esquivas figuras: entre a castidade, a sobriedade e o génio bélico se acentua o olhar admirativo do historiador. Mas, o mais inquietante, é esse rasgo místico-religioso, quase sobrenatural, que emana do Condestável, tornando-o pouco real, — o que lhe granjeia, ao mesmo tempo, uma in-



vulnerabilidade perante a passagem de anos e épocas.

Pode dizer-se que a história de Oliveira Martins não enforma, na globalidade, das características positivistas que, pontualmente, em advertências ao público leitor no limiar das obras, prefácios, notas, etc., se pretendia fazer eco. Mas, talvez não devamos desprezar definições, teorias, teses que foram progressivamente esquecidas e subvaloradas!

Cecília Barreira

O que era uma «lição de moral» em 1879, em 1881 transformava-se em «drama» e em 1891 eleva-se a uma «ressurreição». Efectivamente, o conceito de his-

crítico se encontram e se confundem, o jurista para indagar com escrupulo, o psicólogo para analisar com subtilidade, a história, se não é a forma culminante das manifestações intelectuais do homem, é sem dúvida a mais complexa e a mais compreensiva» (1).

Um aspecto une as opiniões que deram corpo ao prefácio do **Portugal Contemporâneo** com **Os Filhos de D. João I**: a procura duma objectividade. A minúcia, a precisão informativa, a exactidão, o rigor devem acompanhar, segundo Oliveira Martins, a narração, «sob pena de, em vez de se escrever história, inventarem-se romances» (2). Os caracteres, os retratos psicológicos têm na história o seu local de eleição.

Mas, continuemos na lista das evoluções que do **Portugal Contemporâneo** para **Os Filhos de D. João I** se nos insinuam. Esta última obra é um autêntico romance no que de mais profundamente conflitual e patético pode encerrar uma ficção: nas referências a D. Filipa de Lençastre e à sua relação com D. João I compraz-se Oliveira Martins no pormenor, na minudência, nos detalhes. D. João I é ainda a figura mais humanizada de quantas se forjam do pincel crítico do historiador: este não se poupa a censurar-lhe levandades de juventude que seriam responsáveis pelo nascimento de um filho bastardo.

Outras personagens, Nun'Alvares, D. Filipa irradiam uma «pureza» anticarnal que as mitifica e as distancia do carácter humano: são figuras de santos,

Continua na pág. 16

Há limites!

Alfredo Miranda

O conflito aberto e público entre o Presidente da República e o Primeiro Ministro apresenta uma tal gravidade que seria conveniente que os intervenientes o encarassem em termos constitucionais. Não é um qualquer problema de relações de trabalho, mais ou menos conflituosas, entre o sr. General Ramalho Eanes, e o sr. dr. Francisco Balsemão que está em causa; trata-se na verdade de um conflito entre dois órgãos do Estado, que se vem desenrolando aos nossos olhos e, infelizmente, de forma desagradável e desprestigiante.

As relações entre o Primeiro-Ministro e o Presidente da República não se regulam apenas por normas de conduta social, regras de cortesia e boa educação. Regem-se também por normas jurídicas, vinculativas para ambos os órgãos, sejam quais forem os seus titulares, expressas na Constituição.

Os poderes e deveres do sr. General Ramalho Eanes e do sr. dr. Francisco Balsemão são poderes e deveres funcionais para serem exercidos tendo em consideração os cargos que ocupam e com a estrita obrigação de actuarem sempre e apenas na defesa dos interesses que lhes foram confiados.

Corresponde a uma ficção pretender-se separar, nas declarações do dr. Balsemão, as que faz como Primeiro-Ministro e as que faz como chefe de partido.

A solidariedade institucional que entre os dois órgãos deve existir está juridicamente definida na Constituição e se as normas que a regem forem infringidas há que constatá-lo e agir em consequência.

O Primeiro-Ministro e o Governo são politicamente responsáveis perante o Presidente da República, conforme resulta dos art.º 193 e 194 da Constituição.

Convém, pois examinarmos o exacto sentido e alcance desta responsabilização do Primeiro-Ministro. A primeira consequência que dela se tira é que o comportamento político do Primeiro-Ministro tem de merecer a confiança do Presidente da República e deve demonstrar inequívoca capacidade de leal colaboração com ele. Se, sobre factos reputados da máxima gravidade, os dois órgãos se não entendem, ou, se vêm travar publicamente um diálogo de surdos, a conclusão óbvia a tirar é que a relação de confiança se encontra destruída. Isto, sobretudo, quando o conflito deixou de ser limitado e pela amplitude e repercussão se revela generalizado.

O que está a acontecer é grave e compete ao Presidente assumir a responsabilidade de pôr cobro à situação. Se o Primeiro-Ministro que é responsável perante ele faz publicamente e, com intenção dolorosa, afirmações que põem em causa a credibilidade e a honorabilidade política do seu Presidente, a confiança que é necessária para o exercício do cargo, está destruída. Então põe-se esta pergunta: Pode e deve o Presidente ter como Primeiro-Ministro alguém que publicamente o desmente? É que o problema já não se limita a uma discordância de opiniões, ou de pontos de vista divergentes em questões de pormenor. Há da parte do dr. Balsemão uma manifesta intenção de confronto e desafio.

Perante esta atitude torna-se necessário tirar dos artigos 193.º e 194.º as necessárias ilações. O art.º 193 estabelece que «O governo é politicamente responsável perante o Presidente da República e a Assembleia da República». Trata-se aqui portanto do Governo no seu conjunto e não apenas do Primeiro-Ministro. Para este, porém, há uma norma específica: o n.º 1 do art.º 194.º. Aí distingue-se, relativamente ao Primeiro-Ministro, e só a estes, dois tipos de responsabilidade: a responsabilidade política perante o Presidente e a responsabilidade no âmbito governamental perante a Assembleia. A primeira é necessariamente mais ampla e por isso, confere ao presidente uma maior latitude de apreciação.

O Primeiro-Ministro, enquanto tal, é unicamente responsável politicamente perante o Presidente da República. Entre os dois órgãos pode não haver uma perfeita identidade política, basta que se mantenham as relações institucionais normais. Mas se o Primeiro-Ministro ataca em público o Presidente demonstrando que não entende o que este lhe diz quando se encontram por obrigação das respectivas funções, que conclusão tirar?

É dever elementar de todo o servidor do Estado contribuir para o prestígio da República e opor-se a todas as atitudes que visem ostensivamente desprestigiar os órgãos do Estado. Não se trata de uma questão pessoal mas de um dever funcional. O Presidente da República por

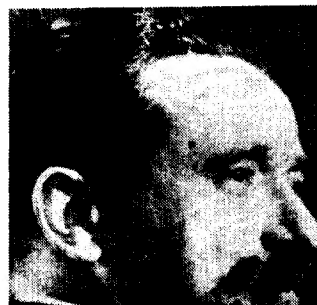
obrigação das suas funções deve ser o primeiro a dar o exemplo. Perante este conflito em termos de opinião pública a imagem que fica é esta: «Isto não tem rei nem roque; Eles não se entendem; um diz uma coisa outro diz outra».

Aceitar permissivamente esta situação não é consentâneo com os deveres que para o Chefe de Estado resultam do seu cargo. Não pode consentir que o Primeiro-Ministro desprestigie e achincalhe o Presidente da República. Quem tem o dever de agir e não age não fica inerte. Não está em causa uma questão pessoal, está em causa uma questão de Estado. O dever impõe que o Presidente exonere o Primeiro-Ministro porque este se não mostra digno da confiança que nele depositou e com o seu comportamento ostensivamente põe em causa a dignidade do Chefe de Estado. É necessário pôr termo a esta situação que em termos de respeito pelas instituições democráticas é intolerável.

E daí não advirá uma grave crise política? A pergunta não tem sentido porque o conflito entre o Primeiro-Ministro e Presidente já é uma grave crise política. Demitir o dr. Balsemão é caminhar para a solução da crise. Deixar arrastar a situação é que só serve para tornar mais difícil a solução.

Há limites além dos quais a dignidade do cargo e a dignidade pessoal não podem ceder; em que a transigência pode ser entendida como cobardia.

ponto a ponto



● O Presidente **Ramalho Eanes** visita domingo a vila de Seia, onde, a convite da Câmara Municipal, assistirá às cerimónias de homenagem a **Afonso Costa**.

O Presidente da República, acompanhado pela mulher, assistirá à inauguração da estátua de Afonso Costa e participará na romagem ao túmulo do estadista da Primeira República.

A tarde Eanes visita a freguesia de São Romão, regressando depois a Lisboa.



● **Blanqui Teixeira**, do Comité Central do PCP, exprimiui ontem ao ministro da República para os Açores preocupação pela actual «ofensiva contra a Constituição e o Presidente da República».

No decorrer de um encontro que teve em Angra do Heroísmo com o general Conceição e Silva, a delegação do PCP, que integrava também Deck Mota e Manuel Campos, da organização do partido nos Açores, defendeu igualmente a manutenção do artigo 230 da actual Constituição.

● O grupo parlamentar do MDP/CDE recebeu ontem em S. Bento representantes da estrutura sindical clandestina da África do Sul, que estão em Lisboa a convite da CGTP-IN.

Os sindicalistas sul-africanos pertencem à SACTU, a Confederação dos Trabalhadores da África do Sul, na oposição, com sede em Londres.

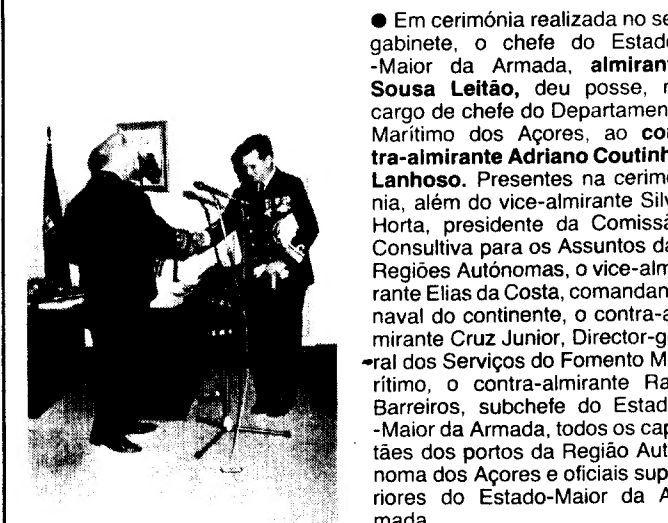
● O deputado José Luís Nunes (PS) divulgou ontem em S. Bento o relatório da Assembleia do Atlântico Norte, que se reuniu em Munique, na Alemanha Federal, de 11 a 16 de Outubro.

No encontro foi aprovada uma resolução sobre a situação económica e a necessidade de auxílio a Portugal — explicou.

José Luís Nunes, Adriano Rodrigues (CDS), Jaime Gama (PS), Borges de Carvalho (PPM), Américo Abreu Dias (PSD) e António Mendes (PSD) foram os deputados portugueses que participaram nos trabalhos.



● O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egídio, recebeu em visita de cortesia, o ministro da Cultura e Ciência, Francisco Lucas Pires e o secretário de Estado, António Gomes Pinho.

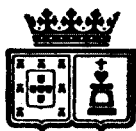


● Em cerimónia realizada no seu gabinete, o chefe do Estado-Maior da Armada, **almirante Sousa Leitão**, deu posse, no cargo de chefe do Departamento Marítimo dos Açores, ao **contra-almirante Adriano Coutinho Lanhoso**. Presentes na cerimónia, além do vice-almirante Silva Horta, presidente da Comissão Consultiva para os Assuntos das Regiões Autónomas, o vice-almirante Elias da Costa, comandante naval do continente, o contra-almirante Cruz Junior, Director-geral dos Serviços do Fomento Marítimo, o contra-almirante Rato Barreiros, subchefe do Estado-Maior da Armada, todos os capitães dos portos da Região Autónoma dos Açores e oficiais superiores do Estado-Maior da Armada.

● O ministro da Administração Interna, Ângelo Correia, parte domingo para Madrid numa visita oficial de quatro dias à Espanha.

Ângelo Correia manterá con-

versações com diversas entidades e visitará o Colégio da Guarda Civil em Valdemoro, as instalações do GEOS em Guadajajara, Guernica e o Museu do Prado.



MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

CASA PIA DE LISBOA
AVISO

Dá-se conhecimento a todos os interessados de que as listas de ordenação dos candidatos no concurso para docentes eventuais da Casa Pia de Lisboa, estão patentes no átrio do edifício da Provedoria — Av. do Restelo n.º 1 — 1400 Lisboa, a partir do dia 5 do corrente mês de Novembro. As referidas listas tornam-se definitivas se, no prazo de 5 dias a contar daquela data, não houver qualquer reclamação.

Serviços Municipalizados

Câmara Municipal
de LouresAVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE
ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 8 (domingo) das 7 às 15 horas nas seguintes localidades:

LINHA A 10 KV — LOURES — BECELAS
— PORTELA DE SACAVÉM
— PONTINHA — FALCÃO — SERRA DA LUZ —
— URMEIRA — PAIÀ E CANOS E FAMÕES
— QUINTA DAS PRETAS E TRIGACHE

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal
de Loures, 4 de Novembro de 1981

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS
DIRECÇÃO-GERAL DOS HOSPITAISHospital Distrital de Lamego
CONCURSO PÚBLICO N.º 2

Concurso Público para Arrematação da Empreitada de «Construção de um Pavilhão prefabricado para Laboratório e Banco de Sangue do Hospital Distrital de Lamego»

Faz-se público que se encontra aberto o concurso acima designado:

— Preço base Esc. 8 775 000\$00
— Caução provisória Esc. 219 375\$00

Alvaras exigidos:
Dispensado

Local, dia e hora limite para entrega das propostas — na Administração do Hospital Distrital de Lamego, sito em Lamego, até às 17 horas do dia 9 de Dezembro de 1981.

Local, dia e hora do acto público do concurso — no Hospital Distrital de Lamego, sito em Lamego, no dia 10 de Dezembro de 1981, pelas 15.00 horas.

Local e horário para exame do processo — no Hospital Distrital de Lamego, sito em Lamego, de segunda a sexta-feira das 9.00 às 12.00 horas e das 14.00 às 17.30 horas.

Fornecimento de exemplares do processo: Serão fornecidos pela firma Papelaria Marciano, sita em Coimbra, na Avenida Fernão de Magalhães, n.º 165, tel. 23760, mediante o respectivo pagamento.

Hospital Distrital de Lamego, 3 de Novembro de 1981

P'lo Presidente do Conselho de Gerência.



Ferro Rodrigues fala ao DL

“O MES foi a Académica
das pessoas do PC e do PS”

Amanhã à noite, um jantar de confraternização no Mercado do Povo marcará o encerramento da actividade política do MES. Nele estarão muitos dos que, num momento ou noutro, passaram por aquele partido. E que hoje estão, ou não, noutros.

O «DL» ouviu um antigo dirigente da organização, Eduardo Ferro Rodrigues, sobre o que foi o MES e o que vai ser o jantar. Um relato pessoal de um percurso que acaba amanhã. E um balanço pessoal também de uma intervenção que teve algum significado nos agitados anos de 1974 e 1975.

O MES era assim como a Académica. As pessoas gostavam muito da Académica, mas eram do Sporting e do Benfica. Conosco aconteceu um pouco isso. Toda a gente simpatizava com o nosso projecto, mas o PCP e o PS é que eram os grandes partidos, neles é que valia a pena o empenhamento.

Naquelas palavras de Ferro Rodrigues não transparece nenhum desencanto. O MES nunca teve a tendência para a grupuscularização de outras forças da extrema-esquerda. Pelo contrário sempre assumimos uma perspectiva unitária. Foi assim com o MDP, quando nos opusemos à sua transformação em partido, na FUP, na aliança eleitoral que propusemos à UDP, na campanha de Otelo, no MUP e na FUP.

Recorda também — Apenas num momento cedemos à tentação vanguardista com resultados negativos, porque dividiu as pessoas. De resto, partimos sempre do reconhecimento do papel provisório do MES como motor de congregação de um conjunto de forças, sem pretender nunca hegemonizar o que quer que fosse.

Grupo de intelectuais sem enraizamento popular era o comentário que o MES suscitava. Diz Ferro Rodrigues: O MES teve origem na coordenação de frentes de luta, anterior ao 25 de Abril. Actuávamos já então nos sindicatos, na luta anticolonial, no meio estudantil, nas Forças Armadas, através dos milicianos e ainda nas campanhas eleitorais (fomos a ala esquerda da CDE em 1973). No dia 1.º de Maio de 74 no estádio, quatro dos oradores estavam ligados ao MES — Manuel Lopes, Nuno Teotónio Pereira, Santos Júnior e Jerónimo Franco.

Muitas das pessoas que depois vieram a formar a direcção do MES participaram como oficiais milicianos no 25 de Abril. E

tinham conhecimento antecipado, ao contrário do que aconteceu a outros partidos da realização do movimento militar.

Depois foi um período rico de experiências. E também profundamente contraditório. Cauteloso, Ferro Rodrigues exprime a sua opinião pessoal: No Verão quente seguimos uma política sectária e aventureira. Nomeadamente pela forma como utilizámos a influência ideológica que detínhamos junto de alguns elementos do MFA. Apoiámos a divisão do MFA em nome de um purismo ideológico. E tivemos uma posição arrogante perante o Partido Socialista. Rápido, adverte: Mas a verdade é que a nossa margem de manobra era pequena e as nossas responsabilidades são menores, se as compararmos com as dos grandes partidos.

Antecâmaras
do poder

Foram os tempos em que o MES esteve à entrada das antecâmaras do poder. Recebido pelo Presidente da República, com contactos frequentes, por vezes por interpostas pessoas (dávamos grande liberdade aos quadros intermédios) o primeiro-ministro Vasco Gonçalves, chegou a falar-se na sua participação no V Governo provisório. Foi do MES que partiu a principal inspiração para a redacção do Plano-Guia Povo-MFA.

E pelos grandes partidos era tratado de igual para igual. Nomeadamente com o PCP. Explica Ferro Rodrigues: Nessa altura via-se com importância exagerada a influência do MES em determinados sectores do MFA. Com eles, os grandes partidos, cometeram-se erros de palmaria, por exemplo quando da tentativa de desmobilizar com barricadas a manifestação do PS da Alameda: Fomos mandados para a frente pelo PCP, numa atitude que teve grandes cus-

tos políticos porque não se pára uma movimentação de massas com atitudes vanguardistas. A Cintura Industrial de Lisboa não era o país todo.

O diálogo com o PCP é uma das facetas mais curiosas e também mais expressivas do período revolucionário. O MES era dos poucos partidos que não tinha o «complexo do pai». Não resultava de uma dissidência. Até à FUR as relações foram normais. Dias depois da formação desta frente, o Partido Comunista, que tinha maior peso, em termos políticos e eleitoral, é «expulso» pelas restantes organizações! O nosso II Congresso, opina Ferro Rodrigues, marcou um grande afastamento em relação ao PCP e foi o início da aproximação à UDP.

Erros também nesta fase, de acordo com a opinião, sempre pessoal, de Ferro Rodrigues: A nossa tendência foi sempre a de não assumirmos como detentores da verdade e nessa qualidade, paradoxalmente, poderemos ser a vanguarda ideológica, sem que, evidentemente, isto tivesse qualquer correspondência ao nível da organização. A adopção do marxismo-leninismo pelo MES foi uma autflagelação contranatura.

São, no entanto, histórias passadas. Depois do 25 de Novembro, e posteriormente com a institucionalização da democracia formal, a tendência é para a marginalidade política. A campanha de Otelo é já parte do canto do cisne. A votação de Otelo, diz-nos Ferro Rodrigues, foi não o voto de protesto, mas sim a aposta popular na crença da vitória. Otelo estivera pouco tempo antes no poder. E é essa sua imagem que atrai os votos.

O percurso seguinte é rápido. O MUP, à volta da primeira candidatura do ex-comandante do COPCON, desagrega-se rapidamente. A tentativa seguinte já não é eficaz. A FUP, como frente, desaparece antes de nascer. E então o MES aproxima-se da desagregação. Nas reuniões da FUP já não há uma única representação. São os delegados do MES 1 e os do MES 2 que participam nas discussões. Foi a aposta que fizemos em poder continuar a actuar em comum e que terminou com o fim das ilusões na alternativa unitária e forte da esquerda revolucionária.

«Nova esquerda»

Uns deixam a política, outros participam noutras organizações. O PCP e o MDP, a UEDS, o próprio PS.

Outros, e Ferro Rodrigues entre eles, ou à sua frente, procuram vias alternativas a «Nova Esquerda», por exemplo, que engloba alguns ex-MES, mas também o ex-deputado da UDP Acácio Barreiros.

Para além de apoiar as novas movimentações sociais, há que articulá-las com acção a nível superestrutural. No caso da FRS ter sobrevi-

vido, esse seria o nosso lugar e aí teríamos tentado contribuir para a sua organização e para a articulação com outros níveis de luta, diz Ferro Rodrigues.

Alguns direitização? Um não rápido: Essa afirmação parte do pressuposto que o PCP é um partido de esquerda e que o marco é estar mais perto ou mais longe do PCP. Hoje estamos mais longe do que nunca. Mas não à direita. Damos hoje mais importância a certos valores, como a democracia, ou, se quiser, a liberdade. Mas isto tem também a ver com a evolução da história. Desde 1975 para cá muitas coisas mudaram. Ainda não se tinham registado situações como a do Afeganistão ou da Polónia. E os acontecimentos em França e na Grécia têm também algum significado.

Adeção ao PS à vista? Isso é tudo uma questão de opção individual. Depende, segundo penso, da situação política no PS que está um pouco confusa. Não vamos aderir ao «soarismo», ou ao ex-secretarismo, ou ao marcelo-curismo, ou ao leitãoismo. O que há, por enquanto, é uma grande disponibilidade para o diálogo.

MES acaba
como sempre viveu

Mas isto é um percurso só para alguns. Para todos há um último marco comum — o jantar de confraternização a realizar amanhã à noite, no Mercado do Povo, imediatamente a seguir a uma reunião no Centro Nacional de Cultura em que poderão participar os elementos que estiveram no IV Congresso do MES e em que se procederá, pela aprovação de uma moção de consenso, ao encerramento formal da actividade política do MES.

Explica Ferro Rodrigues: Não se trata de nenhuma manobra de estratégia desconhecida. Pretende-se apenas pôr fim, com alguma dignidade, a uma coisa que nos pareceu importante. O MES não deve desaparecer sem prestar contas a ninguém e sem fazer um balanço daquilo que foi. O jantar será apenas um momento de confraternização, onde nem sequer se deve admitir a possibilidade de qualquer compromisso para o futuro. No dia seguinte cada um seguirá o seu próprio caminho.

Vamos acabar de forma original, acrescenta. Com uma grande margem de improvisação, de surpresa e de espontaneidade. Para juntar pessoas que ficaram pelo caminho e que, muito provavelmente, hoje não estão numa boa. A nossa originalidade não é um chavão. Corresponde a uma certa forma de estar na vida e que sempre foi assumida por aqueles que, num momento ou noutro, estiveram ligados ao MES.

José Manuel Vilaça

PUB

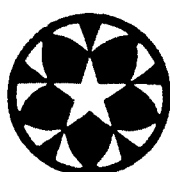
A ALEGRIA ESPECTACULAR

A QUALIDADE MUSICAL

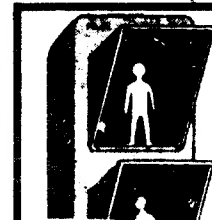
DANÇAS E CANTARES DA R.S.S. DA GEÓRGIA

CONJUNTO GORDA E TRIO TSISPERI

HOJE — ÀS 21.30 H COLISEU DOS RECREIOS



Associação Portugal-URSS



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa



assembleia da república

E o subchefe não gosta de mais o quê?

«Até nem gosto de comícios» — foi assim que um subchefe, à paisana, pretendia terminar com o diálogo entre o deputado Mário Tomé (UDP) e um grupo de trabalhadores dos têxteis que se encontravam nas escadarias do Parlamento. Prática normal desde sempre, como forma de expor aos deputados os problemas dos trabalhadores e dos eleitores em geral.

À discussão entre Mário Tomé e o subchefe juntaram-se outros deputados, como César Oliveira (UEDS), ou Teresa Ambrósio (PS). César Oliveira explicou mesmo ao subchefe que se ele não gostava de comícios «o azar era dele; quem faz e participa em comícios está no uso de direitos constitucionais».

Chegado ao hemisfério, o deputado da UDP quis explicar o incidente que tinha ocor-

rido nas escadarias do Parlamento. Como não estava inscrito, gerou-se uma certa confusão com o presidente em exercício, Amândio de Azevedo (PSD), a não querer dar a palavra a Mário Tomé.

Gerou-se a confusão, suspendeu-se a sessão. Após reunião dos líderes dos Grupos Parlamentares, foi decidido que Mário Tomé conseguisse explicar o que tinha acontecido. Foi o que aconteceu, com uma descrição factual. Informado do que tinha acontecido, o presidente da Assembleia da República, Oliveira Dias (CDS) vai proceder a diligências para que o caso não se repita.

O subchefe, à paisana, não gosta de comícios. Precisa-mos de saber do que é que o subchefe não gosta mais. Talvez não goste de deputados. Deteste o Parlamento. E tal-

vez, para lembrar um poema, o subchefe decide «Não podem ser lidos versos na cidade». Mas se o subchefe «corta» o diálogo entre deputados e eleitores, o que estes podem «cortar» ao subchefe?

Já no período da Ordem do Dia, foi aprovada, por maioria e na generalidade, a ratificação do decreto-lei que cria o Código das Cooperativas.

Apenas o PCP e a UDP votaram contra. O diploma desceu, agora, à Comissão na especialidade.

O Parlamento reuniu esta manhã para votar a impugnação do PCP a proposta do Governo de revisão da Lei dos Contratos de Trabalho. Jorge Leite (PCP), que vai pedir a suspensão do mandato fará a fundamentação da impugnação pedida pelo seu partido.

Melhorar o Parlamento

A conferência dos líderes parlamentares vai apreciar na quarta-feira um projecto de criação de um Grupo de Trabalho encarregado de estudar melhorias nas estruturas do Parlamento — disse José Niza (PS).

O documento inclui uma listagem de muitos dos problemas com que se defronta a Assembleia da República.

Votações por sistema electrónico, criação de um Centro de Imprensa e transferência de alguns serviços para fora do Palácio de S. Bento são algumas das sugestões que apresenta.

Instalações, condições acústicas, apoio logístico e de informação aos deputados, salas para conferência de imprensa e reuniões internacionais constam também da lista.

O documento prevê que a concretização destas e de outras medidas ocorra até ao fim da actual legislatura.

Gabinete de Estudos

O Partido Socialista preparou um Projecto de Lei que cria um Gabinete de Estudos e Investigação na Assembleia da República — prosseguiu o deputado José Niza.

O Gabinete constituirá um serviço de apoio técnico de investigação, de estudos e de consulta especializados da Assembleia — refere o projecto.

O gabinete dependerá da mesa da Assembleia, exercendo a sua actividade em articulação com as comissões parlamentares — afirma o texto.

No Conselho de Ministros Aprovados projectos relativos à habitação

O Conselho de Ministros aprovou ontem projectos de decreto-lei que «facilitam o acesso directo e imediato aos empfistimos com entrada inicial, que desenvolvem o sistema poupança-habitação e estabelecem o processo de definição de taxa de juro contratual dos empfistimos concedidos ao abrigo daquele sistema». O comunicado final da reunião não adianta mais pormenores sobre as anunciadas facilidades.

O CM aprovou ainda, os projectos de decreto-lei que alteram as condições vigentes relativas à transmissão de arrendamentos destinados a comércio, indústria ou profissões liberais e que «introduzem um mecanismo de controlo a nível das escrituras de arrendamento para evitar desvios de finalidades dos mesmos».

No «sentido de regionalização administrativa» o Conselho de Ministros deliberou também extinguir dois Conselhos situados no Ministério de Habitação, Obras Públicas e Transportes — o Conselho Superior de Engenharia Civil e o Conselho Nacional de Água.

Por outro lado, o plenário ministerial aprovou as diligências necessárias à elaboração de um novo Código Administrativo, que «proceda à adaptação de legislação ordinária vigente à Constituição de 1976».

O CM aprovou ainda as resoluções declarando em situação económica difícil as cooperativas agrícolas de Macedo de Cavaleiros e Agrícola da Terra Fria; alterou o regime legal das comissões de coordenação regional e aprovou o Estatuto da Imprensa Nacional-Casa da Moeda; alterou a constituição do Conselho de Administração das Empresas Públicas CTT-TLP; começou a apreciar os estatutos da Casa do Douro, «na base de uma exposição do ministro da Agricultura, Comércio e Pescas»; e «princípios a análise do projecto-lei transferindo para o Ministério da Educação e das Universidades o encargo orçamental com o funcionamento da Escola Secundária de D. Dinis (Paia)».

Belém esclarece «sugestões»

Eanes nunca afirmou ter entregue documento Melo Egídio ao PM

O general Ramalho Eanes «apenas referiu que o Governo tinha conhecimento de um documento preliminar sobre a organização das Forças Armadas porque o Primeiro-Ministro lho mencionou numa reunião de trabalho» — afirma um comunicado ontem emitido por Belém.

Num comentário às declarações de Pinto Balsemão sobre o chamado documento Melo Egídio — feito a pedido da ANOP — os serviços de imprensa da Presidência da República afirmam que «uma análise cuidada das declarações em causa mostra que se referem a realidades distintas».

A Presidência afirma que «o PR apenas disse que o Governo tinha conhecimento de um documento preliminar sobre a organização das FA porque o Primeiro-Ministro lho referiu, numa reunião de trabalho, realizada antes da sua divulgação pública, tendo então sido apresentados ao Primeiro-Ministro os esclarecimentos julgados suficientes».

Belém recorda que, nas declarações do PR em Manguale, foi dito que «o senhor Primeiro-Ministro conhecia esse documento», que por «sua própria iniciativa abordou o documento», há 15 dias, e que o PR teve «o

cuidado de o esclarecer inteiramente».

A Presidência da República considera, assim, «inexacto que alguma vez se tenha referido a entrega do documento ao Primeiro-Ministro, por parte do PR».

Relativamente às declarações de Pinto Balsemão em Leiria sobre um novo partido em formação, Belém sublinha «que nunca o Primeiro-Ministro se referiu, em reunião com o PR, à suposição da constituição de um novo partido com a soma de pormenores que julgou adequada incluir nessa altura».

A mesma fonte recorda, a propósito, as palavras de Eanes, distinguindo as duas funções de Pinto Balsemão — chefe do Governo e presidente partidário.

Eanes afirmara o seguinte: «Se se pronunciou enquanto Primeiro-Ministro, na próxima reunião de trabalho, certamente, me dará contadas suas preocupações e das suas afirmações».

E mais adiante: «Estou convencido de que o fará, e de que o não fez na última sexta-feira certamente porque não tinha esses dados, não tinha tido a possibilidade de os recortar, ou possivelmente não teve tempo para me os comunicar, dado que tinha de ir para Coimbra».

Ainda o «acordo» sobre revisão constitucional

PS e AD desmentem a sua existência Vital Moreira: «Vamos ver...»

PS: «Desmentem a existência do acordo...»

AD: «Para além das convergências, não há acordo...»

Vital Moreira: «Não é preciso esperar muito tempo para ver...»

Estas, em resumo, as três opiniões, resultantes de uma declaração pessoal do deputado comunista Vital Moreira e que ontem publicámos. Nessa declaração, Vital Moreira denunciava a existência de um acordo formal entre PS e AD para a revisão constitucional.

De imediato, reagiram as duas organizações visadas: AD e PS. Num comunicado assinado pelos oito socialistas, membros da Comissão Parlamentar de Revisão Constitucional, o PS considera que as afirmações de Vital Moreira são falsas e carecidas de qualquer fundamento, constituindo acto de pura especulação política.

Consideram estes socialistas (Almeida Santos, Jaime Gama, Luís Nunes de Almeida e Vítor Constâncio) que estão bem colocados para desmentirem, como desmentem a existência de tal acordo.

Quanto à AD, em comunicado assinado por Fernando Condeso (PSD), Luís Beiroco (CDS) e Sousa Lara (PPM), também desmentiu o acordo de bastidores (...) para além das convergências que têm sido encontradas na Comissão. Estas convergências, prossegue a AD, mais não traduzem do que o necessário entendimento entre forças democráticas no sentido de viabilizar a tarefa nacional que constitui a revisão constitucional.

A estes comunicados, Vital Moreira responde: Que se haveria de esperar senão um desmentido?, mas, conclui: não será preciso muito tempo

para que se possa ver se tem ou não fundamento a opinião. Conselho de Estado ou da República

A Comissão Parlamentar de Revisão Constitucional reuniu-se ontem durante todo o dia.

Debateu a constituição do futuro Conselho de Estado (ou da República), não tendo havido o indispensável consenso de dois terços dos deputados para a totalidade da sua composição.

No entanto, ficou desde já assente que terá um representante de cada região autónoma, cinco cidadãos designados pelo Presidente e outros tantos pelo Parlamento — disse um dos deputados presentes.

Também está decidida a inclusão do Provedor de Justiça, do presidente do Tribunal Constitucional, do Primeiro-Ministro e dos ex-presidentes da República eleitos depois de 1976 — acrescentou.

Manuel Alegre ao «Diário de Notícias»

«O general Eanes não é uma via para o socialismo»

«Admito que o general Eanes tenha um projecto de poder pessoal, com uma lógica populista e neocorporativista, o que, a concretizar-se, seria nocivo, quer para o Presidente, quer para o Regime». Estas palavras são de Manuel Alegre, membro da Comissão Política do PS, eleito na lista de Mário Soares, publicadas hoje numa entrevista ao Diário de Notícias.

O Presidente, as relações entre o poder político e o militar e, ainda, a política do PS são os principais assuntos tratados.

Manuel Alegre sustenta que defender a existência de um poder político democrático, sem qualquer tutela militar «é ser de esquerda», e que o Partido Socialista tem de se apresentar ao eleitorado com uma «alternativa clara de sociedade».

Sobre Eanes, Alegre afirma: «Respeito-o como Presidente da República. Mas o general Eanes

não é a salvação da esquerda e muito menos uma via para o socialismo».

Depois de apoiar a resolução da direcção do PS de dissolver a FRS, Manuel Alegre salienta que «o equívoco do nosso partido Socialista é que se tem pensado que o PS deve ser uma força preocupada, sobretudo, em conquistar o eleitorado que fica entre o PS e o PSD». Defende depois que o eleitorado moderado só votará socialista quando o PS fizer o pleno do eleitorado de esquerda, ganhando aí, a dinâmica para se tornar de novo força maioritária.

Alegre defende também o diálogo com o Partido Comunista «que nós não podemos por de parte, porque isso não é democrático». Sustenta, ainda, a possibilidade de Mário Soares, se apresentar às eleições presidenciais em 1985, ser eleito com os votos comunistas.

SAINT-HONORÉ

INSTITUTO DE BELEZA

A colaboração de Luís Afonso

Av. República, 64-1.º
Telef. 764871 — Lisboa

EXTERNATO

FERNANDO PESSOA

(ENSINOTÉCNICA)

Rua Buenos Aires, 8 e 8-A — Telef. 60 64 49 - 60 32 52

TODOS OS CURSOS

12.º ANO ★ AD HOC

DIURNO E NOCTURNO

INSCRIÇÕES ABERTAS

Sm SINDICATO DOS MÉDICOS DA REGIÃO SUL

(SEDE PROVISÓRIA)

Av. Almirante Reis, 182, R/C-E - 1000 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea a) do n.º 1 do Art.º 25.º do Estatuto do Sindicato, convoco uma Assembleia Geral Extraordinária para o dia 20.11.81, pelas 21 horas, que reunirá no Anfiteatro do Hospital de D. Estefânia com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1) — P.R.C.
- 2) — Actualização da quota.
- 3) — Ponto da Situação das Carreiras Médicas Várias lutas sindicais — S.M.S. — Concursos Policlínicos

Lisboa, 4 de Novembro de 1981

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Ginestal Miranda da Cruz

Casa do Infante e Franco Nogueira: novo capítulo do escândalo

PORTO, 6 — Afinal, surgiu ontem mais um novo capítulo do escândalo da cedência pela AD da Casa do Infante para o lançamento publicitário de um livro do dr. Franco Nogueira. Com efeito, a Câmara Municipal do Porto, que havia autorizado aquela cedência com os votos maioritários da AD, foi ontem formalmente censurada na reunião do mesmo executivo camarário por tal cedência, na sequência de duas moções apresentadas pelos representantes do PS e da APU.

Trata-se de uma situação lamentável a que o executivo municipal ligou o seu nome não obstante os protestos da oposição, que, quer na Assembleia Municipal, quer na Câmara, já havia tentado impedir a sua concretização. Recorde-se que a AD numa sessão da AM e depois numa estranha reunião «extraordinária» do executivo, (quando sabia dispor de quorum para o fazer a seu contento) já havia aprovado a cedência da Casa do Infante para o lançamento do livro do ex-ministro de Salazar.

Nas moções aprovadas ontem na reunião da Câmara crítica-se não só as «habilidades» do presidente e da AD para aprovar a cedência da Casa do Infante, como se considera, no dizer de uma das moções que «o prestígio moral desta Câmara Municipal, livremente eleita pelo povo, foi profundamente atingido». Por outro lado, depois de se afirmar que a AD revogara uma decisão anterior de não cedência da Casa do Infante «à custa da ausência do Porto, de um vereador que se previa que não votasse a favor da cedência e à custa da alteração do sentido de voto de um outro que antes se absteria e agora votava a favor, dando a entender, na declaração de voto, que o fazia a contragosto, «a moção do PS e da APU critica o presidente do executivo, arq. Coelho de Magalhães, por se ter apresentado «publicamente ao lado de Franco Nogueira, no acto de lançamento da obra que exalta o regime deposto com o 25 de Abril». A moção reprova não só a cedência da Casa do Infante para um acto publicitário daquela natureza como a forma como tal deliberação foi tomada.

MDP/CDE promove magusto convívio em Sta. Iria de Azoia

Neste tempo de castanhas quentes que os políticos tentam passar de mão em mão, o MDP/CDE promove amanhã, em Manjões (Santa Iria de Azoia), um magusto-convívio que terá lugar a partir das 12 horas. Para além das castanhas quentes, e da imprescindível água-pé, que os organizadores dizem não faltar, está prevista uma intervenção política a cargo do vice-presidente daquele partido, António Gaiardas, seguida de uma sessão de variedades.

Freitas do Amaral sobre as Forças Armadas

Promoção de generais tem componente política

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Freitas do Amaral, defendeu ontem que o Governo «não pode ser excluído de competências em relação às Forças Armadas».

«Nenhum Governo — disse Freitas do Amaral ao programa televisivo «Página Um» — pode aceitar que em relação às Forças Armadas lhe sejam atribuídas responsabilidades, mas nenhuma competência».

Citando o caso das democracias ocidentais, nomeadamente os países da NATO, o ministro da Defesa afirmou que as decisões políticas referentes às Forças Armadas devem pertencer ao Governo, enquanto as decisões funcionais devem pertencer às próprias Forças Armadas.

Afirmando que a matéria sobre promoções terá que vir a ser decidida pela Assembleia da República, Freitas do Amaral acrescentou que, em sua opinião, a promoção até ao posto de coronel ou capitão-de-fragata deverá competir à entidade militar.

A partir da categoria de oficial-general a promoção deverá ter a homologação do Governo por existir, neste caso, «uma componente militar e outra política».

«Se existe uma compo-

nente política — disse — quero ver os órgãos políticos a assumir a responsabilidade».

Acrescentou que se existem hoje interferências em matéria de promoção elas derivam do Conselho da Revolução.

Defendeu que em relação às chefias militares deve ser o Governo a fazer a proposta, partindo a nomeação do Presidente da República.

Referindo-se ao chamado documento Melo Egidio, o ministro da Defesa, que disse saber-se hoje constituir «um mero documento de trabalho», criticou-o por, em seu entender, não ter em conta a próxima revisão constitucional e a consequente subordinação das Forças Armadas ao poder civil.

Freitas do Amaral declarou que as matérias abordadas no documento só deveriam ser levantadas depois da revisão constitucional e da discussão, pela Assembleia da República, da Lei da Defesa Nacional.

Disse também que, devido à proximidade da concretização da revisão constitucional, o Conselho da Revolução não devia legislar em matéria de Defesa Nacional, mas antes entrar em diálogo com o Governo.

«Isto — acrescentou — para impedir que surja legislação revogável poucos meses depois».

Freitas do Amaral disse não acreditar que existam riscos de as Forças Armadas não aceitarem a decisão da Assembleia da República.

Contudo, adiantou que «há o risco de se gerarem movimentos de opinião tendentes a impedir que a revisão se faça».

Comentando um alegado nervosismo do poder político sempre que há declarações de chefes militares, o ministro da Defesa declarou que «em todo o mundo introduzem-se limitações à liberdade de expressão pública dos militares porque isso pode ser tomado pela opinião pública como um pronunciamento militar».

Defendeu, por último, a divulgação do Relatório sobre Timor por ter permitido aos acusados a possibilidade de defesa.

Afirmou, no entanto, que a situação não é a mesma quanto aos ficheiros da PIDE, que «não têm credibilidade democrática, como o Relatório de Timor, e são negativos em relação às figuras que combateram o regime», antes do 25 de Abril.

Segundo o delegado da Indonésia na ONU

“Estatuto de Timor Leste é inegociável”

«O estatuto político e constitucional de Timor Leste é inegociável, quaisquer que sejam as conversações com Portugal» — afirmou ontem o representante da Indonésia nas Nações Unidas.

Anwie Sani revelou-o: representantes de Lisboa e de Jacarta encontraram-se em Setembro para tratar da situação daquela antiga colónia e território sob jurisdição portuguesa, pelo menos teoricamente e de acordo com o vigente no âmbito do Direito Internacional.

Que este encontro se realizou, o MNE confirmou-o à ANOP: foi em Haia, e Portugal esteve representado por um alto funcionário das Necessidades. Pela outra parte, foi o embaixador da Indonésia em Paris.

Falando na quarta comissão da ONU, Sani reafirmou a posição oficial de Jacarta segundo a qual os timorenses exerceram o seu direito à autodeterminação, optando pela integração na Indonésia. E esta decisão é «irrevogável» e inegociável.

No dia 21 de Setembro, o ministro responsável pela pasta dos

Estrangeiros de Portugal, André Gonçalves Pereira afirmou nas Nações Unidas — lembra entre tanto a ANOP — que Portugal não considera adequada uma resposta indonésia que recuse a consideração dos aspectos políticos da questão de Timor.

A missão portuguesa na ONU afirmou à imprensa que o delegado indonésio repetiu posições já assumidas anteriormente pelo seu país, e confirmou a alegação de Portugal segundo a qual a Indonésia se mantém irredutível no que se refere à autodeterminação de Timor.

Acrescentou que a intenção da Indonésia visa fazer retirar o assunto da agenda da quarta comissão e da Assembleia Geral das Nações Unidas, contrariamente ao projecto de resolução subscrito por 23 países e ao qual Portugal concedeu apoio.

Fonte diplomática citada pela ANOP diz que as embaixadas portuguesas estão, de acordo com ordens de Lisboa, a conduzir diligências nas respectivas capitais no sentido do reforço do apoio ao referido projecto de reso-

lução que deverá ser aprovado nos próximos dias.

A questão de Timor só poderá ser eliminada da agenda quando for derrotada por um projecto de resolução semelhante.

O embaixador indonésio disse ainda na quarta comissão das Nações Unidas que a administração colonial portuguesa «fugiu» de Timor em 1975, «abandonando totalmente a sua responsabilidade como potência administrante».

E negou a existência de fome em Timor, lendo passagens de um livro de memórias de um timorense que teria sido recrutado à força pela Fretilin em fins de 1975 e em que se descreviam em pormenor atrocidades alegadamente cometidas por aquele movimento.

O timorense, tratar-se-ia do irmão do representante da Fretilin na ONU, José Ramos Horta. Nome dele: Arsénio Ramos Horta.

Em declarações à ANOP, porém, Ramos Horta considerou «irrelevantes» as acusações feitas pelo delegado da Indonésia.

Lemos Ferreira na Academia

O vínculo Forças Armadas-Nação perspectivado pelo CEMFA

O general Lemos Ferreira, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, afirmou ontem num discurso pronunciado na sessão solene da abertura do ano lectivo na Academia da Força Aérea, que, «muito realisticamente, não faz sentido morrer por algo que não nos sensibiliza intimamente e que colocamos acima de nós».

Aquele chefe militar, que se notabilizou pelo afastamento através dos conselhos superiores de disciplina, de numerosos militares do 25 de Abril, mostra-se preocupado com o problema da inserção social da instituição militar, e salienta que nessa inserção «não pode nem deve ignorar-se a dupla função de vaimém: defende os interesses do colectivo, mas é, simultaneamente, carente do reconhecimento moral e do apoio material equilibrado e dignificante das suas funções, por parte da so-

ciiedade que serve e a que pertence».

Aludindo aos «países livres e democráticos», o CEMFA referiu como um dos temas frequentemente debatidos nesses países, o da «amplitude e profundidade do desafio que se coloca actualmente à instituição militar, face à sociedade que serve e em que se integra», considerando a democracia como «um método participativo alargado, empenhado na realização do projecto político escolhido em liberdade pela Nação».

Reconhece contudo o general Lemos Ferreira, que no contexto essencialmente militar «não é fácil delimitar os contornos desta mesma metodologia, dados os riscos, sempre presentes, da rápida entrada na área de conflito dos normativos orgânicos e funcionais, relativamente aos comportamentos individuais».

Cap. tenente Machado dos Santos apreciado em Conselho Superior

A situação que actualmente se verifica na Marinha está a causar fortes apreensões em sectores cada vez mais vastos.

Na verdade, a ainda recente e discutida promoção ao posto de capitão-de-mar-e-guerra de cerca de 40 oficiais — número inédito na Armada visto ser superior ao próprio quantitativo de lugares no quadro originando uma leva de promoções aos outros postos — continua a criar situações controversas e susceptíveis de abalar aquele ramo das Forças Armadas.

Depois das anomalias verificadas na promoção dos capitães-de-mar-e-guerra e da preterição, originada em pareceres do Conselho de Promoções do ramo, de cerca de 30 por cento dos oficiais apreciados, surge agora um novo caso com as promoções a capitão-de-fragata. O capitão-tenente Machado dos Santos vai ser (ou terá já sido) apreciado pelo Conselho Superior da Armada, o qual terá de avaliar se esse oficial possui «qualidades pessoais, intelectuais e profissionais necessárias para o desempenho das funções do posto imediato».

A situação causa estranheza uma vez que o oficial em questão, anteriormente apreciado pelo Conselho Superior de Disciplina da Armada, para efeitos de avaliação da primeira Condição Geral de Promoção (bom comportamento militar e civil e perfeito espírito militar), foi considerado, por unanimidade, detentor desses requisitos. Tratando-se de um dos primeiros classificados do seu curso na Escola Naval e do oficial da sua geração no qual a Armada mais terá investido em cursos pós-graduação, essa estranheza é tanto maior.

O pretexto

Por outro lado, o caso assume

ainda perspectivas algo confusas por se saber que o pretexto de toda a situação terá consistido — diz-se à boca cheia — em cartas particulares dirigidas ao então capitão-de-fragata Sousa Leitão, responsável pelo acompanhamento do curso de engenheiro geógrafo que Machado dos Santos frequentou em França, e em relatórios mandados arquivar pelo Director do Instituto Hidrográfico. Cartas e relatórios esses que o próprio Sousa Leitão teria «desenterrado» em 1976 para motivar a apresentação do oficial em questão ao CSDA, Sousa Leitão, hoje almirante e Chefe do Estado-Maior da Armada, tomou a iniciativa promovendo a apresentação de Machado dos Santos ao CSA, ao qual, por inerência de funções, preside.

A perplexidade dos observadores do caso cresce ainda quando se sabe que Machado dos Santos não exerce quaisquer funções militares na Armada há cerca de dois anos e vem utilizando o tempo que assim lhe fica livre para colaborar, a título gracioso, numa empresa do ramo de Hidrografia.

Esta empresa, com duas escassas dezenas de trabalhadores, realiza boa parte do trabalho útil executado na área da hidrografia do nosso país. De referir ainda que, sendo o almirante Sousa Leitão engenheiro hidrógrafo e tendo cumprido quase toda a sua carreira naval no Instituto Hidrográfico, é de estranhar toda esta acção contra um oficial da sua especialidade, mormente a sua não utilização pela Armada quando se sabe não dispor a Marinha de mais que uma dezena de engenheiros hidrógrafos, dos quais nem todos a trabalhar na especialidade.

PROPRIEDADE NO ALENTEJO VENDE-SE

Com cerca de 20 hectares, 3 casas de habitação, furos artesanais para captação de ÁGUAS, ELECTRICIDADES E VÁRIOS APETRECHOS AGRÍCOLAS. Preço muito acessível.

Resposta a este jornal ao N.º 7117

Estado-Maior do Exército DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que no Conselho Administrativo desta Direcção — Av. Infante Santo, 49, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	DESIGNAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS DATA HORA
62/81-Mat	Aq. 1 viatura para transporte e recolha de lixo	2,5% do valor da proposta	20 Nov. 81 15.00 H

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 17 horas.

As propostas devem ser entregues até às 17 horas do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O PRESIDENTE DO C.A.
Fernando Joaquim Silva Pontes
Major de A.M.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 14.º JUÍZO Proc. 140/A 3.ª SECÇÃO ANÚNCIO

No dia 12 de Novembro, pelas 10 horas, a porta deste Tribunal, não-de ser postos em 2.ª praça para serem arrematados com base em metade do valor do indicado no processo, uma máquina Auditronic com a matrícula n.º 7004215, oito cassetes de fita magnética, e um leitor de tarja magnética, A-777, com duas caixas porta-fichas e uma predisposição de coligação, penhorados à executada Auditronic e Informática, Lda, com sede na Av.º 5 de Outubro, 77-1.º, nesta cidade de Lisboa, na Execução de Sentença que lhe move Olivetti Portuguesa, SARL.

Lisboa, 28 de Outubro de 1981

O Juiz de Direito
(a) José da Cruz Rodrigues
O Escrivão Adjunto
(a) António Almeida Moutinho

reportagem

"Corrupção" traz concelho em bolandas

Ílhavo: "Tricilíndrico monolugar para voar com leme hidroaéreo"

Ílhavo se chama esta vila, concelho, que emerge dos braços da ria e da presente gestão municipal. Illiabum está pelas paredes dos paços do concelho, os velhos, que novos espaços se desenhavam com compra de terrenos.

Há aqui um presidente da Câmara que foi capitão de bacalhoeiros. Há aqui dois vereadores da oposição, um para o PS e outro APU. Aqui há perda de mandato decretada pelo ex-capitão. Ali há uns serviços municipalizados que avançam no nevoeiro da desorganização, do deixa-andar, da corrupção como as acusações fazem constar.

Corre um inquérito mas não se cansam as vozes. Outros casos emergem, as compras, as vendas, a indiferença. A população recorta-se com um fundo de boletim de voto nas sementeiras da batata, da couve, nas carreiras dos campos.

E a oposição luta dentro dos limites das suas forças. Assistimos, de passagem, à retirada do vereador PS pelas mãos de uma força da PSP. Foi a perda de mandato determinada pelo responsável do município. Procuramos que este mesmo homem nos preste declarações, esclareça. Insulta a Imprensa. Chegamos na altura em que o governador civil se contradiz publicamente em comunicado, com o seu parecer enquanto cidadão e jurista.

Então entramos na Câmara. Está ali o tempo parado. Nas pa-

redes, em azulejos, patenteiam-se tempos memoriais. «Ílhavo — D. Manuel I lhe outorgou foral novo a 8 de Março de 1514». Ou: «Ílhavo é tradição que teve foral em tempo de el Rei D. Diniz».

A «mão do homem» acrescentou depois, em tempos mais próximos (quando, quando?), algumas outras máximas: «Nem sempre a cavar / nem sempre a voar / a praça e seus ajardina-mo-...». E: «Tricilíndrico monolugar para voar com leme hidroaéreo». Nas escadas, ao lado de um cartaz / convite para a PSP um «intermezzo»: «A vossa segurança está dentro, em grande parte, da nossa «proficiência».

«Sic» — digo para comigo.

E avanço que se faz tarde.

Isto não fica assim...

O caso da Câmara de Ílhavo não vai terminar com a leitura da sentença, marcada para hoje, ao fim da tarde, do julgamento do vereador Senos da Fonseca, do PS, que foi levado à barra do tribunal de Aveiro sob a acusação de «desobediência» à autoridade, no caso da PSP.

O caso não terminará aqui porque, desde logo, a acusação e a defesa, o Ministério Público e o dr. Carlos Candal, não prescindiram da possibilidade de vir a ser apresentado recurso da sentença.

Mas não é tudo. O problema da Câmara de Ílhavo vai arrastar-se porque não estão esclarecidas as acusações de corrupção que têm sido formula-

das ao executivo municipal, com maioria AD e liderado por José Bilelo, nome do ex-capitão.

O esclarecimento das acusações formuladas pelo vereador do PS que agora foi levado a tribunal serão porventura esclarecidas através de inquérito que oportunamente foi solicitado ao Ministério da Administração Interna e que corre os seus trâmites.

Esse pedido de inquérito relacionava-se estritamente com as anomalias verificadas por Senos da Fonseca quando quase foi obrigado a aceitar o cargo de administrador dos Serviços Municipalizados de Ílhavo. A constatação da corrupção, que, aliás, já havia sido feita e denunciada internamente por um engenheiro-director de serviços, foi o ponto de partida para a ruptura que se verificou a nível de vereação, com a declaração de perda de mandato, por iniciativa de José Bilelo e relativa ao vereador do PS.

Os efeitos de todas as anomalias já eram, de qualquer modo, do conhecimento de toda a população que sentia todos os dias resultado da deficiente ou inexistente gestão dos Serviços Municipalizados de que José Bilelo é presidente por inerência.

Tudo isso era evidente: as cobranças e leituras de água e luz eram feitas quando calhavam e as contas apareciam em conjunto, com verbas em muitos casos inexplicáveis. As reclamações, disseram-nos, eram sumariamente resolvidas como

terá acontecido num caso em que se verificou uma redução imediata de cerca de 90 por cento na conta inicialmente apresentada.

Isso era o que transpirava da anarquia e corrupção nos Serviços Municipalizados. Senos da Fonseca deparou com factos muito mais graves quando entrou nos S.M. Armazéns sem inventários nem movimento de entradas e saídas; balancetes tecnicamente errados; cobradores que ficavam com o produto das cobranças durante meses em depósitos bancários próprios.

Apressou-se a procurar atalhar esses males com todo o cortejo de prejuízos que implicava. José Bilelo não foi muito receptivo a essas diligências. O vereador do PS acabaria por pedir que o inquérito se efectivasse dirigindo-se directamente ao governador civil de Aveiro.

O presidente da Câmara terá ficado pouco satisfeito com tudo isto. De resto, ao vereador da APU que tinha pedido esclarecimentos sobre o que se passava nos Serviços Municipalizados já tinha negado quaisquer informações com o pretexto de que não fazia parte da administração. Quanto ao homem do PS, declarou-lhe a perda de mandato talvez procurando evitar que formalizasse o pedido de inquérito ao MAI.

Argumento: uma obra que mandou fazer e afinal seria trabalho da Câmara.

Contudo, Senos da Fonseca

continuou a assistir às reuniões da Câmara. Mais tarde viria a exigência de que não se sentasse ao lado dos outros vereadores. Daí até fazê-lo sentar no banco dos réus tudo se passou rapidamente com o recurso à PSP para que o retirasse do seu lugar.

Corrupção acaba aqui?

Nem só por corrupção definha Ílhavo. A oposição aponta o desleixo, a falta de dinamismo, o desinteresse do executivo AD. A maioria existente daria contudo para cobrir os atropelos que ali se verificam.

«Nunca vi um concurso público para compra de torneiras, ou de fios eléctricos, ou do que quer que fosse» — conta-nos Carvalho dos Santos, vereador da APU.

«Nos Serviços Municipalizados, verifiquei que uma baixada, por exemplo, de 20 ou cem metros era cobrada pelo mesmo preço. Mas as baixas de material necessárias não eram mencionadas no armazém...» — conta-nos Senos da Fonseca.

A perda de mandato declarada a este último vereador poderá tipificar (os tribunais o dirão) um caso de abuso de poder. A contratação de um vereador CDS, que viria a perder o mandato por determinação do MAI, para os serviços jurídicos é um exemplo de ilegalidade.

E o que se há-de chamar às obras de ladrilhamento de uma zona pública na Costa Nova? É

que as obras foram iniciadas sem que a Câmara deliberasse sobre o assunto. As compras de material terão sido feitas arbitrariamente sem abertura de concurso público e não se sabe quanto irão custar. Grande parte do material, armazenado no passeio público, tem sido roubado às claras, com carregamento de camionetas.

São meros exemplos que nos apontam tudo o que se passa em Ílhavo. Ou o desprezo pelos interesses das populações: habitação social é coisa que quase não se sabe o que seja. Parques infantis há um ou outro e semia-bandonados, embora haja material para a sua reparação em armazém. É um rol longo e triste, afinal.

E a situação financeira da Câmara? «Não será má» — conta-nos alguém. E explica-nos que o pouco dinheiro que é atribuído ao município ilhavense, nem sequer esse, é devidamente aplicado, embora seja todo orçamentado.

O pior são os serviços municipalizados. É isso. O défice constatado por Senos da Fonseca já era da ordem dos 120 mil contos. Afinal, dívidas à EDP, um dos grandes credores do distrito de Aveiro. A cobertura dessa situação, pasme-se, vai ser ultrapassada à custa de todos nós, com dinheiros públicos. Ou seja, vai haver juros bonificados para que a EDP possa receber e prazos bons para reembolso.

Rogério Vidigal

SEIXAL

comemorações dos 145 anos do concelho

PROGRAMA

6 DE NOVEMBRO

8.30 • ALVORADA

15.00 • INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE COLAGENS DE FÁTIMA VIDEIRA (aberta até 15 de Novembro)

15.30 • INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "O TRABALHO NA HISTÓRIA DO CONCELHO DO SEIXAL"

18.30 • INAUGURAÇÃO DA ILUMINAÇÃO PÚBLICA NO BONFIM

21.30 • SESSÃO SOLENE DA CÂMARA

Intervenções de:

— SR. PRESIDENTE DA CÂMARA

— DR. ANTÓNIO NABAIS

— SR. MANUEL REBELO

: Autarquias e População no concelho

: Aspectos históricos do concelho

: Factos da vida do Seixal

• CENTRO DE DIA DA 3ª IDADE — SEIXAL

• ASSOCIAÇÃO NAUTICA DO SEIXAL

• BONFIM-FOROS*AMORA

• SOC. F. D. TIMBRE SEIXALENSE — SEIXAL

LANÇAMENTO DA MEDALHA COMEMORATIVA

7 DE NOVEMBRO

• CONCERTOS COM AS BANDAS FILARMÓNICAS

21.30 — BANDA DA SOCIEDADE F. OPERARIA AMORENSE

17.00 — BANDA DA SOCIEDADE F. D. TIMBRE SEIXALENSE

18.00 — BANDA DA SOCIEDADE F. UNIÃO SEIXALENSE

• S.F. D. TIMBRE SEIXALENSE

• S.F.U. ARRENTELENSE

• S.F.U. SEIXALENSE

8 DE NOVEMBRO

• CONCERTOS COM AS BANDAS FILARMÓNICAS

17.30 — BANDA DA SOCIEDADE F. UNIÃO ARRENTELENSE

21.30 • CORO SHALOM (música coral) e

SEGREIS DE LISBOA (música do Renascimento ao Maneirismo)

• S.F.O. AMORENSE

• IGREJA DO SEIXAL

organização da

Câmara Municipal do Seixal

MURPI

MOVIMENTO UNITÁRIO DOS REFORMADOS, PENSIONISTAS E IDOSOS

Tv. da Portuguesa, n.º 15-1.º — 1200 Lisboa

A Comissão Coordenadora Nacional do Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos — MURPI — em reunião realizada em 4 de Novembro de 1981, aprovou a seguinte

MOÇÃO

- 1 — Considerando que a revisão da Constituição da República está a processar-se no mais completo segredo, sem a participação e sem o conhecimento do Povo Português;
- 2 — Considerando os processos de aliciamento, para obter uma maioria de dois terços, com que a AD pretende lançar areia nos olhos de eventuais aliados;
- 3 — Considerando os compromissos à sombra dos gabinetes para comprometer o eleitorado do PS;
- 4 — Considerando que a não existirem tais compromissos não haveria tanto arreganho da AD;
- 5 — Considerando que se deve à política de entendimentos do PS de Mário Soares com a direita, a famigerada Portaria 94/77 que abriu as portas à acção anti-social e de genocídio levada a cabo pelos governantes da AD que vêm vitimando os reformados, pensionistas e idosos;
- 6 — Considerando ser dever dos cidadãos fazer ouvir a sua voz contra a situação que a AD vem pretendendo criar para o Povo Português, mormente através da revisão antidemocrática da Constituição. Na base destes considerando os reformados, pensionistas e idosos repudiam com a maior veemência as tentativas da AD para reter todo o poder sob o controlo dos partidos reaccionários e em especial as Forças Armadas, invertendo a marcha da revolução do 25 de Abril; denunciam os compromissos negociados nas costas do Povo Português e apelam para todos os verdadeiros democratas no sentido do reforço da unidade contra qualquer espécie de revisão da Lei Fundamental do País que possa servir os intentos de nos matarem mais rapidamente e apunhalarem pelas costas a Democracia e a Independência Nacional. Sentindo, como ainda sentem, na própria carne, as cicatrizes da exploração e repressão do meio século de fascismo, os idosos, inválidos e viúvas, aglutinados no MURPI, exigem de todos os deputados, sinceramente virados para o futuro de Liberdade e Progresso, que honrem o mandato que receberam através do voto popular, e ao exigi-lo afirmam que sabem distinguir os amigos verdadeiros que servem o Povo, dos falsos amigos que se servem do Povo.

A Comissão Coordenadora Nacional do MURPI

de ontem para hoje

Longas esperas
em Oncologia

Doentes candidatos a consultas externas (alguns oriundos de locais tão remotos como os Açores ou Trás-os-Montes) aguardam durante longas horas, no Instituto de Oncologia, a oportunidade para serem observados pelos médicos e muitos deles acabam por não ser atendidos. Segundo um testemunho chegado ontem à nossa Redacção o «quadro» mais evidente, neste capítulo, observa-se no Serviço Cirúrgico-2 (na foto), onde pontifica o bastonário da Ordem dos Médicos, Gentil Martins. Há dias, por exemplo, cerca das 13 horas (as bichas começam a formar-se por volta das sete) os médicos decidiram interromper as consultas quando ainda faltavam bastantes doentes para observar. Um deles disse mesmo: «Estou estorçado, já vi hoje trinta doentes. Não estou em condições». O problema seria mais tarde resolvido com o regresso de dois dos clínicos (Peres Alves e Isabel Cabral). Apenas uma observação: se não há capacidade de resposta para atender tantos doentes num dia porque são marcadas as consultas?

CLCR exige: Inquérito
à morte de Nuno
Morais Neto

A Comissão de Luta Contra a Repressão (CLCR) exigiu ontem a realização de um «inquérito público às condições em que morreu» em Lisboa, na madrugada da última quarta-feira, Nuno Moraes Neto. Em comunicado, a CLCR afirma que Nuno Neto morreu no Hospital de S. José para onde foi transportado depois de na Rua Castilho ter sido alvejado a tiro pela PSP. «Mais uma vez, a Polícia «atirou» para as pernas e Nuno Neto foi morrer ao hospital» — diz o texto. A referida comissão de luta «alerta a opinião pública para a frequência com que ultimamente se estão a verificar casos destes».

Numa central nuclear:
operário português
vitimado em França

Um operário português, Carlos Branco, morreu ontem de manhã com fractura craniana, ao cair da altura de três metros, nas obras de construção da Central Nuclear de Saint Alban-Saint Maurice L'Exil, perto de Vienne (Isère-França), Carlos Branco, de 37 anos, servente, casado e pai de dois filhos, trabalhava para uma empresa de construções metálicas de Estraburgo.

Três jovens armados:
ourivesaria assaltada
em Rio Tinto

Três jovens assaltaram, cerca do meio-dia de ontem, uma ourivesaria em Rio Tinto (Porto) levando 54 contos em notas de banco e artigos de ouro com o peso de 150 gramas. Os assaltantes, armados de pistolas-metralhadoras, transportavam-se num automóvel de cor branca que ficou etacionado a cerca de cem metros da ourivesaria «Pompeu», demorando à volta de cinco minutos a executar o roubo, segundo revelou o proprietário do estabelecimento, Pompeu Moutinho.

UCP's de Portalegre:
acórdãos têm
de ser cumpridos

As UCP's e cooperativas do distrito de Portalegre, com acórdãos favoráveis, exigem, em comunicado ontem distribuído, o cumprimento das decisões dos tribunais, ao mesmo tempo

que solicitam aos ministros da Agricultura e da Justiça uma audiência no sentido de esclarecerem a situação. As UCP's e cooperativas condenam as acções do MAP que volta a entregar terras a absentistas e sabotadores e a não resolver os problemas concretos da agricultura que tanto preocupam o País, exigindo também o cumprimento integral da lei, para que se possa semear, produzir e planificar em paz.

Guarda Fiscal em
Outubro: 222 mil
contos de apreensões

A Guarda Fiscal apreendeu em Outubro último, por presunção de delito fiscal, diversos produtos avaliados em 222 mil contos, segundo anunciou ontem o gabinete do chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal. As apreensões, que totalizaram o valor mensal mais elevado obtido durante o corrente ano, foram efectuadas no decurso de 690 operações levadas a cabo pela GF em todo o território nacional.

Sá Flores: poemas
ditos por
Fernanda Lapa

A actriz Fernanda Lapa dirá esta noite, a partir das 19 horas, no auditório da Sociedade de Língua Portuguesa (Rua de S. José, 41, 2.º, em Lisboa) poemas de Sá Flores (na foto), extraídos das obras «Cabana da Liberdade» e «Justiça Flor de Arado». Sobre Sá Flores, que perdeu a vista na guerra colonial, escreveu Bernardo Santareno: «Inventem obstáculos. Ele derrubá-los-á, tenho a certeza. É a febre. Febre ardente e criadora. Sá Flores é já um criador. E virão mais poemas, contos e romances. Terão de contar com ele». Durante a sessão, Sá Flores recitará também alguns dos seus poemas, estabelecendo depois diálogo com os presentes.

Números de Outubro
PSP de Lisboa recuperou
143 dos 194 carros roubados

● Porto: descem os delitos, sobem os acidentes de viação

A Divisão de Trânsito da PSP de Lisboa recuperou 143 dos 194 viaturas furtadas em Outubro, segundo o comando-geral da corporação. A mesma Divisão efectuou 37 capturas e detenções por condução ilegal no mês passado e passou 780 autuações.

Alterações de características de veículos (19 casos constatados), derrame de óleo na via pública, falta de apresentação de carta de condução, do cinto de segurança (193 autuações em cada caso), excesso de fumos e por circularem nos corredores de transportes públicos, eis alguns exemplos tipificados de autuações, cujo total a Divisão de Trânsito de Lisboa refere ter

atingido 780. Por outro lado, no mesmo período foram fiscalizados 12 061 veículos.

A DT de Lisboa efectuou 76 operações «stop» e prestou os seus serviços a 901 acidentes participados. Enviou a tribunal — ainda no mesmo espaço de tempo — 553 processos e 46 a entidades diversas. Relativamente a acidentes de viação, a nota do comando-geral da PSP explicita: 237 atropelamentos de peões, 164 choques entre viaturas ligeiras, 36 choques com obstáculos e 464 sem consequências especiais.

Enquanto isso, no Porto, diminuía o número de acções delituosas, segundo o comandante distrital da PSP, coronel Mário

César Teixeira. Num encontro com a Imprensa, o comandante distrital do Porto revelou que durante o mês findo ocorreram 336 acções de roubo — menos 43 que em Setembro —, procedendo a corporação a 17 operações de «rusga», inspecionando 107 estabelecimentos, mais de mil (1269) homens e 557 mulheres suspeitas, detectando 71 infrações ao regulamento policial do distrito e outra legislação. Procedeu ainda a 73 capturas em flagrante delito de roubo a estabelecimentos comerciais (33), viaturas (28), habitações (7) e pessoas (5). Por outro lado, deteve 188 indivíduos, designadamente por desordem e agressão (12), desobediência e injúrias

(24), posse de droga (51) e condução ilegal (53).

Mas se desceu a actividade criminal no mês findo por comparação com Setembro ou Outubro do ano anterior, aumentou o número de acidentes de viação, o que se fica a dever, sobretudo, à inobservância e desrespeito da sinalização por parte dos condutores. Em Outubro ocorreram 610 acidentes de viação (542 em Setembro), dos quais resultaram seis mortos e 342 feridos, números apenas relativos à jurisdição do Porto. A maior parte dos acidentes (325) envolveu veículos automóveis, mas houve também maior número de atropelamentos (144) do que em Setembro.

Distribuição de reservas vai continuar

— diz o secretário de Estado da Reestruturação Agrária

A distribuição de reservas não terminou e ainda este mês serão entregues mais terras a rendeiros e seareiros da Zona da Reforma Agrária, declarou ontem em Montemor-o-Velho (Coimbra) o secretário de Estado da Reestruturação Agrária, João Maças.

As declarações daquele responsável foram feitas no final de uma reunião com técnicos da Direcção Regional do MAP e do projecto de desenvolvimento agrícola do Baixo Mondego.

Um grupo de trabalho do Ministério iniciou esta semana, segundo revelou, uma série de estudos com vista ao levantamento da situação económica e técnica das unidades colectivas de pro-

dução (UCP's). Estes trabalhos destinam-se a «inviabilizar as UCP's que não reúnam as condições técnicas e económicas necessárias e a apoiar e desenvolver as restantes, para as quais poderão ser feitos contratos de arrendamento com a duração de seis anos».

«Vícios e
situações anormais»
no processo de entregas

Os casos de ilegalidade nas entregas, resolvidos favoravelmente às UCP's pelo Supremo Tribunal Administrativo, revelou ainda João Maças, mereceram da parte do seu departamento

um pedido de parecer à Procuradoria Geral da República, relativamente à actuação a ser praticada pelo MAP.

O secretário de Estado da Reestruturação Agrária qualificou a situação de melindrosa, pois a posse das terras foi cometida aos reservatórios na altura da entrega, tendo acrescentado que o parecer pedido à Procuradoria visa solucionar os problemas em termos de menor prejuízo para as partes.

Confirmou a existência de alguns «vícios e situações eventualmente anormais» nos anteriores processos de entrega de reservas, mas pôs dúvidas em classificá-los como ilegalidades.

João Maças anunciou, por outro lado, que a fase de execução do projecto de desenvolvimento agrícola do Baixo Mondego deverá iniciar-se em 1983. Adiantou que, neste momento, o projecto se encontra em fase de estudo, com vista ao emparcelamento dos vários prédios rústicos.

O secretário de Estado, que era acompanhado pelo director do Instituto de Gestão Fundiária e pelo director-geral de Hidráulica e Engenharia Agrícola, entre outros, visitou no final daquela reunião as obras em curso no Baixo Mondego, na região de Montemor-o-Velho, seguindo depois para o Norte do País.

ensino

Vitor Crespo reconhece

MEU é uma máquina que funciona mal

O professor Vitor Crespo admitiu quinta-feira em Coimbra, que o Ministério da Educação e Universidades «é máquina que funciona mal e mal vai funcionar até que se consiga a descentralização do ensino», informa a ANOP.

O ministro da Educação afirmou também que o sistema de ensino «é um inferno com 1.299.000 alunos e 120 mil professores a baterem às portas do Ministério com problemas pessoais e de conjuntura».

Vitor Crespo desenvolvia, na Faculdade de Letras, o tema «Sistema Educativo», incluído na série de colóquios sobre «Projectar o futuro rumo à Europa», organizadas pela comissão conceleira de Coimbra do PSD. O ministro aludiu igualmente às carências e dificuldades que fazem de Portugal o país europeu, a seguir à Turquia, com maior índice de analfabetismo, menor número de alunos no Ensino Secundário e de mais escassa percentagem de diplomados nos cursos superiores.

A implantação tardia da escolaridade obrigatória e falta de quadros docentes na altura da sua instituição foram apontadas como duas razões do fenómeno.

Desconvocada
a greve na
D. Dinis

A greve dos trabalhadores da

antiga escola agrícola da Paia marcada para o dia 11, foi ontem desconvocada por ter sido ultrapassado o diferendo que impedia o pagamento dos salários de Outubro — soube a ANOP.

Foi também satisfeita outra das reivindicações dos trabalhadores da Escola Agrícola da Paia (actualmente denominada Escola Secundária D. Dinis), próxima de Odivelas, no sentido de ser assinado o decreto que regulamentava a passagem da escola para a tutela do Ministério da Educação e Universidades.

O decreto termina com a dependência daquele estabelecimento lectivo da Junta Distrital de Lisboa e tem estado por cumprir até agora por falta da assinatura do ministro das Finanças — disseram representantes dos trabalhadores.

Entretanto, o Governo Civil de Lisboa havia deixado desde Setembro de 1981, de orçamentar as verbas destinadas à subsistência da escola.

A determinação do ministro da Educação e Universidades no sentido de serem pagos os salários em atraso, e de decreto ser levado a assinar no próximo Conselho de Ministros, desblocou a situação, o que levou à desconvocação das formas de luta já programadas.

Demissão
no Conservatório

Conselho directivo da Escola de Música do Conservatório Nacional demitiu-se por «se terem revelado infrutíferas» sucessivas diligências no sentido de possibilitar a reestruturação daquele estabelecimento de ensino — anuncia um comunicado divulgado ontem.

Anteriormente, numa reunião, efectuada, em 12 de Outubro, o corpo docente da Escola de Música decidiu por unanimidade, não iniciar o ano lectivo, nem proceder à eleição de um Conselho Directivo, enquanto o ministro da Educação e Universidades não conceder uma audiência à comissão coordenadora de reinstalação do Conservatório Nacional.

O comunicado da Escola de Música recorda que o despacho 379/80 do ministro da Educação e Universidades apontava para a publicação de um decreto-lei que viabilizaria a reestruturação do Conservatório Nacional.

Sucedeu no entanto, que se continua a aguardar a sua publicação, pelo que uma situação que logicamente deveria ser breve e transitória passou a indeterminada e já com a duração de um ano lectivo — acrescenta o

comunicado.

Antes do termo do último ano lectivo, a Comissão Coordenadora de Reinstalação, o órgão máximo do Conservatório, solicitou uma audiência ao ministro da Educação e Universidades, audiência que não foi concedida.

Dada a persistência de «condições que impedem o normal funcionamento das actividades escolares», o pedido de audiência foi renovado em 18 de Setembro, sempre sem qualquer resposta.

O pedido de audiência era acompanhado por uma exposição com «a enumeração dos gravíssimos problemas gerados pelo vazio legal em que o Conservatório Nacional se encontra desde 1971», situação que gera «prejuízos incalculáveis quer para alunos e professores, quer, de uma forma geral, para o ensino profissional da música no nosso país».

Face ao mutismo do Ministério da Educação e Universidades, o corpo docente da Escola de Música decidiu não iniciar o ano lectivo e não proceder à eleição de qualquer conselho directivo, «enquanto não for concedida a audiência solicitada e nela acordada a via que conduza à real solução dos problemas que afectam o Conservatório Nacional».

Degradação da RN deve-se à política do Governo AD

-acusam os trabalhadores

A comissão central de trabalhadores (CCT) da Rodoviária Nacional (RN) denunciou a existência de viaturas novas paradas, enquanto há passageiros na região de Lisboa que, tendo passe, têm de utilizar outros transportes a pagar.

Em conferência de Imprensa, a CCT criticou vários aspectos da política do Governo em relação à gestão da RN.

A CCT afirmou que as dívidas do Estado à empresa relativas aos anos de 1978, 1979 e 1980 ascendem a cerca de dois mil milhões de

escudos, acusando o Governo de não cumprir o acordo de saneamento económico financeiro (ASEF), assinado em meados de 1978.

Considera que «o não cumprimento do ASEF por parte dos Governos AD visa «a asfixia financeira da empresa para justificar o seu desmantelamento e desnacionalização». Afirma ainda que o governo «continuou a atrasar o pagamento das indemnizações compensatórias previstas no Orçamento Geral do Estado», o que provocou este ano a degradação cons-

tante da situação de tesouraria.

A CCT criticou o Governo por reduzir a menos de metade os investimentos previstos para a rota de passageiros da RN em 1981, o que - afirmou - se reflectirá na qualidade do serviço prestado ao público e nas condições de trabalho na empresa.

Os representantes dos trabalhadores sublinharam que se opõem ao desmembramento da empresa, nomeadamente «à cessação ilegal da exploração do Hotel Eva» em «condições desvantajosas para a Rodoviária Nacional».

A CCT indicou ainda que os trabalhadores da Rodoviária exigem o cumprimento da lei das comissões de trabalhadores, nomeadamente a tomada de posse do gestor eleito, o pagamento das dívidas do Estado à empresa e o cumprimento do ASEF.

Os gastos com os cerca de 15 mil trabalhadores da RN desceram de 43,3 por cento dos gastos no primeiro semestre de 1980 para 35 por cento no mesmo período de 1981, tendo mesmo descido em valor absoluto - acrescentou a CCT.

CGTP intensifica luta contra a política do Governo

A CGTP-IN decidiu, na reunião do seu Secretariado Nacional, a mobilização dos trabalhadores e a intensificação da luta de massas como forma de protesto contra a política do Governo AD de ataque aos direitos e conquistas dos trabalhadores. Entre outras medidas tomadas destaca-se a proposta daquela central sindical para que os trabalhadores mandatem, após plenários de empresa e outras reuniões, a CGTP para marcar e organizar, em data oportuna, manifestações de rua precedidas ou seguidas de greves.

A revisão constitucional foi também tema importante da reunião do organismo máximo da CGTP, que exige a sua participação no processo, a propósito, reafirma a sua disposição

de se opor «com a maior firmeza a quaisquer alterações do texto constitucional de que possa resultar a alteração do actual equilíbrio de poderes entre os diversos órgãos do Estado e o enfraquecimento do sistema de fiscalização da constitucionalidade das leis e de garantia da Constituição».

O Secretariado Nacional da CGTP realçou também a necessidade de combater a proposta de lei apresentada pelo Governo sobre os despedimentos individuais e os contratos por consideração que a mesma tem como «objectivo imediato a liberalização dos despedimentos» e exortou os trabalhadores a lutarem pela «paz e cooperação internacional».

Químicos vão endurecer a luta

As federações envolvidas no processo de negociações do CCTV da Indústria Química reuniram-se a meio da manhã, a fim de decidirem novas greves para o sector, no seguimento das reuniões ontem havidas com os sindicatos ligados ao contrato em causa.

Segundo um porta-voz da Federação Química e Farmacêutica, deverão ser marcadas, ainda hoje, greves mais prolongadas se, na reunião de conciliação marcada para esta tarde, se mantiver «o impasse criado pelo patronato desde 9 de Setembro».

O sector químico paralisou 24 horas no dia 29 de Outubro, para exigir ao patronato que inicie as negociações do contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV) da Indústria Química.

Têxteis

Centenas de dirigentes e activistas sindicais do sector têxtil concentraram-se ontem junto ao Ministério do Trabalho, em Lisboa, para repudiar a intenção do Governo de publicar uma portaria de extensão. A portaria estenderia a todo o sector, constituído por cerca de 250 mil trabalhadores, um contrato negociado entre as entidades patronais e o Sindetex, organização sindical criada em 1980 e afecta à UGT. A Federação dos Têxteis, que afirma representar 80 por cento dos trabalhadores do sector, reclama o direito à livre negociação de um contrato e acusa o Governo de violar as convenções 87 e 98 da OIT sobre a liberdade sindical e contratação colectiva,

tendo já apresentado uma participação à Organização Internacional do Trabalho.

Entretanto, os trabalhadores têxteis cumpriram ontem em todo o País uma greve de 24 horas (à excepção da Zona Sul, onde a paralisação foi de metade d tempo). Os trabalhadores da zona da Covilhã paralisam três dias na próxima semana (terça, quarta e quinta-feira) enquanto os da Zona Sul estarão em greve durante duas horas por dia, de segunda a quinta-feira.

EPNC

Iniciou-se esta manhã e termina amanhã às 8 horas, a greve dos trabalhadores da empresa proprietária de «A Capital» e «Diário de Notícias», a EPNC, pelo que as edições dos dois jornais, de hoje e de amanhã respectivamente, não deverão ser publicadas.

Os trabalhadores da referida empresa lutam por um caderno reivindicativo apresentado em Setembro ao conselho de gerência, que inclui várias exigências, entre as quais um aumento de três mil escudos, para todo o pessoal sobre os salários fixados pelo contrato colectivo de trabalho e a actualização de várias regalias sociais, designadamente o subsídio de refeição, e dos complementos das participações da segurança social.

O caderno reivindicativo surgiu depois de o conselho de gerência ter aumentado as chefias (cerca de 200 dos 1700 trabalhadores da empresa), aumentos esses que ascendem a mais de mil contos anuais.

Portucel

Trabalhadores contra «estatuto de privilegiados»

PORTO, 6 (Da nossa delegação) - «Não temos dúvidas em afirmar, que, feitas as contas, os ordenados dos quadros da empresa não ficam longe dos 150 contos por mês», afirmou ontem no Porto a CT da Portucel, EP, que reuniu com a Imprensa para dar conhecimento não só dos entraves levantados pelo CG ao funcionamento das 18 sub-CT's, contrariando o disposto na Lei 46/79, como ainda da criação pelo mesmo CG do estatuto de

privilegiados dentro da empresa, em ostensivo contraste com os problemas dos restantes sete mil trabalhadores. A CT referiu-se àquele «estatuto de privilegiados», afirmando concretamente que o CG ordenou a compra de 20 automóveis para distribuir pelos directores, a quem a empresa oferece ainda 150 litros de gasolina por mês, além de lhes pagar o telefone particular instalado em suas casas, incluindo as chamadas.

A PARTIR DE 2 DE NOVEMBRO

PONTE DE SOR

GAVETO DA AVENIDA DA LIBERDADE COM A RUA VAZ MONTEIRO

Em terras trastaganas, mais uma nova Agência da CGD ao serviço das gentes do Alto Alentejo.



NOVA DEPENDÊNCIA DA
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

sempre próxima dos seus clientes

Plano de Emprego vence crise política holandesa

O Governo holandês de coligação centro-esquerda retirou ontem, o seu pedido de demissão, depois de ter chegado a um acordo de última hora sobre política económica.

A medida, que permitiu a ultrapassagem de uma crise que durava há três semanas, foi tomada na sequência de um apelo da rainha Beatriz da Holanda e da ratificação pelo gabinete de um acordo forjado numa reunião à porta fechada e na qual tomaram parte cinco ministros de sectores chave.

A rainha Beatriz aceitou depois a retirada do pedido de demissão do primeiro-ministro democrata-cristão Andreas Van Agt, que havia sido formulado a 16 de Outubro.

A coligação governamental, composta por «democratas-cristãos», «trabalhistas» e «democratas 66 (liberais de esquerda)», entrou em funções há apenas cinco semanas.

As divergências agora sanadas giravam à volta da forma de obter os fundos necessários para combater o desemprego, que afecta 400 mil pessoas, sem aumentar muito os impostos.

O compromisso seria alcançado com a aceitação de uma proposta da autoria de dois economistas do Partido Trabalhista designados pela rainha Beatriz.

O plano prevê um programa de emprego que envolve o dispêndio de 400 milhões de dólares, metade dos quais provenientes

de um aumento de imposto e a outra metade emprestada pelo mercado de capitais e retirada de um fundo para novos investimentos industriais em regiões de desastre.

O dinheiro será utilizado na construção de novas habitações, criação de empregos a tempo parcial e no financiamento de medidas de conservação de energia tendentes a criar novos postos de trabalho.

Outro dos problemas fundamentais da Holanda, a decisão acerca da instalação em solo holandês de 48 mísseis nucleares de médio alcance, poderá ser resolvido em Dezembro — revelou o ministro dos Negócios Estrangeiros, Max Van Der Stoep.

A CHECOSLOVÁQUIA E AS FONTES NÃO TRADICIONAIS DE ENERGIA



«AS ÁGUAS TERMAIS PROLONGAM O VERÃO NA CHECOSLOVÁQUIA»

Técnicos checoslovacos procuram activamente formas de aplicar fontes não tradicionais de energia: a solar e a geotérmica.

O país que não é rico em reservas de fontes primárias de energia é obrigado a efectuar consideráveis importações de petróleo e gás natural.

Por isso, e para além das tentativas de aproveitamento de fontes não tradicionais de energia, a Checoslováquia orienta-se conscientemente para a energia nuclear, prossegue a construção de centrais hidroeléctricas e esforça-se por conseguir uma mais racional utilização de energia e combustíveis tradicionais em toda a economia nacional.

Em Praga registam-se anualmente 1860 horas de sol e em determinadas regiões da Morávia e da Eslováquia, mais de duas mil horas.

A partir deste dado, são já várias as empresas que desenvolvem e instalam em dezenas de cooperativas agrícolas do país, placas colectoras de energia solar.

São colectores que vão aquecer água para as vacarias e outras instalações de exploração animal.

O Instituto de Pesquisa e Técnica Agrícola de Řepý, próximo de Praga, determinou já que a eficácia média diária de aquecimento de água por via do colector de energia solar é de cerca de 50 por cento, podendo atingir os 80 por cento em certos períodos.

Nas condições geográficas da Checoslováquia é possível obter a partir de cada metro quadrado de superfície activa do colector, desde o início de Abril até final de Setembro, de dois a 2,5 quilovátios hora de energia diária, o que significa ser possível aquecer 50 litros de água até aos 50 graus centígrados.

A agricultura consome actualmente, na Checoslováquia, só para produção animal, 3,2 milhões de quilovátios por dia destinados ao aquecimento de água.

E a verdade é que na parte substancial daquela energia pode ser substituída por energia solar, crendo-se que dentro de quinze anos estarão instalados em explorações agrícolas cerca de 1,2 milhões de metros quadrados de colectores solares.

No decorrer da primeira metade dos anos 80, a utilização de energia solar para o aquecimento de água será utilizado em habitações, vivendas e piscinas prevendo-se para a década de 90 a sua utilização em grandes blocos habitacionais.

Mas os técnicos checos procuram também utilizar a energia geotérmica.

O Instituto Nacional de Geologia de Praga estuda as regiões do país onde a temperatura aumenta mais de 50 graus à profundidade de mil metros.

Na Eslováquia, na Boémia ocidental, do norte e central existem aquelas condições, existindo mesmo na Eslováquia do sul fontes de águas termais que atingem temperaturas de 70 graus centígrados, tendo-se já detectado em alguns desses locais água que atinge os 90 graus.

Já se detectou a existência de água, próximo da localidade de Dunajská Streda que corria com um caudal de 16 litros por segundo à temperatura de 86 graus centígrados.

Os especialistas afirmam que é possível extrair, na Eslováquia, quantidades suficientes de água para abastecer uma localidade de 200 mil habitantes.

Mas outros processos estão a ser ensaiados de forma a utilizar fontes não convencionais de energia.

Investigadores agrícolas, por exemplo, já construíram uma bomba térmica que tem a particularidade de reter o calor do leite recém-coelhido, cuja temperatura à volta dos 35 graus deve descer para cerca de 4 graus.

Gracias a tais bombas, em lugar das habituais instalações de refrigeração, é possível refrigerar um litro de leite aquecendo simultaneamente meio litro de água à temperatura de 40 a 55 graus centígrados.

Os problemas energéticos na Checoslováquia não podem ser resolvidos, claro, apenas com recurso às fontes não tradicionais de energia — mas estas constituem, sem dúvida uma forma de minorar o problema.

Os especialistas checos pensam que até ao final do século as fontes não tradicionais de energia poderão concorrer em 8 por cento no consumo global de energia.

Nascimento, Paixão e Morte da UCD

A caminho de uma s... “à portuguesa”

MADRID (do nosso correspondente, Fernando Jauregui) —

Agora, por entre os boatos que correm nos círculos políticos de Madrid sobre o que poderá vir a acontecer no futuro, no partido que desde 1977 governa a Espanha, todos recordam a profecia que, já em 1977 surgiu nas páginas dos jornais: este «inventor» da UCD não durará muito. Durou exactamente quatro anos e cinco meses. Agora a UCD ou renova as suas actuais estruturas ou morre. E o mais provável é que morra para dar lugar àquilo a que em Espanha se vem chamando «a grande direita».

Foi Adolfo Suarez, chefe do Governo por eleição do Conselho do Reino, franquista, que, ano e meio após a morte do ditador, decidiu formar um partido «reformista», embora conservador, para com ele ganhar as eleições de Junho de 1977, previstas na reforma política, reforma essa em que as Cortes franquistas tinham decidido, em fins de 1976, auto-anular-se e não sobreviver a Franco.

Para formar o seu partido,

Suarez apanhou tudo o que pôde de franquista arrependido, de democratas-cristãos moderados, de liberais de Joaquín Garrigues Walker e de sociais-democratas de Fernando Ordoñez, o primeiro homem a abandonar o barco que mete água.

Suarez nomeou um gestor, uma espécie de «gerente» encarregado de pôr de pé a complicada trama de um partido político: era um ex-procurador monárquico, um ex-ministro das Obras Públicas chamado Leopoldo Calvo Sotelo. E num mês, Calvo Sotelo formou e legalizou o partido, elaborou as listas de candidatos, apresentou-se às eleições com a «marca de fábrica» de Adolfo Suarez, e ganhou com certa largueza.

Assim começava a caminhar, criado a partir do Poder e com dinheiro próximo do Poder (os Bancos dispuseram-se imediatamente a ajudar um projecto que, no fundo, significava a necessidade de que «algo mudasse para que tudo ficasse na mesma»), um projecto político qualificado como «único na Europa».

Aglutinava democratas-cristãos, pessoas que se diziam liberais e outras que se diziam sociais-democratas (nenhuma das quais tinha nada a ver com os seus homólogos europeus), juntamente com antigos franquistas e homens ligados ao aparelho do movimento falangista, como Rodolfo Martín Villa e o próprio Adolfo Suarez. Pessoas independentes que desejavam real e sinceramente uma mudança democrática para um país que saía de quarenta anos de ditadura entraram também nas fileiras ucedistas, um tanto à margem das ambições de poder que caracterizavam os «chefes de fila» do partido.

A experiência revelou-se perigosa desde o primeiro instante: as diferentes famílias ideológicas nunca coexistiram em paz. As alianças entre uma e outra família, e todas contra o chefe do Governo e presidente do partido, Adolfo Suarez, eram constantes. As intenções de suprimir conotações ideológicas na UCD, fundindo tudo numa vaga ideológica «de centro puro, afas-

Apelo da Líbia à “Frente de Firmeza”

A Líbia pediu a convocação de uma conferência ministerial da Frente da Firmeza, para coordenar a atitude dos países membros, por ocasião da próxima cimeira árabe de Fez, marcada para 25 de Novembro.

O pedido líbio foi comunicado ontem à noite aos embaixadores dos países membros da Frente (Argélia, Líbia, Iémen do Sul, Síria e OLP).

No documento, a Líbia adianta ser «necessária a realização desta reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da Frente da Firmeza, devido ao facto de alguns assuntos a abordar na próxima cimeira árabe poderem lesar a causa palestina».

O responsável das Relações Exteriores líbias sublinhou a importância da «coordenação das posições desses países membros, à luz das decisões da quinta cimeira da Frente, que decorreu em Setembro passado, em Benghazi e em cujas conclusões se contava a exclusão do Sudão da Liga Árabe».

O presidente sudanês, Gaafar El Nimeiry, é acusado pela agência oficial líbia de ter tido,

recentemente, no Cairo, contactos com os responsáveis israelitas.

«A participação dos países da CEE e da NATO na força multinacional do Sinai» deve ser debatida durante a reunião da Frente da Firmeza, declarou o ministro líbio dos Negócios Estrangeiros aos embaixadores dos países membros da Frente, segundo a JANA.

O ministro qualificou de «insuficiente» a oposição a esta participação e afirmou que os países opositores deveriam «adoptar uma atitude concreta a este propósito», para não serem acusados de «demissão e de complacência, no que respeita aos Acordos de Camp David».

O responsável líbio convidou os outros países membros a adoptar uma «posição firme e enérgica a respeito da situação grave criada pelo estacionamento, em território árabe, das forças americanas de intervenção rápida, pelas manobras militares agressivas dos Estados Unidos na região e pelas violações do espaço aéreo árabe pelos bombardeiros «B-52» americanos.

Canadá: de novo a questão do Quebec

René Levesque, primeiro-ministro do Quebec, «reserva-se o direito de consultar o povo do Quebec» para confirmar ou não o acordo constitucional assinado ontem pelo Governo Federal e pelos governos das nove províncias anglofonas.

«Mais uma vez, e isso tornou-se tradicional, nós ficamos sós, a um canto», declarou Levesque para quem o acordo concluído

retira à província «poderes adquiridos e essenciais».

O primeiro-ministro do Quebec recusa nomeadamente que a sua competência exclusiva sobre a educação e a cultura seja diminuída por uma cláusula da Carta dos Direitos, aprovada a qual garante às minorias o direito à educação na sua língua oficial.

As declarações de Levesque apontam para o carácter platónico desta cláusula.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina



Três pontos negativos para os monges do Monte-Athos é mulher, arte

Monges não querem

Os monges do Monte-Athos estão alarmados com rumores que davam conta que o novo ministro da Cultura grego, Melina Mercouri, tem intenção de se dirigir a esta montanha sagrada onde as mulheres são proscritas.

«Melina, não tente entrar no santuário sagrado», exclamam os monges em polvorosa pela eventualidade da visita do ministro socialista e para além do mais artista, lê-se na imprensa ateniense de sensação. Mercouri teria, segundo essa mesma imprensa, dado conta do seu sacrilégio desejo há dois dias durante uma reunião consagrada à salvaguarda dos tesouros do Monte-Athos e à protecção do local contra os incêndios.

Os monges ofuscados aguardam ainda uma confirmação

Americanos no

Uma delegação americana conduzida por Francis West, adjunto do secretário de Estado americano da Defesa para os assuntos da segurança internacional, chegou ontem ao Sara Ocidental, soube-se em Rabat.

A delegação, que conta dois oficiais gerais e o adjunto interno do secretário de Estado para os assuntos do Médio Oriente e do Norte de África,

Solução

taço da direita e da esquerda», não prosperaram. Eram tempos em que a política do país era manejada, quase a seu bel-prazer, por dois ou três amigos de Suarez: Fernando Abril, um engenheiro que nada sabia de política, ou o próprio secretário e cunhado de Suarez, Aurélio Delgado.

Já nessa altura se começou a pensar numa «solução à portuguesa», para dar coerência ao partido, que revelou quase desde o primeiro instante, a mostrar as tensões internas, as consequências dos personalismos e as ambições do Poder. E, se é certo que a «fórmula UCD» influiu no nascimento da AD portuguesa, não é menos certo que influiu sobre os ucedistas o facto de a AD nunca se ter unificado em partido. Hoje, para a maior parte dos dirigentes ucedistas, a solução de uma coligação que concorra unida às eleições e governe conjuntamente, seria um remédio aceitável para manter o Poder, sempre e quando se juntasse a esta fórmula toda a direita «civilizada».

Representantes do Governo polaco e do Solidariedade vão reunir-se na próxima semana para conversações sobre os problemas sociais e económicos do país, segundo fontes da central sindical polaca. As mesmas fontes acrescentaram que o Governo manifestou a disposição de «fazer concessões».

O líder sindical Lech Walesa foi citado por um porta-voz do Solidariedade, como tendo dito que «os polacos não apenas podem mas devem chegar a um acordo, dados os perigos económicos e sociais que enfrentam».

Em Roma, onde se encontra para uma visita, o arcebispo primaz polaco, Josef Glemp, disse que «a situação na Polónia está a clarificar-se» e frisou sentir-se agora «mais optimista».

Glemp esteve quarta-feira reunido em Varsóvia com Walesa e o primeiro-ministro Wojciech Jaruzelski com os quais discutiu a forma de conseguir uma maior participação da Igreja e do Solidariedade na resolução dos problemas nacionais.

Num comunicado ontem difundido em Gdansk, com o propósito da próxima reunião com o Governo, o Solidariedade afirma que as autoridades se mostraram prontas para encetar conversações sobre «todos os pro-

blemas da Polónia», logo que a central sindical esteja preparada para participar nelas.

Sem entrar em pormenores, o comunicado assinala ter sido afirmado pelo Executivo que «está pronto para fazer concessões».

Grzegorz Palka, alto dirigente do Solidariedade e responsável pela sua secção económica, declarou aos jornalistas que a central sindical está preparada para discutir com os negociadores governamentais no final da próxima semana. «Encaramos muito seriamente estas negociações», disse, acrescentando que a posição a adoptar face a elas seria determinada na reunião do «presidium» do Solidariedade marcada para terça-feira próxima.

Entretanto, o primaz da Igreja polaca, monsenhor Josef Glemp, em declarações aos jornalistas em Roma, afirmou que se torna necessária numa ordem social, e que a «ordem moral deve inspirar uma ordem social». Nesse sentido, acrescentou mons. Glemp, são indispensáveis a autoridade e o trabalho, e foi essa a razão que ditou o encontro de quarta-feira.

Monsenhor Glemp que se encontra na cidade do Vaticano para se avistar com o Papa João Paulo II, referiu ainda o papel da Igreja polaca, como elemento

moderador e pacificador da crise na Polónia.

Reacções na Jugoslávia

A imprensa jugoslava considera que o encontro de Varsóvia entre o general Wojciech Jaruzelski, mons. Josef Glemp e Lech Walesa é de «excepcional importância política».

O jornal «Borba», que reflecte os pontos de vista dos dirigentes jugoslavos, considera que este encontro «faz renascer algumas esperanças mas não grandes ilusões». Não deixa todavia de indicar que «a versão polaca do 'compromisso histórico' pode vir a assumir formas concretas num futuro próximo».

Na opinião do influente jornal «Politika», a cimeira de Varsóvia pode constituir «um primeiro e importante passo» no sentido de «uma aliança sensata, a única maneira de fazer sair o país da profunda e longa crise que o assombra».

Pela sua parte, a agência oficial TANJUG considera que a crise polaca veio demonstrar que «o sistema político do país terá de passar por sérias transformações» e que «sem a contribuição construtiva dos partidos democráticos e a união do povo, do 'Solidariedade' e das outras centrais sindicais, bem como da Igreja, não poderá o partido desempenhar-se dessa tarefa».

Congresso do CDU

Vitória de Helmut Kohl

O presidente do Partido Cristão-Democrata Alemão Ocidental, Helmut Kohl, de 51 anos, reforçou a sua posição de líder da oposição durante o congresso do seu partido que se realizou esta semana em Hamburgo.

Kohl, desde há oito anos na chefia do CDU, lançou hoje no seu discurso final um apelo à unidade do seu partido e à disciplina. A moção central hoje aprovada sobre os assuntos económicos, os problemas da educação e sobre a paz e a liberdade «constitui a linha do partido», sublinhou Kohl. «É válida para cada membro do CDU». «Demos em Hamburgo mais um passo para a tomada do poder na RFA», acrescentou o chefe da oposição democrata-cristã.

O CDU, afastado do poder

desde 1969, espera poder aproveitar o vento favorável para vencer em 1984, a coligação SPD-liberal no poder desde há 12 anos. Foi por isso, consideraram os observadores, que o Partido Cristão-Democrata, ao qual são atribuídas mais de 50 por cento das intenções de voto, fez bloco em torno do seu candidato, Helmut Kohl.

Este último, contestado nos últimos tempos pelos seus próprios partidários, conseguiu fazer calar as críticas logo no primeiro dia do congresso.

Durante o congresso foram ouvidos 500 jovens convidados que tiveram a oportunidade de manifestarem a sua opinião, nomeadamente sobre a questão do pacifismo e dos mísseis nucleares de médio alcance, tema

principal do debate político na RFA desde há vários meses.

Para o CDU, contudo, nem se põe a questão duma Alemanha Federal neutralista que renuncie à aliança atlântica e às relações estreitas que mantém com os Estados Unidos. Isso são «ilusões perigosas e utópicas», advertiram todos os dirigentes do partido, especialmente o burgomestre de Berlim-Ocidental, Richard Von Witzsaecker.

Kohl prometeu que o diálogo com a juventude, favorável na sua grande maioria ao pacifismo, seria continuado a nível das federações locais.

A propósito de outros temas discutidos durante o congresso de Hamburgo, nada trouxeram de novo, nomeadamente em matéria de política externa, notam os observadores.

Polónia

Governo e Solidariedade: conversações e concessões

Representantes do Governo polaco e do Solidariedade vão reunir-se na próxima semana para conversações sobre os problemas sociais e económicos do país, segundo fontes da central sindical polaca.

As mesmas fontes acrescentaram que o Governo manifestou a disposição de «fazer concessões».

O líder sindical Lech Walesa foi citado por um porta-voz do Solidariedade, como tendo dito que «os polacos não apenas podem mas devem chegar a um acordo, dados os perigos económicos e sociais que enfrentam».

Em Roma, onde se encontra para uma visita, o arcebispo primaz polaco, Josef Glemp, disse que «a situação na Polónia está a clarificar-se» e frisou sentir-se agora «mais optimista».

Glemp esteve quarta-feira reunido em Varsóvia com Walesa e o primeiro-ministro Wojciech Jaruzelski com os quais discutiu a forma de conseguir uma maior participação da Igreja e do Solidariedade na resolução dos problemas nacionais.

Num comunicado ontem difundido em Gdansk, com o propósito da próxima reunião com o Governo, o Solidariedade afirma que as autoridades se mostraram prontas para encetar conversações sobre «todos os pro-

blemas da Polónia», logo que a central sindical esteja preparada para participar nelas.

Sem entrar em pormenores, o comunicado assinala ter sido afirmado pelo Executivo que «está pronto para fazer concessões».

Grzegorz Palka, alto dirigente do Solidariedade e responsável pela sua secção económica, declarou aos jornalistas que a central sindical está preparada para discutir com os negociadores governamentais no final da próxima semana. «Encaramos muito seriamente estas negociações», disse, acrescentando que a posição a adoptar face a elas seria determinada na reunião do «presidium» do Solidariedade marcada para terça-feira próxima.

Entretanto, o primaz da Igreja polaca, monsenhor Josef Glemp, em declarações aos jornalistas em Roma, afirmou que se torna necessária numa ordem social, e que a «ordem moral deve inspirar uma ordem social». Nesse sentido, acrescentou mons. Glemp, são indispensáveis a autoridade e o trabalho, e foi essa a razão que ditou o encontro de quarta-feira.

Monsenhor Glemp que se encontra na cidade do Vaticano para se avistar com o Papa João Paulo II, referiu ainda o papel da Igreja polaca, como elemento

moderador e pacificador da crise na Polónia.

Reacções na Jugoslávia

A imprensa jugoslava considera que o encontro de Varsóvia entre o general Wojciech Jaruzelski, mons. Josef Glemp e Lech Walesa é de «excepcional importância política».

O jornal «Borba», que reflecte os pontos de vista dos dirigentes jugoslavos, considera que este encontro «faz renascer algumas esperanças mas não grandes ilusões». Não deixa todavia de indicar que «a versão polaca do 'compromisso histórico' pode vir a assumir formas concretas num futuro próximo».

Na opinião do influente jornal «Politika», a cimeira de Varsóvia pode constituir «um primeiro e importante passo» no sentido de «uma aliança sensata, a única maneira de fazer sair o país da profunda e longa crise que o assombra».

Pela sua parte, a agência oficial TANJUG considera que a crise polaca veio demonstrar que «o sistema político do país terá de passar por sérias transformações» e que «sem a contribuição construtiva dos partidos democráticos e a união do povo, do 'Solidariedade' e das outras centrais sindicais, bem como da Igreja, não poderá o partido desempenhar-se dessa tarefa».

Embaixador da URSS no aniversário da revolução

Acções coerentes em prol da paz

«As acções das forças militaristas, o nosso Estado contrapõe acções coerentes no âmbito dos programas de paz aprovados pelos XXV e XXVI Congressos do PCUS. Estão a ser objecto de grande atenção as iniciativas de paz soviéticas, apresentadas para exame na sessão em curso da Assembleia Geral da ONU» — excerto da declaração que o embaixador da URSS em Portugal, Arnold Kalinine, a propósito do 64.º aniversário da Revolução de Outubro. Eis o texto completo da declaração:

«A 7 de Novembro, os povos da União Soviética comemoram o sexagésimo quarto aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, data do nascimento do primeiro Estado de trabalhadores no Mundo, e da sua festa nacional.

«Desde então, o Estado dos soviéticos percorreu, sob a direcção do Partido fundado por Lenin, uma frutuosa via de desenvolvimento económico, político, cultural e social.

«Comemora-se esta data numa altura em que o povo soviético trabalha para a realização das grandiosas tarefas tracadas

em Fevereiro-Março deste ano pelo XXVI Congresso do PCUS.

«Nas vésperas desta festa, a Imprensa soviética publicou um relatório do Departamento Central de Estatísticas da URSS sobre o cumprimento do plano pela indústria, nos primeiros nove meses deste ano, dando conta de um crescimento de 3,3 por cento neste sector, em comparação com igual período do ano passado. A produtividade do trabalho aumentou em 2,6 por cento, sendo responsável por mais de 80 por cento do crescimento industrial.

«Nestes nove meses foram produzidos 969 mil milhões de kilowatts/hora, 455 milhões de toneladas de petróleo, 342 mil milhões de metros cúbicos de gás, 528 milhões de toneladas de hulha, 112 milhões de toneladas de aço, etc. Na extracção de gás, no fabrico de maquinaria agrícola e pecuária, na produção de rações, meios de automatização e computação, confecções, carne, leite, etc., o plano relativo a esses nove meses foi ultrapassado.

«Infelizmente, temos de constatar que esta festa se realiza

numa situação internacional bastante complexa. A paz, que, por princípio, a União Soviética e os outros países socialistas procuram, opõe-se à actividade ameaçadora das forças imperialistas belicistas, em primeiro lugar do imperialismo americano. A actuação destes círculos provocou uma séria deterioração do clima político internacional, e agravou bruscamente a situação em muitas regiões do mundo. A cobertura do mito da «ameaça soviética» relançaram a corrida aos armamentos até ao limiar de uma guerra mundial, ao colocarem criminosamente a hipótese de uma guerra nuclear «limitada» na Europa.

«As acções das forças militaristas, o nosso Estado contrapõe acções coerentes no âmbito dos programas de paz aprovados pelos XXV e XXVI Congressos do PCUS. Estão a ser objecto de grande atenção as iniciativas de paz soviéticas, apresentadas para exame na sessão em curso da Assembleia Geral da ONU.

«Também no campo das relações luso-soviéticas agimos a partir das nossas posições de princípio.

24 horas



SWAPO NÃO ACREDITA — A SWAPO, Organização do Povo do Sudoeste Africano, mostra-se céptica «quanto aos esforços feitos pelos cinco países ocidentais do grupo de contacto para obter a independência da Namíbia». Entretanto, os representantes destes chegaram na quinta-feira ao Quénia, última escala da ronda que os levou a dez países africanos.

CONDENAÇÃO — Pela terceira vez em três meses a Grã-Bretanha foi condenada pelo Tribunal Europeu dos Direitos do Homem de Estrasburgo, por violação do direito dum doente mental de recorrer do seu internamento. De acordo com o Artigo 5 da Convenção Europeia dos Direitos do Homem, um doente mental, tem, com efeito, o direito de recorrer a um tribunal para que este se pronuncie rapidamente acerca da legalidade da sua detenção num manicómio. O operário em Sheffield que padecia duma psi-

coce paranoical tinha sido internado em 1974, após três anos de alta condicional, num estabelecimento psiquiátrico de segurança para delinquentes alienados, a pedido da sua mulher Sem contestar a objectividade e a solidez das provas médicas que levaram ao internato da requerente, o Tribunal Europeu verificou, contudo, a existência duma lacuna na legislação britânica que não permitiu que aprenhasse um recurso em juízo contra a decisão como sucede na maioria dos países europeus

GENSCHER NA TURQUIA — O ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Hans-Dietrich Genscher, chegou ontem a Ancara em visita oficial de 24 horas à capital turca. Na alocução que proferiu no Aeroporto de Esenboga, Genscher fez votos para que a sua visita proporcionasse «uma troca de pontos de vista que cubra todos os aspectos dos problemas entre Bona e Ancara». «É-me igualmente grato ter oportunidade de me encontrar com os meus velhos amigos dos partidos democráticos da Turquia», acrescentou. Pela sua parte, o ministro dos Negócios Estrangeiros turco, Ilter Turkmen, considerou que a visita de Genscher «permitirá fazer o balanço das relações entre os dois países». Hoje de manhã, Genscher receberá separadamente na Embaixada da RFA, Bulent Ecevit, antigo presidente do Partido Republicano do Povo (social-democrata) e Suleiman Demirel, antigo presidente do Partido da Justiça (conservador).

STARFIGHTER CAIU — Um avião de caça «Starfighter» do tipo «F-104» da Força Aérea alemã ocidental despenhou-se ontem de manhã perto de Noerwenisch, na Renânia, ao norte da Vestefália, soube-se de fonte militar. O piloto do avião que efectuava um exercício de voo de rotina ficou

gravemente ferido, indicaram as mesmas fontes. A origem do acidente não é ainda conhecida. Este novo acidente eleva para mais de 220 o número dos «Starfighter» da «Luftwaffe» que se esmagaram no solo. Uma centena de pilotos perderam a vida em anteriores acidentes.

DESGRAÇA PARA A POLICIA — O atentado à bomba que causou um ferido ligeiro, ontem à noite, na gare de Lyon em Paris foi reivindicado por uma organização desconhecida denominada «desgraça para a Polícia». Num telefonema à France Presse, um interlocutor, anónimo afirmou que novas acções deste tipo seriam lançadas em Paris e na sua região.

SUBMARINO DEVOLVIDO — O submarino soviético «Whisky 137» devolvido hoje à URSS pela Suécia, navega agora pelos seus próprios meios, mas sempre sob escolta sueca até ao limite das águas territoriais da Suécia, anunciou um porta-voz da marinha local. O submersível,

que está provavelmente apetrechado com torpedos de ogivas nucleares e que possui 56 tripulantes, atravessará este limite cerca das 09h00 TMG. Ficará então a cargo da esquadra soviética formada por uma dezena de unidades navais que o espera ao largo.

BOMBAS EM FRANCOFORTE — Uma bomba explodiu hoje na cave do consulado austríaco em Francoforte e outra bomba incendiária danificou um banco local — revelou a Polícia alemã federal. Um porta-voz policial indicou que ambos os atentados são da responsabilidade de pessoas que se opõem, à construção de uma terceira pista no Aeroporto Internacional de Francoforte.

PRISÕES EM ITÁLIA — Quatro funcionários dos serviços italianos de finanças e duas outras pessoas foram ontem presos na Lombardia por relação com o «escândalo do petróleo», uma fraude fiscal de muitas centenas de milhares de contos praticada desde 1976. Quatro outros mandatos de captura foram emitidos em nome de pessoas, que, entretanto, estão presas por acusações diferentes. A fraude fiscal conhecida por «escân-

dalo dos petróleos» foi tornada pública na Primavera passada, quando se anunciou que era feita mediante registo de gasóleo em vez de gasolina, nos depósitos das refinarias. O gasóleo está sujeito a uma taxa inferior à gasolina. Entre as complicitades envolvidas neste caso, contam-se os altos funcionários das finanças, muitos deles já presos, que terão agido com cobertura de políticos italianos.

no Sara Ocidental

Peter Moffat, deve ir, nomeadamente, a Guelta-Zemmur, cuja garnição foi atacada no dia 13 de Outubro último por forças guerrilheiras sarauias, acrescenta-se da mesma fonte. Estas foças, segundo Rabat, estavam equipadas com tanques e mísseis antiaéreos «SAM-6» de fabrico soviético. É a primeira vez que, declaradamente é referida a presença de oficiais americanos na região.

exclusivo

Atenas e a Nato

“A Turquia representa um perigo para a Grécia”

— declara Andreas Papandreou

□ Bernard Brigouleix

■ Le Monde

ANDREAS Papandreou recebe-nos, não no seu amplo gabinete oficial mas noutro, muito mais modesto, que ele há muito tempo possui na casa familiar de Castri — a mesma casa onde foi preso no dia 24 de Abril de 1967, por ordem dos putshistas, e onde seu pai, quando era primeiro-ministro, gostava de estar. Casa agradavelmente burguesa rodeada por um jardim com «pessas» aromáticas. No limiar dormita um cão errante que o presidente recolheu. Tão perto de Atenas e, no entanto, tão longe, os rumores da capital não atravessam a grade agora vigiada por uma guarda discreta de fiéis e de alguns policiais. Nas grandes divisões calmas mobiladas sem grande requinte e onde o próprio telefone parece antiquado, o único ruído que vem de fora é o de uma escola próxima à hora do recreio. Nascido em Chios, Papandreou talvez tenha conservado uma certa necessidade insular de isolamento, pelo menos de vez em quando, para fazer o ponto. Foi de qualquer modo nessa, em plena terra, que ele respondeu às nossas perguntas.

— **Pensa que a sua vitória, cuja amplitude surpreendeu mesmo os seus amigos seja um fenómeno especificamente grego, ou antes uma nova manifestação dessa ascensão da esquerda que, de resto, também se manifesta na Europa?**

— É um pouco as duas coisas. Na Europa do sul há actualmente um movimento geral que consiste em buscar nos programas de tipo socialista soluções para a crise. Sempre pensei que, se o capitalismo não fornecesse rapi-

damente essas soluções, (quando assegurara um ritmo apoiado de desenvolvimento nestes últimos anos), então chegaria a hora do socialismo. Então, tendo por socialismo o nosso e o dos nossos camaradas franceses, isto é, um socialismo liberal, democrático, autogestionário e descentralizador.

Mas observo ao mesmo tempo que a Europa do Norte e a Europa do Sul não reagem da mesma maneira ao aumento dos perigos económicos, ao endurecimento dos conflitos sociais, a uma certa reaparição da luta de classes. A reacção da Europa do Norte é, ao contrário da nossa, a de confiar o poder a conservadores como na Grã-Bretanha, na Noruega, na Holanda, talvez amanhã na Alemanha Federal.

E depois, há uma dimensão especificamente grega. Quando em 1974 criei o partido socialista pan-helénico, a referência ao socialismo parecia suicidária, mesmo às pessoas que estavam perto de mim. Hoje, mesmo à direita, as pessoas sentem-se obrigadas a dizer-se mais ou menos socialistas.

Que se passou entretanto? Temos que compreender que a Grécia tem tido até agora governos de direita, alternando mais ou menos com ditaduras de extrema-direita. Para mais, tivemos uma tripla ocupação estrangeira, búlgara, italiana, alemã. A direcção da Frente de libertação nacional era claramente comunista (mesmo que a corrente patriótica fosse, no seu conjunto, muito mais composta) e a guerra civil deixou recordações terríveis.

Foi isso que levou, entre outros factores, à demorada recuperação das forças de esquerda. Mesmo o meu pai foi rapida-

mente impedido, em 1965, de fazer uma política, digamos centrista e populista. Do mesmo modo, quando em 1974 a ditadura pôde ser derrubada, a sede de mudança não se concretizou imediatamente porque a lembrança do reino dos coronéis dava que pensar aos eleitores que queriam evitar tudo o que pudesse ser apresentado como uma provocação.

O que se passou no dia 18 de Outubro é o resultado de tudo isto: conseguiram-se finalmente os meios necessários para a tão esperada mudança.

Durante a campanha insistiu no facto do PASOK ser, na sua opinião, o único partido a pôr os problemas políticos em termos susceptíveis de encerrar definitivamente a guerra civil. De um modo mais geral, tenciona tomar medidas de reconciliação nacional?

— Obter essa reconciliação era um dos pontos fundamentais do nosso programa e continua a ser uma das nossas prioridades. Embora este governo seja o primeiro gabinete socialista da história da Grécia, ele chega ao poder sem o mínimo espírito de vingança. Farei tudo o que me for possível para ser o primeiro-ministro de todos os gregos. Não há no meu espírito nenhuma confusão entre os interesses do partido de que sou chefe e os interesses do país. Tenho o encargo de dirigir o governo. Estou certo de que aqueles que ainda duvidam disso, em breve se darão conta do facto.

— Um dos pontos do seu programa, que criou mais apreensão, para não dizer inquietudes, no campo ocidental, foi o seu desejo de deixar a organização militar da NATO. O que diz hoje acerca disto?

— A divisão da Europa em dois campos antagonistas é a principal causa da corrida aos armamentos, para a qual não queremos contribuir. Dito isto, a Grécia, que faz parte do campo ocidental, tem um problema particu-

lar com a NATO. Este problema explica, por exemplo, a maneira como vemos estes problemas, em relação a alguns dos nossos camaradas europeus, principalmente franceses.

O problema é o seguinte: somos membros de uma aliança de que outro membro, a Turquia, representa para nós um perigo potencial. Ora, não só a NATO se recusa, de momento, a garantir a segurança das nossas fronteiras a leste, como dá a Ankara um apoio militar desproporcionado. Esse auxílio militar é susceptível, entre outras consequências, de romper o equilíbrio das forças no mar Egeu. Enquanto uma tal iniquidade subsistir, como não havemos nós de pensar em tomar certas distâncias?

Um estatuto especial na CEE

— **Também no terreno económico deu a impressão de tentar libertar-se das suas ligações ocidentais, visto que falava de abandonar a Comunidade Económica Europeia. Em que está tudo isso?**

— Também aí peço que tenham em conta o aspecto propriamente grego do problema. Não é que tenhamos a tentação de desfazer os elos que nos unem à Europa. A Grécia é um país balcânico e mediterrânico, é certo, mas é, antes de tudo um país europeu. A questão não é essa. O certo é que, para um Estado como o nosso, pouco desenvolvido no plano industrial e no qual a produtividade é fraca, é economicamente perigoso estar incorporado num conjunto cujos outros membros se encontram, quase todos, muito adiante de nós. O jogo é demasiado desigual. No actual estado das nossas forças económicas não podemos ser um membro em parte inteira dessa Comunidade, obedecendo a regras que nos desfavorecem muitíssimo

Vamos por isso sair da CEE? Não é disso que se trata. Nós nem sequer pedimos um simples estatuto de associado externo. Estamos dispostos a ficar perto dos nossos parceiros mas em bases diferentes que seria necessário estabelecer connosco. É preciso negociar um estatuto especial para a Grécia, que tenha em conta as suas particularidades económicas. O problema formal não foi posto mas se-lo-á logo que possível. Mesmo países industriais avançados como a Grã-Bretanha pediram e obtiveram a renegociação do seu estatuto. É a este

envolvimento se o capital privado ficar muito reticente) para aumentar a oferta. De momento verifico que os primeiros contactos com o patronato não têm sido maus.

A prioridade de Chipre

— **O primeiro chefe de Estado que recebeu desde que é primeiro-ministro foi o presidente Kyprianou. Significa isto que Chipre continua a ser**



Andreas Papandreou e sua esposa Margaret, de origem norte-americana

preço que a Comunidade Económica Europeia pode funcionar para o bem de todos os seus membros, não tentando meter na mesma forma economias nacionais muito diferentes, o que, de momento, só faz exacerbar a concorrência entre nações, concorrendo essa que se pretendia abolir.

— Pensa atingir uma certa socialização da economia grega sem por isso romper com o meio capitalista nacional e internacional?

— Insisto em pensar que é praticável mas cuidaremos sempre em não conduzir a economia grega numa união. Trata-se, pelo contrário, de fazer sair de lá, jogando o mais possível no incitamento e no voluntariado. O que não exclui certas medidas governamentais por exemplo, para a reestruturação de um vasto sector público, a indispensável reforma do sistema bancário, a do regime das pensões e da segurança social, etc. Mas em muitos domínios essenciais apostamos na persuasão e na liberdade.

O mesmo acontecerá em matéria de produção agrícola, domínio esse em que queremos favorecer a reconstrução, a criação de cooperativas voluntárias para uma melhor utilização do progresso tecnológico, e, no domínio das pequenas e médias empresas, que devem ser mais bem apoiadas pelos bancos e que esperamos mobilizar.

No imediato será provavelmente necessário, para diminuir a inflação de modo significativo, congelar alguns preços — alguns preços somente, insisto — e lançar uma campanha de investimentos produtivos (principalmente graças ao banco de de-

para si um problema prioritário?

— Como poderia ser de outro modo? A situação não mudou desde a invasão turca em 1974. Mas eu queria fazer duas observações: a primeira é que o problema-chave não é o das relações entre as duas comunidades da ilha, mas a presença, em 40% do território da República de Chipre, do exército de ocupação turco. Em segundo lugar, o que atinge Chipre, ameaça também, com o tempo, todo o helenismo. É por isso que prefiro uma situação bloqueada mas em que não nos inclinamos perante o facto consumado, onde o direito se recusa sempre a ceder à força, a uma situação que teria evoluído no sentido de uma «normalização» da ocupação do norte da ilha. A Grécia não pode garantir a independência — de Chipre, os acontecimentos já o mostraram, mas não deixará de a ajudar. É precisamente por isso que queremos redobrar a nossa ajuda económica a Nicósia.

— Conta dar um novo impulso às relações franco-gregas?

— Sim, porque estou convencido de que os dois países têm algo de essencial a fazer juntos. Estamos espiritualmente perto um do outro. Caramanlis, quando era primeiro-ministro fez a política de aproximação com Paris, que vamos continuar e mesmo acentuar. Isto vai ser tanto mais fácil quanto os dirigentes franceses são para nós amigos cujos objectivos e sentimentos partilhámos.

Não é só o governo que está interessado numa nova aproximação com a França. O povo grego também a deseja.

França

O tenebroso “caso Broglie”

O “caso Broglie”, o mais tenebroso imbróglio político-policial ocorrido em França desde o rapto em Paris, do opositor marroquino Mehdi Ben Barka, em 1965, começou a ser julgado pelo tribunal criminal de Paris.

No termo dum inquérito de cinco anos, sentar-se-ão durante dois meses no banco dos réus quatro homens. Foram convocadas para depor um cento de pessoas, designadamente o ex-presidente Valéry Giscard d'Estaing, e Michel Poniatowski, antigo ministro do Interior.

O caso rebentou em 24 de Dezembro de 1976. Às 09h15, o príncipe Jean de Broglie, de 55 anos, é mortalmente atingido por três balas de revólver de calibre 38, quando saía da casa parisiense de Pierre de Varga, seu conselheiro financeiro.

Descendente duma prestigiosa família de marechais, cientistas e homens de Estado, Jean de Broglie, era um alto dignitário da Quinta República. Deputado, Presidente do Supremo Tribunal de Justiça várias vezes secretário de Estado, negociou em 1962, com a FLN os acordos de Evian para a independência da Argélia. Em 1967 é co-fundador com Giscard d'Estaing do Partido dos Republicanos Independentes. É também um homem de negócios rico, mas privado de dívidas. Estas foram avaliadas após o seu assassinato em treze milhões de francos para uma fortuna total de 23 milhões. Teve a “Sofradec”, cujo objectivo eram as operações financeiras internacionais e que faliu em 1972, a “Bricon”, constituída em 1969 com o argelino Akli Rahal, que se suspeitou trabalhasse para os

serviços secretos do seu país: a “Publi-MG”, que desaparecera igualmente, e sobretudo a “Sodetex”, constituída em 1968, filial oculta da Matesa espanhola, fábrica de teares dirigida por Juan Vila Reys, que sacou 700 milhões de francos de crédito ao Estado espanhol utilizados em seguida em especulações no estrangeiro. A “Sodetex”, que tem entre os seus administradores um banqueiro suíço, Robert Leclerc, recebeu da casa mãe sete milhões de francos.

Cinco dias após o assassinato, o ministro do Interior de então, Michael Poniatowski, rodeado pelos chefes da Polícia, deu uma conferência de imprensa e anunciou: “Todas as pessoas implicadas foram presas”.

Segundo a Polícia, a personagem chave do caso é Pierre de Varga, um homem de negociações

rocambolistas cuja data de nascimento se ignora. O “organizador” do assassinato foi um polícia, duvidoso Guy Simone, que em caso passional alvejou a tiro a amiga, e tinha um nível de vida superior ao seu vencimento. O “sargento recrutador” do crime foi Serge Tessedre, e o “executor” um certo Gerard Freche.

O móbil admitido é uma sórdida questão de dinheiro. Jean de Broglie tinha emprestado o seu nome para a obtenção dum empréstimo de quatro milhões de francos a favor de Pierre de Varga, que pretendia comprar um restaurante parisiense — a “Rotisserie de la Reine Pedauque”. O empréstimo teria comportado uma cláusula de seguro de vida que suprimia o reembolso em caso de morte do príncipe.

Na base das boas relações com os EUA

Hungria pretende crédito para investimento com o pedido de adesão ao Banco Mundial

O pedido de adesão da Hungria ao Fundo Monetário Internacional receberá, sem dúvida, a aprovação dos Governos dos países membros, indicam as primeiras reacções internacionais à notícia ontem divulgada em Budapeste. Esta adesão abrirá imediatamente caminho para a entrada daquele membro do COMECON para o Banco Mundial.

Na sede deste último, precisa-se, aliás, que a Hungria pediu também para pertencer a esta instituição. Lembrem, contudo, que nenhum país pode vir a ser membro do Banco enquanto não for membro do Fundo Monetário.

É provável, afirmam nos mesmos meios, que a Hungria tirará mais benefícios, para já, da sua integração no Banco Mundial do que da sua adesão ao Fundo Monetário Internacional.

A balança de pagamentos exteriores da Hungria é geralmente algo excedentária, salientam os especialistas. Nestas condições, a Hungria não parece vir a ser tão cedo um candidato eventual aos créditos do FMI. Em contrapartida, poderá vir a recorrer ao auxílio do Banco Mundial para financiar projectos de desenvolvimento.

Os pedidos de admissão da Hungria dirigidos ao FMI e ao Banco Mundial, vêm no seguimento de uma melhoria notável nos dois últimos anos das suas relações económicas com os EUA, notam os observadores.

Esta foi concretizada em particular pela conclusão, em 1978, de um acordo comercial através do qual os EUA concediam à Hungria a cláusula da nação mais favorecida (o que ainda não concederam à URSS), pela visita oficial aos EUA, no ano seguinte, do vice-primeiro-ministro húngaro, Mityan Huszar, e, finalmente, pela decisão do presidente Carter, alguns meses depois, de permitir à Hungria beneficiar dos créditos do Banco Export Import.

A adesão da Hungria ao FMI e ao Banco Mundial reforçará o peso dos países socialistas. A Roménia, a Jugoslávia, o Vietname e a China são já membros dessas duas instituições.

A Polónia tinha expresso a intenção de voltar a ser membro do FMI, que abandonara em 1950, na renegociação recente da sua dívida externa. Os dirigentes de Varsóvia, no entanto, não deram seguimento a esta intenção, indica fonte oficial.

A «PNEUMONIA TÓXICA» espanhola, provocada por azéite e óleos adulterados, provocou uma baixa vertiginosa nas vendas de conser-

vas daquele país vizinho enquanto a indústria entra em crise desesperada, ao ponto de 250 das 380 fábricas conserveiras de peixe correrem riscos de falência.

Os industriais pediram ajuda ao Governo e anunciaram o lançamento de uma campanha de informação na televisão para tentarem recuperar o prestígio das conservas espanholas totalmente abalado com a morte de 183 pessoas, desde o mês de Maio, devido à «pneumonia atípica» e consequente intoxicação.

Muitos dos principais clientes externos proibiram totalmente as importações e o próprio mercado espanhol retraiu-se 25 por cento em cada mês desde Agosto último.

A TAXA DE JURO americana já baixou para 17 por cento num banco, o Chemical Bank of New York (sexto em grandeza dos EUA) prevendo-se que outras instituições de crédito acompanhem esta nova descida muito brevemente. O Chemical praticava uma taxa de 17,5 por cento. A maior parte dos bancos norte-americanos baixara recentemente de 18 para 17,5.

O ORÇAMENTO DA CEE para 1982 deve crescer 15 por cento em relação ao ano corrente segundo foi ontem aprovado numa sessão maratona de sete horas no Parlamento europeu.

O Orçamento agrícola sofreu supressões de 365 milhões e o crescimento deve-se fundamentalmente à política social (mais 285 milhões), política regional (mais 200 milhões) e cooperação e desenvolvimento (125 milhões). Esta última cifra está bastante aquém dos cerca de 400 milhões que o deputado radical italiano Marco Pannella reclamava unicamente para o auxílio alimentar ao Terceiro Mundo.

Por outro lado, o Parlamento Europeu bloqueou um montante de 3 milhões de ECUS em créditos previstos

para a Turquia a fim de a incitar a regressar o mais depressa possível à democracia. Por último, recusou-se a inscrever a atribuição de um auxílio alimentar ao Vietname.

O COMÉRCIO PRIVADO DA GUINÉ vai ganhar fôlego, em detrimento do sector público, se se confirmarem os propósitos anunciados à ANOP, em Bissau, pelo titular da pasta, Joseph Turpin.

Segundo o ministro do Comércio e das Pescas, as duas grandes empresas estatais de comércio (Socomin e Armazéns do Povo) vão passar a ter uma vocação essencialmente grossista.

A função da venda directa ao público, que as duas empresas também detinham, será ocupada — acrescentou o ministro — pelo comércio privado, que também passará a ter «plafonds» para a importação directa.

Acrescentou que novos critérios de selecção das importações vão ser aplicados na Guiné-Bissau, com vista à satisfação prioritária das necessidades das camadas maioritárias da população, «principalmente dos camponeses, que são os maiores produtores a nível nacional».

A República da Guiné-Bissau mantém um défice comercial de cerca de 80 por cento com 60 milhões de dólares (404 milhões de escudos) de importações anuais e unicamente cerca de 12 milhões de dólares (77 milhões de escudos) de exportações, em grande parte peixe e produtos agrícolas.

Cerca de 45 por cento das importações foram financiadas em 1981 pela cooperação internacional, que assegurou, nomeadamente, a cobertura do défice de géneros alimentícios da Guiné-Bissau.

De Portugal continuam a ir para Bissau 60 por cento das importações, devendo as exportações para Lisboa aumentar só após o início da laboração das futuras empresas mistas de pesca luso-guineenses, cuja produção será comercializada em exclusivo pela parte portuguesa.

Actualmente há arroz em todo o País, enquanto se prepara a colheita do que terá sido ultimamente um dos melhores anos agrícolas devido à regularidade das chuvas. Em contrapartida faltam a farinha de trigo para pão, os cigarros e o gás.

Apesar de «abrandar o ritmo»

Caixa Geral de Depósitos diz que não restringe o crédito

O Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos (CGD) atribuiu ontem à «necessidade de observar os limites globais de crédito fixados à Caixa» a «moderação» do ritmo de crescimento do crédito a conceder.

Para a Administração da CGD as recentes informações divulgadas pelos trabalhadores da Caixa são «susceptíveis de confundir a opinião pública». Assim, em nota ontem distribuída aos órgãos de Informação, a administração afirma que «não está em causa a redução do volume de crédito concedido à construção e habitação que continuará a crescer, embora a ritmo menos acentuado até ao final do ano».

Apesar da evidente contradição contida nesta fase, ao dizer-se que não há redução do volume de crédito, ao mesmo tempo que se diz que ele crescerá a um ritmo inferior ao actual, o documento acrescenta que «não se justificam, por isso, atitudes alarmistas» e que a redução de ritmo referida atingirá todos os sectores a que é concedido crédito e não afectará a posição relativa do crédito predial no conjunto do crédito distribuído.

Fazendo um balanço do crédito concedido pela Caixa de Janeiro a fins de Setembro, a nota assinala que ele ascende a 56 milhões de contos, dos quais 55,4% foram atribuídos ao sector predial (crédito à construção e à compra de habitação).

Em relação à parcela deste montante a que foi atribuído juro bonificado para aquisição de habitação própria, diz-se que desde Janeiro a fim de Setembro foram efectuados 25 510 empréstimos (mais 39% do que no mesmo período do ano passado), no montante global de 20 milhões de contos (mais 83%). Teriam sido assim estes aumentos, em relação ao ano anterior que motivaram aquilo a que a CGD chama «moderação do ritmo» do crédito.

A propósito de outras acusações dos trabalhadores relacionadas com a gestão da Caixa, a administração limita-se a dizer que «possui plena consciência da correcção dos princípios por que se orienta a sua actuação».

FUNDO DE DESEMPREGO

Pagamento de débitos em prestações

Chama-se a atenção de todas as entidades devedoras de quotizações para o Fundo de Desemprego, que foi publicado o Decreto-Lei 248/81, de 27 de Agosto, concedendo uma **última oportunidade** para pagamento das dívidas ao Fundo de Desemprego em prestações mensais.

Os requerimentos solicitando o pagamento em prestações deverão ser enviados até 24 de Novembro ao Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego (Av. da República, 4 — Lisboa — Av. da Boavista 1311 — Porto ou Delegações Distritais), onde igualmente, serão prestadas todas as informações.

Nas Regiões Autónomas os requerimentos serão dirigidos aos respectivos Serv. Regionais.

SALÃO INTERNACIONAL DA AGRICULTURA
INTERNATIONAL AGRICULTURAL EXHIBITION

30 out./8 nov./81

feira internacional de lisboa
associação industrial portuguesa
lisboa · portugal

das 15H às 23H



Inovação tecnológica

O Banco Português do Atlântico divulgará amanhã à noite os inventos ou inovações técnicas que serão distinguidos com os Prémios BPA regional e nacional instituídos por aquela entidade no âmbito da Filagro/81.

Os referidos prémios galardoadam os inventos e/ou inovações técnicas no campo das máquinas ou equipamentos para a agricultura e a pecuária que constituam uma contribuição válida para o avanço tecnológico, em Portugal, das actividades de produção agrícola e de produção pecuária.

O Prémio BPA é constituído por um troféu da autoria do pintor Amândio Silva, professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto.



CONVÍVIO DEMOCRÁTICO
MAGUSTO — MDP/CDE
7 DE NOVEMBRO
A PARTIR DAS 12 HORAS

SANTA IRIA DA AZOIA
(LUGAR DE MANJÕES)

INTERVENÇÃO DE:
ANTÓNIO GALHORDAS
DA PRESIDÊNCIA DO MDP/CDE

● CANTO LIVRE
ORGANIZAÇÃO DA
COMISSÃO CONCELHIA DE LOURES



PORTO
FESTIVAL INTERNACIONAL
DE TEATRO
DE EXPRESSÃO IBÉRICA

Serviços Centrais:
Rua Paraíso, 217-2.º-Sala 5
Telefone 382432 — PORTO

FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE EXPRESSÃO IBÉRICA UM GRANDE ACONTECIMENTO CULTURAL

com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian, FAOJ, INATEL e Direcção-Geral do Turismo

BILHETEIRAS:

Na Praça da Liberdade, das 14h00 às 20h30.

Nos locais das representações, a partir das 14h30, para os espectáculos da tarde e a partir das 18h00, para os espectáculos da noite.

Não inutilize este anúncio, guarde-o e consulte-o permanentemente

DE 7 A 22 DE NOVEMBRO DE 1981

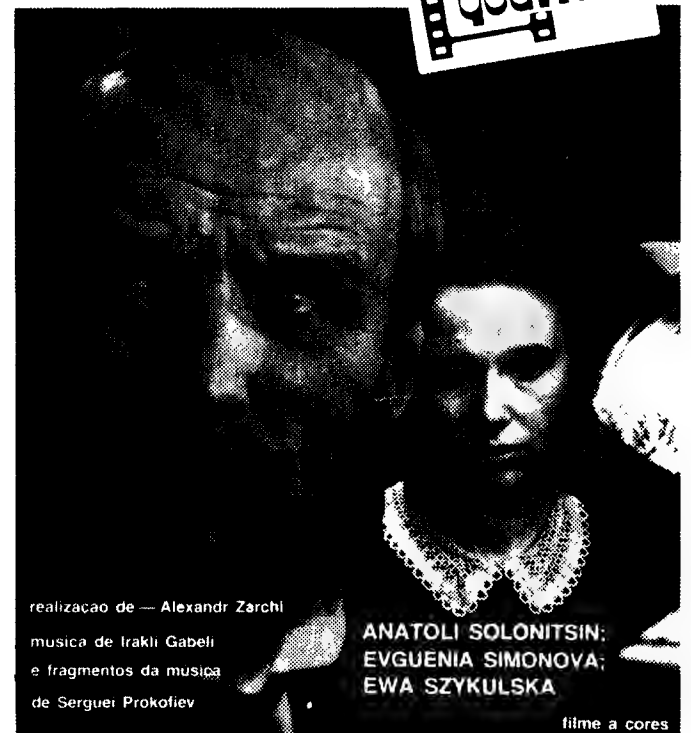
GRUPO	PAIS	PEÇA	AUTOR	DIA	HORARIOS	SALA	N.º
SEIVA-TRUPE	Porto PORTUGAL	A DAMA DE COPAS	Timochenko Wehbi	7	22h30	Sala do Povo Portuense	1
TEATRO DEL MAR NOSTRUM	Valência ESPAÑA	ENGRANAJES	Versão livre da Obra Weyreck	7 8 9	22h15 21h45 21h45	Audatório Nacional Carlos Alberto	2
TEATRO TRESOL	Madrid ESPAÑA	ESTA CANCIÓN ES UN PAJARO HERIDO	Alberto Adelach	7 8	21h30 17h30 — 22h15	Sala dos Modestos	3
GRUPO DOS MODESTOS	Porto PORTUGAL	JOÃO PALMIERI	António Lareta	9	21h30	Sala dos Modestos	4
GRUPO CENICO KORDA KAOBERDI	Praia CABO VERDE	RAY DI TABANKA		7 8 9	21h00 21h30 22h00	Teatro do Campo Alegre (Seiva-Trupe)	5
INTERNATIONAL MIME THEATER	Perote COLOMBIA	EL INMAGRANTE	Criação colectiva	8 9 10	22h00 22h00 22h00	Sala Trabalhadores do Comércio	6
KOLEKTIBO KARRAKA	Bilbao ESPAÑA	PASE LIN LLAMAR	Criação colectiva	8 9	16h30 — 22h00 21h45	T.U.P.	7
TEATRO ARTELLO	Vigo ESPAÑA	LA CANTANTE CALVA	Eugene Ionesco	10 11	18h15 — 22h00 21h45	Sala dos Modestos	8
GRUPO DE CAMPOLIDE	Almada PORTUGAL	GUERRA! NÃO, OBRIGADO	Sobre texto Bertolt Brecht	10 11	21h45 18h15 — 22h15	Audatório Nacional Carlos Alberto	9
BONIFRATES	Coimbra PORTUGAL	IBERIA SECTOR-5		11 12	22h00 22h00	Teatro do Campo Alegre (Seiva-Trupe)	10
TEATRO TELONCILLO	Valladolid ESPAÑA	EL HOMBRE E LA MOSCA	José Ruibal	12 13	18h15 — 22h15 21h30	Sala dos Modestos	11
GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL DO FUNCHAL	Funchal PORTUGAL	FARSAS POPULARES	Textos	12 13	22h00 18h15 — 22h30	Audatório Nacional Carlos Alberto	12
TEATRO EXPERIMENTAL ECUATORIANO	Quito EQUADOR	CRÓNICA DE LA VIEJA BANDA	Eduardo Almeida Navarro	12 13	22h00 18h15 — 22h30	Sala do Povo Portuense	13
EQUIPO DE LOS CHIDOS	MÉXICO	POSITIVO Y NEGATIVO	Enrique Cisneros	10 11 12	22h00 22h00 22h00	T.U.P.	14
TEATRO ANTROIDO	Santiago Compostela ESPAÑA	RUADA DAS PAPAS E O UNTO	Roberto Vidal Bolaño	14 15	18h00 — 22h30 15h30	Teatro do Campo Alegre (Seiva-Trupe)	15
AUTO FLORIPES	Aldela Neves (Barcelos) PORTUGAL		POPULAR	14	15h30	a indicar	16
DANCA GRUPO	Lisboa PORTUGAL			14 15	21h30 15h30 — 22h00	Audatório Nacional Carlos Alberto	17
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO	Porto PORTUGAL	O FID	Prieta Monteiro	14 15	22h00 15h20 — 22h00	Sala do Povo Portuense	18
TEATRO MOVIL CAMPESINO	Merida VENEZUELA	BUFALO BILL	Redolfo Molina	16 17	22h00 18h15 — 22h15	Teatro do Campo Alegre (Seiva-Trupe)	19
COLECTIVO DE TEATRO MARGEN	Oviedo ESPAÑA	DE VITA BEATA	Criação colectiva	15 16 17	22h00 22h00 22h00	Sala dos Modestos	20
TEATRO DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA	Coimbra PORTUGAL	HOMO DRAMATICUS	Alberto Adelach	18 19	22h00 18h15 — 22h15	Teatro do Campo Alegre (Seiva-Trupe)	21
GRUPO DE DANÇA DA HUMPATA	República Popular ANGOLA			16 17	21h45 21h45	Audatório Nacional Carlos Alberto	22
COOPERATIVA TEATRAL PANDORA	Múrcia ESPAÑA	EL CONVIDADO	M. Martínez Mediero	17 18	21h30 18h15 — 22h15	Sala do Povo Portuense	23
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO	Porto PORTUGAL	ARRANCA-ME A VIDA	Rodolfo Santana	18 19	24h00 24h00	Audatório Arvens	24
A BARRACA	Lisboa PORTUGAL	FENÃO MENTES	Textos de Helder Costa	18 19 20	21h45 21h45 21h45	Audatório Nacional Carlos Alberto	25
A COMUNA	Lisboa PORTUGAL	8 A O SERENA GUERRILHA	Criação colectiva Criação colectiva	20 21 22	18h15 16h00 22h00 22h15	Teatro do Campo Alegre (Seiva-Trupe)	26
TEATRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO	Porto PORTUGAL	NO VENTRE DO CAVALO	Henri Lefebvre	20 21	21h30 17h30 — 22h15	T.U.P.	27
TEATRO ANIMAÇÃO DE SETÚBAL	Setúbal PORTUGAL	«O L»	Israel Horovitz	21 22	17h30 — 21h45 18h00	Sala do Povo Portuense	28
COMPANHIA TROULA	Corunha ESPAÑA	REPARTO DE 3	Antonin Artaud	21 22	21h30 15h00 — 21h30	Audatório Nacional Carlos Alberto	29
ADÓQUE	Lisboa PORTUGAL	PAGA AS FAVAS	F. Nicolson G. Preto	20 21 22	20h30 — 22h30 20h30 — 22h30 18h00 — 21h30	Cinema do Terço	30

MEDALHA COMEMORATIVA E CARIMBO DOS CTT no Pavilhão do FITEI/81, na Praça da Liberdade. Haverá, ainda, Recitais, Colóquios, Conferências, Animação de Rua, Cursos, projecções de Filmes, e outras Actividades Culturais, pelo que, dentro do possível, diariamente serão anunciadas na imprensa

NOTA IMPORTANTE — ESTE PROGRAMA PODE SER ALTERADO POR MOTIVOS IMPREVISTOS

UM DOS MAIORES ACONTECIMENTOS ARTÍSTICO-CULTURAIS DA CIDADE DO PORTO
PREÇOS VERDADEIRAMENTE POPULARES

ESTREIA HOJE
ÀS 21.30 H.



26 dias na vida de DOSTOIEVSKI

«FILME DE QUALIDADE»

GRUPO DE CAMPOLIDE — ACADEMIA ALMADENSE
TEL. 2752175

BREVEMENTE
«A EXCEÇÃO E A REGRA»
de B. BRECHT

Encenação de PETER SCHROTH e PETER KLEINERT
do Theater IM PALAST de Berlim
Sub-SEC/CMA



uma epopeia sem paralelo
na história do cinema.

LEE MARVIN e ROGER MOORE

ARMADILHA
INTERNACIONAL

com BARBARA PARKINS · IAN HOLM · RENE KOLLDEHOFF
Realização de PETER HUNT COLORIDO PANAVISION®

2.ª SEMANA e POLITEAMA

DESPORTO

Hóquei europeu

Portugal atirado à reconquista

Portugal vai tentar a reconquista do título perdido, no trigésimo quinto «Europeu» de Hóquei em Patins que se inicia amanhã em Essen, Alemanha Federal.

Durante oito dias, a selecção portuguesa tentará provar, segundo os técnicos responsáveis, que o hóquei português recupera de uma crise que em 1980 teve um dos seus momentos mais agudos.

Alguns meses antes, em Barcelona, Portugal perdera o cetro europeu da modalidade, quando a Espanha, derrotando a equipa nacional por 2-1, interrompeu um domínio português no velho continente que data de 1971.

Nos últimos doze campeonatos europeus, Portugal venceu nove, cabendo os três restantes à Espanha. Quer isto dizer que desde 1957 a selecção portuguesa quase «monopolizou» o «Europeu» da modalidade, depois de entre 1947 e 1956, período em que o «Europeu» coincidiu com o «Mundial», a equipa portuguesa ter obtido seis dos dez títulos em disputa, o primeiro dos quais em 1947, a «estreia» portuguesa no «trono» do hóquei em patins mundial e europeu.

No torneio estritamente europeu de hóquei, no qual Portugal participa desde 1930, ano em que ficou no 5.º lugar, o primeiro título surgiu em 1959, em Genebra, aquando da realização do vigésimo quarto certame da modalidade.

A partir de então, Portugal venceu uma série de cinco campeonatos, até 1967.

Em 1969, a Espanha interrompeu a série de vitórias europeias portuguesas, mas em 1971 Portugal reconquistou o título, para o perder no campeonato de 1979, em Barcelona.

A partir de sábado e até dia 14, em Essen, RFA, Portugal tentará recuperar não só o título europeu mas o abalado prestígio nesta modalidade em que a selecção nacional, segundo os seus técnicos, «entra em campo sempre com a obrigação de ganhar».

O ano de 1980 é sintomático da queda do hóquei mais «rendilhado» e «bonito» do Mundo. Em Abril desse ano, Portugal foi atirado para a pior classificação de sempre do tradicional torneio de Montreux, quedando-se na quarta posição. Em Novembro, no Chile, a selecção portuguesa não foi além do 3.º lugar no Campeonato Mundial, atrás da Espanha e da Argentina.

Um sintoma de recuperação foi já registado em 1981, quando em Julho, nos chamados «Jogos Mundiais» disputados na Califórnia, Portugal venceu o torneio da modalidade, no qual, porém, a Espanha não participou.

Para o seleccionador nacional Júlio Rendeiro, o hóquei português está a adaptar-se às novas fórmulas utilizadas nos rínques. Menos «bonito» do que outrora, o hóquei português tem ganho em dureza e combatividade, armas utilizadas pelas equipas que os ex-campeões mundiais defrontam.

E cada jogo, segundo Ren-

deiro, é agora difícil para Portugal. O tempo em que se entrava nitidamente favorito passou, e hoje a selecção portuguesa tem que lutar, quase por igual em todas as partidas, pelas vitórias que garantem os campeonatos.

A Espanha, actual campeã mundial e europeia, mantém-se, porém, como o «inimigo» tradicional do hóquei português. Se em 1982, no «Mundial» marcado para Barcelos, Portugal tentará regressar, após 1974 ao título máximo da modalidade que aspira ao olimpismo, depois de três terceiros lugares nos últimos três campeonatos mundiais, em Essen, a selecção nacional poderá reconquistar um título perdido apenas há dois anos.

No pavilhão daquela cidade alemã federal do Ruhr, imigrantes portugueses e espanhóis «torcerão» pelos seus países, bem mais do que os adeptos alemães da modalidade.

No recinto de 6000 lugares vendidos na sua maior parte a imigrantes ibéricos, Portugal poderá estar em vantagem no apoio a uma selecção que esteve em risco de ficar em Lisboa.

Uma verba tangencial permitiria, à última hora o estágio e a deslocação de dez jogadores portugueses, técnicos, médico e dirigentes, depois de a Federação da modalidade amadora ter antecipadamente pedido o equivalente ao prémio que os futebolistas da selecção ganhariam se vencessem a modesta equipa de Israel num jogo em Telavive que, mesmo acabando em triunfo para Portugal, poderia não signi-

ficar o passaporte para Espanha, em 1982.

Para defrontarem a Espanha, e RFA (cujo treinador aspira a um 3.º lugar europeu), Itália, Suíça, Inglaterra, França, Holanda e Bélgica foram seleccionados Ramalhe, António Fernandes, José Carlos, Fernando Pereira, Cristiano, Vítor Rosado, Leste, Vítor Hugo, Vítor Bruno e Fernando Gomes da Costa.

Destes dez, António Livramento, treinador da selecção, escolherá o «cinco base» para o «Europeu» de Essen.

O apoio dos imigrantes portugueses é trunfo com que o seleccionador Júlio Rendeiro conta para a recuperação do título europeu da modalidade.

Porém, a Espanha não será facilmente desapossada do título, apesar de ir ensaiar alterações na equipa. Velhas glórias do hóquei vizinho vão ser substituídas por jovens, enquanto a selecção portuguesa ensaiará o «novo hóquei» de um conjunto de jogadores já com rodagem internacional.

Oito jogos em oito dias será o programa da equipa seleccionada por Júlio Rendeiro e por António Livramento, enquanto os delegados à reunião da Federação internacional da modalidade decidirão sobre alterações às actuais regras do hóquei, para contrariar o «antijogo» e continuar a preparar o caminho para a consagração de uma modalidade há longos anos na lista de espera olímpica.

Xadrez

Karpov em maus lençóis

Peritos e observadores interrogam-se sobre se Karpov comparecerá ao reatamento da décima terceira partida do «match» contra Korchnoi para o mundial de xadrez, a disputar-se em Merano, Itália, ou se comunicará o abandono.

A posição em que se encontrava a partida quando foi adiada era claramente ganhante para o candidato.

«É uma vitória para Korchnoi», disse o grande mestre norte-americano Lev Alburt. «Foi o jogo mais bonito dos jogadores até agora, uma bonita batalha táctica, com vitória previsível para Korchnoi», afirmou o grande mestre soviético Lev Polugaivski.

Peritos, técnicos e observadores eram unânimes quando em Merano se analisava a posição do adiamento: Korchnoi ganha.

Logo cedo Korchnoi, que jogou de brancas e utilizou a sua preferida abertura inglesa, ganhou, e manteve uma posição favorável que lhe proporcionou um bispo por um cavalo.

O médio-jogo chegou com Korchnoi a desenvolver as peças com rapidez e para posições atacantes e, o que não é normal, com Anatoly Karpov a consumir muito tempo de reflexão.

O campeão mundial que é um jogador rápido, gastou 35 minutos para o décimo sexto lance e 15 minutos para o vigésimo-nono.

Mas, foi o lance 22. G5 (das brancas) que implantou a crise no tabuleiro, e na situação das negras, com ameaças directas ao rei.

Ante a manobra de Korchnoi, Anatoly Karpov não teve outra alternativa senão trocar a dama por torre e peça menor, para evitar males piores.

Daí em diante, Karpov montou um dispositivo de segurança (defesa) procurando por todas as formas conter a posição.

Korchnoi conseguiu contornar o problema táctico que as negras lhe impunham e activar o raio de

acção da dama, o que lhe garantiu a posição ganhante de que dispõe ao movimento 41, do adiamento.

A expectativa e o interesse pelo «match» cresceram em Merano e nos meios xadrezísticos com a perspectiva de Korchnoi pôr o resultado em 2-4.

«Se Korchnoi ganhar esta partida, quer dizer que continua «vivo» e capaz de discutir o título», disse o grande mestre Robert Byrne.

Antes da partida (contem) estabeleceu novo problema quando o advogado de Korchnoi, Alban Broadbeck, apresentou um recurso ao presidente da federação internacional de xadrez, (FIDE), sobre a decisão de multar o candidato em cerca de 500 mil escudos, caso este falasse com o adversário.

«Não está correcto estabelecer uma sanção sem a falta (crime) ter sido cometida», disse Broadbeck.

O presidente da FIDE, a quem cabe a última decisão, anunciou que a tornará pública hoje.

O reatamento das partidas está previsto para hoje às 16H00 TMG, quando o resultado é favorável a Karpov por 4-1.

Lances da décima terceira partida do campeonato mundial de xadrez: Korchnoi-Karpov, 1. C4, E6; 2. C-C3, D5; 3. D4, B-E7 4. CXD5, EXD5; 5. B-F4, C6; 6. E3, B-F5; 7. G4, B-E6; 8. H3 C-F6; 9. B-D3, C5; 10. C-F3 C-C6; 11. RF1, 0-0; 12. RG2, TC8; 13. TC1, TE8; 14. DXC5 BXC5; 15. CB5, BF8; 16. CF4 CXD4; 17. TXC8, DXC8; 18. EXC4, DD7; 19. CC7, TC8; 20. CXE6, FXE6; 21. TE1, A6; 22. G5, CE4; 23. DG4, BB4; 24. TE2, TF8; 25. F3, DF7; 26. BE5, CD2 27. A3, CXF3; 28. G6, HXG6; 29. BG3, BE7; 30. TF2, CE1 CH; 31. RH1, DXF2; 32. BXF2, CXD3 33. DXE6 CH, TF7; 34. BG3 CXB2; 35. DXD5, BF6; 36. BD6 G5; 37. DB3, BXD4; 38. DE6, G6 39. DE8 CH, RG7; 40. BE5 CH BXE5; 41. DXE5 CH, RH7.

Mundial de Futebol

Kuwait avança

O Kuwait venceu a Arábia Saudita por 1-0, em Riad, em encontro do grupo de apuramento do representante da Ásia-Oceania ao Campeonato Mundial de Futebol. Classificação:

	J	V	E	D	G	P
Kuwait	3	2	0	1	3-4	4
China	3	1	1	1	3-1	3
Nova Zelândia	3	1	1	1	2-2	3
Arábia Saudita	1	0	0	1	0-1	0

Taça dos libertadores

A equipa chilena de Cobreola, empatou (2-2) com o Nacional de Montevideo (Uruguai) no último jogo do grupo 1 das meias-finais da Taça dos Libertadores, em Calama. Os chilenos já tinham assegurado a qualificação para a final, onde defrontam os brasileiros do Flamengo.

Atletismo

Grande prémio na Guarda

O Grande Prémio de Atletismo da Guarda realiza-se no dia 22 nesta cidade.

A prova, aberta a todos os clubes portugueses, disputa-se em quatro provas distintas.

Para jovens entre os 10 e 13 anos de idade, as distâncias serão dos 800 metros para as raparigas e 1500 para rapazes.

Para a categoria de «absolutos» as distâncias serão de 2500 e 5000 metros, respectivamente, para homens e senhoras.

Haverá troféus para as melhores equipas, de entre elas uma taça destinada à equipa que vença três anos seguidos ou alternados esta prova.

A organização pertence à Associação de Atletismo da Guarda e comissão distrital de juizes de atletismo.

Rali do Algarve

Wilson ganha etapa “pelo prazer de correr”

Malcolm Wilson, o credenciado piloto inglês que veio participar no Rali do Algarve «pelo prazer de correr» foi o vencedor da primeira etapa desta prova, disputada ontem.

Ao volante de um «Ford Escort RS», do grupo 4, Malcolm Wilson só não venceu por uma diferença de quatro segundos, a segunda das oito classificativas, da primeira etapa do rali que totalizava 513,6 quilómetros.

Carlos Torres, também num «Ford Escort RS» foi o único participante que conseguiu a proeza de alcançar uma vitória nesta primeira fase da competição.

O piloto inglês, embora considerado à partida como um dos favoritos à vitória final, não deu a conhecer as suas intenções, talvez com o receio de que algo de inesperado venha a opor-se aos seus objectivos.

«De momento não estou interessado em qualquer campeonato e vim apenas pelo prazer de correr, sabendo que o rali do Algarve tem uma ótima organização», disse o piloto inglês antes do início da prova.

Malcolm Wilson, para quem a sua presença no Algarve é, ainda, pretexto para fazer «um pouco de turismo» («o tempo está maravilhoso, pleno de sol»), não deixaria, no entanto, de salientar que «em cada prova do rali, nos sítios mais diversos ganha-se mais experiência».

O «prazer de correr», aliado ao desejo de ganhar «mais experiência», não poderão deixar de traduzir, embora de forma subtil, o empenho de Malcolm Wilson na conquista do título de campeão do Rali Algarve/81.

Carlos Torres e Santinho Mendes são, após esta primeira etapa, a sombra do piloto inglês, estando dele distanciados apenas por 2 minutos e 47 segundos

e 2 minutos e 51 segundos, respectivamente.

Quer Carlos Torres quer o campeão nacional de ralis têm feito tempos esplendidos. Talvez, se não fosse o problema do pó dos pisos de terra batida a sua classificação fosse outra.

Este, aliás, foi um problema logo referenciado antes do início da prova, por Santinho Mendes, que sobre ele afirmou: «só o primeiro, Malcolm Wilson, é que não terá dificuldades, a partir dele todos os outros irão correr entre pó».

«O número um, acrescentou ainda, se não tiver qualquer problema mecânico pode chegar com um avanço de cinco minutos sobre o segundo e, sem se aborrecer muito».

As previsões do piloto português pareciam, pois, que não estavam totalmente erradas.

A diferença de tempo do primeiro classificado para o segundo não é de cinco minutos mas é de dois minutos e 47 segundos o que, em termos de rali, pode ser considerado como uma diferença significativa.

Muitos desistentes e Carlos Carvalho com água no depósito...

Mais de 36 por cento dos concorrentes ao Rali do Algarve desistiram da prova, durante o decorrer da 1.ª etapa. De um total de 114 concorrentes que alinharam à partida, apenas estão em prova, após esta primeira etapa 74 participantes.

No numeroso «pelotão» de desistentes contam-se alguns nomes considerados à partida como favoritos, entre os quais Francisco Romãozinho em Citroën Visa, Carlos Peres e Carlos Fontainhas, ambos em Ford Escort RS.

O caso mais insólito aconteceu com o concorrente 52, Car-

los Carvalho que «viu» o depósito do seu Ford Escort com mais água do que gasolina. Embora ainda não tenham sido apuradas as responsabilidades pensa-se que terá havido negligência no abastecimento dos bidões de reserva que em vez de gasolina teriam sido encheidos com água.

Outra situação insólita passou-se com o concorrente 26, Fernando Gaspar que entregou a carta de prova no fim da sexta prova classificativa sem que desse qualquer explicação que justificasse a sua desistência do rali.

Quem não ganhou para o susto foi a dupla «O Juara»/Alfredo Lavrador, em Escort RS, que na quarta prova classificativa, veriam passar à frente uma roda do seu próprio carro.

Classificação da 1.ª etapa A classificação geral, oficial, do Rali do Algarve após o termo da 1.ª etapa é a seguinte:

1.º Malcolm Wilson (Escort RS) 1 hora 39 minutos e 34 segundos; 2.º Carlos Torres (Escort RS) a 2 m e 47 s; 3.º Santinho Mendes (Datsun 160 J) a 2 m e 51 s; 4.º Joaquim Santos (Escort RS) a 6 m e 37 s; 5.º J. Pedro Borges (Opel Ascona) a 8 m e 55 s; 6.º Mário Silva (Escort RS) a 9 m e 43 s; 7.º Inverno Amaral (Escort RS) a 10 m e 12 s; 8.º Manuel Rolo (Escort RS) 11 m e 26 s; 9.º Jorge Ortigão (Toyota Star) 12 m e 29 s; 10.º Werner Schweizer (Opel Ascona) 12 m e 46 s; 11.º Fernando Simões (Kadett GTE) 13 m e 15 s; 12.º Gomes Pereira (Kadett GTE) 14 m e 58 s; 13.º Blazej Krupa (Renault 5 Alpine) 18 m e 22 s; 14.º Jorge Parente (Escort RS) 20 m e 15 s; 15.º Raul Peixoto (Escort RS) m.t.

O único concorrente da Madeira em prova, João Rodrigues, em Opel Ascona, encontra-se na 48.ª posição não oficial.

GINSENG EM TABLETES EFERVESCENTES: a forma ideal de absorção

Diadynam®

GINSENG + VITAMINAS NATURAIS

Um longo processo de investigação levou à obtenção dum produto totalmente natural de extracto de ginseng com vitaminas na forma de tabletes efervescentes.

Uma tablete de Diadynam G dissolve-se num copo de água toma-se um excelente refresco, fácil de tomar e de gosto agradável, e que lhe garante um acréscimo de vitalidade sem acções secundárias.

REVITALIZADOR DAS CONDIÇÕES FÍSICAS E INTELECTUAIS

A VENDA NAS FARMÁCIAS

Diadynam G Ginseng Vitaminas

Representantes para Portugal:

farga representações, lda

4, Cidade de Manchester 32-B Lisboa
Telex 82 55 44 82 63 15

DIAFORM LTD-BASLE

AGENTES - Madeira - Leacock & Ca. Lda. Funchal

Centro e Norte - Acefama, Lda. Apartado 319. Coimbra

EXERMATOS Sêneca e Sebastião da Gama

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º - Tel. 40092
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º - Telex 822776 - 823531

O maior acontecimento cultural da cidade do Porto

FITEI/81: a festa está aí

Todos os anos em Novembro dezenas de grupos teatrais marcam encontro com a cidade do Porto. Vêm de várias partes do mundo subordinados ao mesmo vínculo: as línguas ibéricas que hoje abrangem quase 500 milhões de habitantes nos diversos continentes. Há quatro anos que vem sendo um hábito salutar, uma rotina que não cansa, antes nos deixa uma certa ansiedade sempre que surge o encerramento. Chama-se FITEI e nas paredes desta vetusta urbe aparece com cores garridas, bem combinadas, azul, vermelho e amarelo. As cores da festa que quer ser, e é, de facto, todos os anos. Festa do teatro e da cultura, nas salas de espectáculos e na rua.

Pela quarta vez a festa vem aí. Está a chegar o IV Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica. Será o maior de todos os anteriores, com 29 grupos, 31 peças, oito salas em acção e cerca de 500 actores e técnicos em movimento.

Durante duas semanas, de 7 a 22, a cidade poderá, por exemplo, aliviar-se dos problemas que a Câmara Municipal teima em não resolver — quantos e quais graves problemas tem o Porto? — e encher as salas de espectáculos ou as ruas, quando a festa também as invadir, como está previsto.

«O Porto tem saído daquele deserto cultural em que vivia, em larga medida porque o FITEI tem sido o desbravar do terreno» — são palavras de Júlio Cardoso, um dos principais animadores daquele grande festival internacional, em declarações ao «D.L.». Apesar disso «por taca-nhez a Câmara do Porto ainda não definiu o seu apoio, quando estamos a dois dias da abertura». Lamentavelmente, acrescenta Júlio Cardoso, tivemos que pagar cerca de oito contos

para afixar publicidade pelas ruas da cidade.

Raramente têm as entidades públicas respondido satisfatoriamente às obrigações que se lhes põem em matéria de apoio às iniciativas culturais que pela sua grandiosidade e categoria se transformam em pólos difusores da cidade e do País. No caso do Fitei é escandaloso.

Apesar disso os organizadores não têm desanimado e de ano para ano a importância do festival tem crescido. «Se de ano para ano tem ultrapassado todas as expectativas isso deve-se fundamentalmente à população da cidade, gente que gosta do teatro, da cultura, da cidade e da região» — diz-nos Júlio Cardoso.

As despesas de organização do festival deste ano sobem a cerca de cinco mil contos, verba afinal pouco elevada considerando a grandeza do certame. Este é o festival «mais barato do mundo, não só no seu custo, mas também no próprio acesso: quem comprar uma série fica com os bilhetes a 50\$00 cada». Como é possível fazer preços tão baixos?

«Isto só se consegue pelo regime de voluntariado que se imprimiu em toda a preparação do festival» — afirma Júlio Cardoso.

Com efeito, muitos jovens, estudantes, trabalhadores, artistas, têm dedicado todos os anos a sua disponibilidade e capacidade criadora à organização. De há semanas para cá tem sido uma azáfama louca, com cartazes, panos, tarjetas, colagens, marcação de salas, distribuição dos espectáculos, arranjos dos espaços cénicos, um sem-número de actividades indispensáveis à montagem de um festival de tão grandes proporções. Não fora isso, essa verdadeira militância cultural, e um festival desta envergadura não seria possível.

Dos 29 grupos que participam nesta quarta edição do FITEI, 14 são portugueses, 9 espanhóis, dois africanos e quatro latino-americanos. Dentre os portugueses, destaque para os organizadores TEP e Selva Trupe, Comuna, Barraca, Adoque, Auto Floripes e Teatro de Campolide. Além destes: Grupo dos Modestos, TUP, TEUC, Teatro Experimental do Funchal, Teatro de Animação de Setúbal, Bonifrates e Dança Grupo de Lisboa.

De África vem a dança quente e erótica do Grupo de Humpata (República Popular de Angola) que se estreia no ano passado, e o grupo Korda Kaorberdi, uma estreia cabo-verdiana à volta da qual se está a criar grande expectativa. De África virão ainda representações oficiais permanentes da R.P.A., da R. P. de Moçambique, da R. da Guiné-Bissau e da R. de Cabo Verde.

De Espanha teremos os grupos Trebol, Antrodo, Margen, Kolektibo Karraka, Teloncillo, Troula, Mar Nostrum, Pandora e Artello, alguns dos quais já conhecidos do público português.

Do outro lado do Atlântico e da costa do Pacífico, a presença de grupos da Venezuela, México, Colômbia e Equador, respectivamente, «Teatro Movil Campesino», «Los Chidos del Cleta», «International Mime Theater» e «Teatro Experimental Ecuatoriano».

Será, enfim, um festival aberto às mais variadas formas teatrais, desde a dança, ao clássico, passando pelo popular de vários estilos e pela revista.

Prevê-se que cerca de trinta mil pessoas passem pelas oito salas espalhadas pela cidade — Carlos Alberto, Cooperativa Povo Portuense, Modestos, Árvore, Cinema do Terço, Sindicato do Comércio, Teatro Campo Alegre e TUP — durante os cem espectáculos marcados. Apostando na descentralização os organizadores do Fitei conseguiram já garantir a realização de mais trinta espectáculos na província.

Paralelamente haverá uma série de actividades culturais «destinadas à população em geral e a todos aqueles que pretendem participar, de uma forma mais activa, nos objectivos deste acontecimento e contribuir para o estreitamento das relações de amizade entre os povos de expressão ibérica». Logo no dia da abertura, sábado, será lançada uma medalha comemorativa da autoria de José Rodrigues, todos os filatelistas poderão aumentar



Teatro Experimental Equatoriano: «Crónica de La Viaja Banda»

Sala da Direcção-Geral da Comunicação Social, com representantes dos grupos participantes, com os delegados oficiais dos países de expressão portuguesa e com individualidades nacionais e estrangeiras.

Haverá ainda uma mesa-re-

elementos do famoso International Mime Theater; o outro, de 16 a 20, pelo Roy Hart Theatre.

Esta é a realidade agora. Os projectos são, no entanto, mais ambiciosos. Os organizadores do Fitei pretendem construir um centro de cultura para o qual já têm um anteprojecto de Viana de Lima e um pedido há mais de dois anos na Câmara do Porto para a cedência de um terreno, em regime de superfície, para o efeito. Querem criar uma companhia própria de teatro popular, uma oficina própria de carpintaria teatral, de luminotecnica e sonoplastia, cursos de cenografia, cursos de iniciação à prática de teatro para crianças e adultos.

Capacidade para tanto parece não faltar. Vontade também não. O que é preciso chamar-se-á apoio das entidades que têm sido solicitadas. E não poderá tardar, sob pena de ser o Ministério da Cultura espanhol ou venezuelano a acudir à situação. Isto porque quer o Centro Latino-americano de Creacion e Investigación Teatral, de Caracas, quer o Centro Español para las Relaciones con el Teatro de America Latina, em Madrid, já reconheceram o prestígio do FITEI. E, em breve, **senhores responsáveis da cultura e da cidade**, serão firmados acordos para coordenação de actividades.

L. H. M.



«Troula», de Espanha

a sua colecção com um carimbo dos CTT alusivo ao festival e serão inauguradas duas exposições: de fotografia (sobre Teatro) e dos 30 anos de actividade do TEP.

Depois haverá debates diários no auditório do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, na

donda sobre «a cidade e a cultura» para a qual foram convidadas várias individualidades e organismos culturais.

Mas o Fitei/81 não fica por aqui. Os amantes do teatro por dentro, sejam ou não actores, têm dois cursos à escolha: um, de 9 a 14, que será dado por

Oliveira Martins: o historiador e o homem histórico

Continuação da pag. 3

alcandoradas para iluminar os turbos caminhos da história.

Retrocedendo no tempo: e o Portugal Contemporâneo, esse quadro mais alargado e vivo da sociedade portuguesa? Apesar do tom romanceado que irresistivelmente (como um imperativo) assiste a toda a sua prosa, as personagens são analisadas sob uma peneira mais céptica, mais crítica, mais irónica. Talvez por o posicionamento delas (personagens) em relação ao historiador se constatarem num período de tempo bastante curto. No Portugal Contemporâneo não existem santos, místicos e castos, venerados por uma sociedade que neles se reconhece e se devolve. Talvez o único homem com vocação para santo (e tinha defeitos, na opinião de Oliveira Martins) fosse o carismático Alexandre Herculano, o «profeta» desiludido, inconsolavelmente deixado no esquecimento pelos

seus contemporâneos. Já n'Os Filhos de D. João I a tendência mística de Oliveira Martins se denuncia na inocentização das personagens: turbem a Família, enquanto símbolo dos bons costumes e da sanidade moral, é elevada a núcleo a partir do qual se forja o ser humano.

Um outro conceito diferencia o Portugal Contemporâneo da outra obra por nós analisada: o de geração. Nunca como n'Os Filhos de D. João I a geração tem um significado mais umbilical e matricial: D. Filipa de Lencastre, lídima representante do que de mais fértil e rico subsiste no génio britânico, é o centro procriador dum conjunto de homens vitoriosos e ardentes que transformaria os rumos do país. No Portugal Contemporâneo as gerações não possuem essa unidade carnal e espiritual que um ventre materno indelevelmente fecunda. Os sentimentos de decadência, de esboroamento, de desastre sobrepoem-se à esperança. Mas, uma

suspeita se nos levanta: não será que em Oliveira Martins a sedução por esse Portugal quatrocentista provinha do Império por conquistar, dum mundo por palmilhar e dum poder fortemente centralizado(r) e pessoalizado que culminaria sob o pulso dinâmico de D. João II? A «Inclita Geração» não consubstanciaria a vitória duma política de autoridade de reis reformadores e lúcidos, com os olhos postos no futuro? E que espectáculo se deparava a Oliveira Martins na sociedade em que vivia? O fraccionamento do poder, as tutelas económicas, militares e religiosas não contribuíam para um parasitismo geral, uma indolência e uma passividade acrílicas?

Um aspecto que sobremaneira nos ultrapassa é intuído o pendur quase religioso pelas personagens que, de algum modo, nos restituem uma imagem de santidade e elevação. Um desejo, superior e indimensionável, de purificação?

Uma conclusão se nos afigura

pertinente após estas brevíssimas notas de leitura: a história, em Oliveira Martins, é feita, passo a passo, tijolo a tijolo, pelos indivíduos nas suas altitudes e contradições, nas suas virtudes e imperfeições, nas suas inabilidades, nas suas fraquezas morais e psicológicas. Mesmo a política é encarada sob o ponto de vista moral. Na moralização dos costumes se poderá obstar a um estado precário das sociedades, não desprezando embora as medidas de carácter económico e de intervenção material. A história em Oliveira Martins é verdadeiramente um apostolado ditado por uma concepção voluntarista da vida pública.

NOTAS

- (1) Oliveira Martins, Os Filhos de D. João I. Lisboa, Guimarães & C. Editores, 1973, p. 9.
- (2) Ibidem.

Cecília Barreira

AUTOMÓVEIS, CAMIONETAS, FURGONETAS, CAMIONS, FURGONS, TRICICLOS, ETC.

LEILÃO

DE CERCA DE 45 VEÍCULOS

AMANHÃ SÁBADO,
ÀS 10.30 HORAS

EM SACAVÉM, NA R. CIDADE DE GOA, PINHEIRO DE FORA (Transportes Postais de Lisboa, entre a EDP e o campo de futebol do Sacavenenses), por determinação dos CTT — Correios e Telecomunicações de Portugal, serão postos em praça, unidade por unidade, os veículos acima referidos, retirados de serviço, que se encontram em EXPOSIÇÃO no local do leilão, hoje das 10 às 12 e das 14 às 18 h. e amanhã das 9 às 10.30 h.

MARCAS: Thames, Mercedes-Benz, Ford Anglia, Volkswagen (Limousine), Nissan, Morris, etc., além de alguns triciclos e ciclomoteres.

SOC. DE LEILÕES

Av. Casal Ribeiro, 17-A/B
Tel. 532929-546869-547918

NOVA ALIANÇA, Lda.

CONTINUADORA DA



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929-5478-532444

AFRAFILHOS, Lda

terramoto no chile

O TEATRO DO MUNDO

ATÉ 14 DE NOVEMBRO
AS 21.15

ESTUFA FRIA



ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

canal da crítica

Freitas e a ratoeira

Há um problema grave para o nosso país, e se chama estação nuclear de Sayago; há um homem no nosso país, homem demasiado efêmero e se chama Diogo (ou Dyogo?) Freitas do Amaral. A televisão trata o primeiro na hora de pequena audiência; dá ao segundo a hora máxima. Como se costuma dizer: «é o máximo!»

O debate sobre a instalação nuclear em Sayago reuniu o dr. Júlio Meirinhos, presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro; os engenheiros Luís Gonzaga e Felisberto Cardoso. Mostrou como se moderava uma sessão deste género o jornalista do Porto, Pacheco Miranda.

Júlio Meirinhos lançou um vigoroso protesto contra a marginalização a que a sua autarquia se via condenada e contra a falta de esclarecimento e informação. Pelo que, como se prova, a palavra «descentralização», na boca de certos governos, não passa de demagogia para uso externo.

O engenheiro Luís Gonzaga é de opinião de que se exageram os riscos de poluição e que estão a fazer-se experiências para avaliar os perigos que possam correr as preciosas videiras da região. Noutras zonas da Europa, diz-nos, as videiras não foram afectadas. Quanto ao mais, se se respeitarem todas as regras de segurança, não haverá problema.

O engenheiro Felisberto Cardoso não parece a vários títulos tão optimista. Coloca o problema central: vamos supor que há mesmo um desastre. Os bens não estão protegidos. E as populações portuguesas estão? E cobrirá o Di-eito Internacional a possibilidade de um país pôr em risco a população do outro país?

Destas e de muitas outras questões bom seria que os portugueses tivessem plena consciência. Mas, ao relegar o debate para uma hora pequena, sem a mínima tentativa para mobilizar a atenção da audiência, provou a RTP que os seus planos são outros, são outros os seus critérios

quanto à importância dos problemas.

Assim é que, logo após o Tele-jornal, dele apenas separado por uma exposição de Cristos crucificados (Sofreste muito, Jesus mas olha que a nossa cruz, às vezes, pesa que se farta) veio a entrevista com Diogo Freitas do Amaral.

Sabem como é: pode falar, falar, falar mesmo que não tenha nada para dizer. Foge, rodeia, escapa-se, inventa as saídas mais inverosímeis e quando lhe apetece, pura e simplesmente, não responde. O seu argumento de estimação é o das circunstâncias. Em 1976, pensava uma coisa e agora pensa outra? São as circunstâncias. Em tempos fazia assim e agora faz assado? São as circunstâncias. Nem pensa na circunstância de as pessoas o não levarem a sério quando promete seja o que for, pois sabem que ele dará o dito por não dito...quando mudarem as circunstâncias.

Reparem só: este indivíduo disse ali, naquela mesma televisão, que nunca faria parte de um Governo com o general Ramalho Eanes em Presidente da República. Ei-lo a responder na qualidade de...ministro! Como pode imaginar que as pessoas o respeitem? Acaso um homem sem palavra pode dar confiança à palavra de um político?

Uma coisa é certa: a sua maior contribuição, ontem, foi para a antologia da asneira. Logo de

MÁRIO CASTRIM

início enalteceu o papel das forças armadas, em todos os países, «excepto, naqueles onde não há forças armadas»...

Thomaz deixou alunos. Aplicadinhos.

Quanto ao mais, os sofismas sucederam-se, numa cadência impressionante. As contradições amontoaram-se. Sempre nas calmas, mesmo quando Beça Múrias denunciava os esquecimentos, os deslizos, as contradições.

Dois exemplos: não explicou porque não procurara o Governo esclarecer-se junto dos órgãos militares de preferência a lançar-se num ataque público de tamanhas dimensões. Nem podia explicar, sob pena de descobrir os fundamentos da campanha...

Foi sua opinião de que os militares não devem manifestar-se em público, pois as palavras dos militares são indissociáveis das armas que eles possuem, ganhando assim contornos mais graves. Mas considera ter sido útil a publicação do relatório de Timor, porque assim se deu aos militares a possibilidade de, publicamente, se defenderem...

Com o problema da revisão constitucional, ele omitiu o essencial: pretende-se alcançar pela revisão aquilo que não se conseguiu pela eleição, ou seja, pretende-se esvaziar de poderes um Presidente da República que, por processos democráticos, não puderam substituir em 7 de Dezembro. O Presidente da República que o povo escolheu em 7 de Dezembro não é aquele que resulta do pacto Freitas - Balsemão - Soares. E é nesta perspectiva que uma revisão assume aspectos de um golpe de Estado.

Esta é a realidade. A palavra «democracia», a expressão «legitimidade democrática» não têm qualquer valor em bocas como as de Freitas do Amaral. Uma vez que este Freitas e outros que tais se apoderassem da máquina militar, a democracia do 25 de Abril, poderia bem encomendar a cal e as três baladas.

Se algum democrata tem dúvidas, veja o que se passa na informação da TV. Os políticos da AD não aceitam debates, discussões com outras forças. Uma coisa é serem entrevistados (com Marantes à cabeça) outra coisa é serem confrontados.

Têm medo. Fogem à discussão porque não têm razão. Eles pensam que somos tolos ou quê?



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV DO Forno, 7-A, AGR. ROSSIO, 1-371001-2

Hoje



Na RTP-1 exibição do 4.º episódio de «A Balada de Hill Street»

- 18.07 Sumário
18.10 Tempo dos Mais Novos
18.45 País, País
19.10 Bonecas Primitivas e Rituais
19.45 Olhai os Lírios do Campo (17.º episódio)
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal - As notícias do País e do estrangeiro.
21.05 A Balada de Hill Street (4.º episódio) Intérpretes: Daniel J. Travanti, Michael Conrade e Bruce Weitz.
Realização: Robert Butler.
22.05 Noves Fora Nada - O aliciante concurso com prémios em ouro que podem ir até aos mil contos.
23.15 24 Horas - as últimas notícias.



Este é o retrato de Cesário Verde, pintado por Columbano, para a primeira edição do «Livro Cesário Verde», e que será esta noite evocado no programa Páre, Escute e Olhe, na RTP-2



- 18.45 País, País - Informação regional
19.10 Sítio do Picapau Amarelo
19.40 O Homem e a Terra
20.05 Jeito e efeito - «Tapacaria tecida»
20.30 Informação/2
21.00 Os Grandes Maestros - (4.º programa) - «Rafael Kubelick»
22.30 Páre, Escute e Olhe «Cesário Verde»

Amanhã



10.35 Tempo dos mais novos; 11.30 Animação; 12.00 Loja de antiguidades; 12.30 História escrita; 13.00 Memória de um povo; 13.30 Novos horizontes; 13.55 Sumário; 14.00 100 Grandes quadros; 14.15 Hoje há vistas; 15.15 Um apontamento sobre a viagem da nave americana; 15.45 Gato por lebre; 16.00 Os Cosmos; 17.00 Porque hoje é sábado; 19.00 Viva a música; 19.30 Muito pouco, tudo ou nada; 20.00 Aqui e agora; 21.30 Sabadabadu; 22.30 Dallas

19.05 Muni; 19.30 Topo norte; 20.00 Magazine de Artes Plásticas; 20.30 O maior cartaz; 21.30 Cinema com o filme «Macumatum».

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



A Balada de Hill Street (21.05)

Páre, Escute e Olhe (22.30)



Além de um programa à escolha oferece-lhe



Resumo do episódio de hoje

Eunice é operada, mas o assistente do dr. Teixeira, o dr. Mário, ao ver que não há necessidade disso, fica relutante em realizar a intervenção.

Cintra e Acélio chegam ao hospital e o médico diz-lhes que teve que fazer a operação devido a uma crise de apendicite de Eunice.

Eunice recupera quando Filipe, Isabel e Dora chegam ao quarto onde se encontra.

Em casa, Alzira diz a Florismal que o marido precisava até ao fim-de-semana do dinheiro que lhe tinha emprestado, e pede a Quinota que a acompanhe ao teatro onde trabalha Madalena.

O piquenique de Eugénio, Olívia e Frida acabou: os três regressam à cidade e Ernesto avisa o irmão de que vai casar com Madalena.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO - Rua B. Jesus Caraga 17 - Cruz Quebrada - Tel. 2112871

FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta

HANNA SCHYGULLA

no novo sucesso de

R.W. FASSBINDER

As lágrimas amargas
de Petra von Kant

(Die bitteren Tränen der Petra von Kant)

MARGIT CARSTENSEN - IRM HERMANN
EVA MATTESArgumento: R.W. FASSBINDER - Fotoq: MICHAEL BALLHAUS
Não acima a men de 18 anos - COLORIDOO difícil mundo
do amor entre mulheres!FILME
DE
QUALIDADE2.ª
SEMANA

quarteto

EM LISBOA!

TEUC - Teatro dos estudantes da Universidade de Coimbra

2, 3, 4, 5 7, 8 de Novembro, 21.30 h, com

HOMO DRAMATICUS

De A. Adelach, enc. A. Gutkin na

SPA - Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31 Tel: 578320/557613

COMUNA

teatro de pesquisa

DIARIAMENTE AS 21.45 H

DOMINGO SÓ AS 17 H

2.ª FEIRA DESCANSO

curta série de espectáculos

só até 15 de novembro

SERENA GUERRILHA

texto: ABEL NEVES - COMUNA

fontes rocha

joão mota

ÚLTIMAS SEMANAS

ANTES OU DEPOIS DA PEÇA JANTE

OU CEE NO CAFÉ-TEATRO

PRATA DE JUPINAZ - TEL. 76 26 24 - SUBSÍDIO DA TEL.

DISTRIBUIDORES
COMISSIONISTAS

Com viatura própria para venda de refrigerantes em Lisboa, Sintra e Almada. Respostas ao Apartado 55 - Leiria

PUB

ADOQUE 6.º MÊS!

teatro

TEL. 874476

PAGA
AS FAVAS

POR MOTIVO DE APRESSARMOS A ESTREIA DO NOVO ESPECTÁCULO INFANTIL «OTETRINHO» AGORA SÓ

SEXTAS
21.30SABADOS
20.30 e 22.45DOMINGOS
16 e 21.30



RADIODIFUSÃO PORTUGUESA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CONCERTO SINFÓNICO



7 DE NOVEMBRO, ÀS 17.30 HORAS

CONCERTO DE HOMENAGEM A IVO CRUZ

PROGRAMA

1.º TÊNTO

Manuel Rodrigues Coelho
(Orquestração de Ivo Cruz)

TRIPTICO

Ivo Cruz
Poesias de António Sardinha:
Ai Deus, e hu é?!
Soneto de amor
Vexilla Regis

(Tenor e orquestra)

Pastoral
Ivo Cruz
Poemas de amor e saudade

(Coro de câmara e orquestra)

Orquestra Sinfónica da RDP sob a direcção do Maestro
Fernando Eldoro
Coro de câmara
Solista Fernando Serafim

Teatro

A peça «Betrayal», de Harold Pinter, será representada no palco do Teatro Nacional D. Maria II hoje (às 21.30), amanhã (às 16 e 21.30) e no domingo (às 16 horas). Dirigido por Richard Cottrell, este espectáculo é interpretado pelos actores Bryan Marshall, Pamela Salem, William Hoyland e Kelvin Spooner. Pinter, um dos principais renovadores do chamado Teatro do Absurdo, é hoje considerado um dos mais importantes dramaturgos britânicos.

Da vasta obra teatral de Harold Pinter destacam-se as peças «A Slight Ache» (1961); «The Collection» (1962); «The Lover» (1963); «The Home Coming» (1965); «Landscape» (1967); «Silence» (1968); «Old Times» (1971), apresentado no Teatro Nacional de D. Maria II, em 1978, com o título «Velhos Tempos»; «No Man's Land» (1975) e «Betrayal» (1978), que obteve o prémio da melhor peça do ano da Sociedade de Teatro do West End.

No campo do cinema, escreveu argumentos para os filmes «The Servant» (O Criado), 1964, «The Quiller Memorandum» (O Processo Quiller), 1966; «Accident» (O Acidente), 1968; «The Go-Between» (O Mensageiro), 1971; «The Last Tycoon» (O Grande Magnate), 1976, etc.

A propósito das suas peças, Harold Pinter afirmou um dia: «Não há uma distinção nítida entre o que é real e o que é irreal, como não há entre o que é verdadeiro e o que é falso».

rôteiro cultural

«Uma coisa não é necessariamente verdadeira ou falsa, pode ser ao mesmo tempo verdadeira e falsa».

«Tudo é cómico, a seriedade mais grave é cómica, até a própria tragédia não deixa de ser cómica».

Bailado

Com obras dos coreógrafos Hans van Manen, Lar Lubovitch, Vasco Wellenkamp e

sidente da Companhia, apresentará o «pas-de-deux» «Percursos», inspirado em música de Heitor Villa-Lobos, com cenário de Nuno Carlinhas.

Reveste-se também de particular interesse a colaboração do coreógrafo jugoslavo Milko Sparemblek neste programa: dele veremos uma nova versão da «Sinfonia dos Salmos», sobre música de Stravinsky e que pode considerar-se um

antes do tempo depois», de Lar Lubovitch, com música de Stravinsky.

Este programa será apresentado em mais oito espectáculos, nos dias 7, 11, 12, 13, 14 e 15 do corrente.

Passeios

Existe fim-de-semana o Centro Nacional de Cultura vai efectuar 2 passeios. Um, amanhã, ao Atelier do Cantonista Sam, outro no domingo às Vilas Urbanas da Graça e Penha de França.

No primeiro passeio os visitantes terão oportunidade de contactar com a particular forma de humor de Sam e com as originais colecções de funis, relógios e buracos do autor do Guarda Ricardo.

Será ainda ocasião para ver, em primeira mão, a exposição que vai estar patente na Fundação Gulbenkian muito brevemente.

A visita ao Atelier de Sam será conduzida pelo próprio.

Esta visita começa às 10.00 e o encontro é no Atelier 2, Quinta do Contador-Mor à Rua Cidade do Lobito, Olivais.

No dia 8, domingo, pelas 10.00 começa no Largo da Graça, a visita às Vilas Urbanas da Graça e da Penha de França. Os visitantes serão guiados pela Dr.ª Maria João Madeira Rodrigues que nos irá falar do aspecto histórico e urbanístico das Vilas Urbanas e das habitações operárias do fim do século XIX. Serão visitadas algumas como a Vila Estrela de Ouro, Vila Berta, Vila Rodrigues, Vila Gadanho, etc.



O Ballet Gulbenkian inaugura hoje a sua temporada

Milko Sparemblek, inaugura-se hoje, às 21.30, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, a temporada de 1981/82 do Ballet Gulbenkian.

Em estreia absoluta, Vasco Wellenkamp, coreógrafo-re-

dos seus bailados de maior êxito.

Completam o programa, em reposição, os bailados «Canções sem palavras», de Hans van Manen, com música de Mendelssohn e «O Tempo



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

ANUNCIO

Concurso n.º 3-1916/81-P

Leitos de cuidados intensivos para o Serviço U.U.M., salas 1 e 2 do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 27 de Novembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 27 de Outubro de 1981.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) Ilídio Luis de Sousa



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	57315	62515
ALEMANHA FED (marco)	28350	29660
AUSTRIA (xelim)	4300	4320
BELGICA (franco)	13539	13739
BRASIL (cruzeiro)	3321	3571
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	52560	54560
(notas de 5 a 1000)	53510	55510
DINAMARCA (coroa)	8585	9225
ESPAÑA (peseta)	3631	3731
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	62590	64590
(notas de 5 a 1000)	63540	65540
FINLÂNDIA (marka)	14550	15510
FRANÇA (franco)	11520	11590
HOLANDA (florim)	25590	26590
INGLATERRA (libra)	119500	123500
IRLANDA (libra)	101530	105530
ITALIA (lira)	3049	3059
JAPÃO (ene)	25252	25287
NORUEGA (coroa)	10575	11525
SUECIA (coroa)	11550	12510
SUIÇA (franco)	35535	36545
VENEZUELA (bolivar)	12585	13585

- Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
 2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem - juvenil; 17.00: Postigo; 18.45: RDP-regiões; 19.00: Turismo dos anos 80; 20.00: Enquanto os outros vêem TV - revista cultural; 21.00: «O Jugal de Deus» - programa da noite; 21.30: Alfa e omega; 02.00: Madrugada da RDP-Sul; 05.30: Programa rural da RDP-Sul. Grandes blocos informativos: 13.00, 19.30 e 23.30.

PROGRAMA 2

16.00: Música; 17.00: Músicas de todos os quadrantes; 17.30: Variações sobre um tema de Frank Bridge, op. 10, de Britten, pela Orquestra de Câmara do Festival de Bach; 18.00: Tudo isto e música também; 18.45: The Fair Queen, suite para orquestra de câmara, de Purcell, pela Orquestra de Câmara de Heidelberg; 19.00: Sinfonia n.º 38 em Ré Maior k. 504 (Praga), de Mozart, pela Orquestra do Concertgebouw de Amsterdão - Poema sinfónico «Pedro e o Lobo», de Prokofiev, texto de Andrade e Silva, pela Orquestra Sinfónica da URSS; 20.05: As cores e as formas; 20.35: Rapsódia sobre um tema de Paganini, op. 43, para piano e orquestra, de Rachmaninoff; 21.00: Ópera «Lucrécia Borgia», de Donizetti; 00.00: Música portuguesa; 01.00: Fecho.

RÁDIO COMERCIAL (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 16.45: Os meus segredos de cozinha; 17.03: Todos no top; 18.06: Hora de ponta; 18.10: Espaço 3P; 20.03: Quando o telefone toca; 22.03: Portugal e a CEE; 22.20: Mensagens bíblicas; 22.35: Diálogo; 22.40: Tempo de desporto; 23.08: 24ª hora Noticiários de hora a hora

RC-FM-ESTÉRIO (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3P; 16.03: Rock em stock; 18.03: Circulo em FM; 19.03: O vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: «Aqui e agora»; 17.00: «Jornal da mulher»; 18.15: Igreja em Notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do Terço do Externato do Parque; 19.00: «Programa da L. A. R.»; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: «Paju»; 21.00: «Discos L. A. R.»; 21.30: «Diálogo e vida»; 22.00: «Quando o telefone toca»; 22.30: «Grande círculo»; 23.10: Informação desportiva; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30 «Flashs» noticiosos de hora a hora

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 271

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 131

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 270

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Massa Mera.	1 Mas SOL. Mad.
2 AGOSTO Sana.	2 Age. Emes. NO.
3 Selar AT. DA.	3 Solar. Goma.
4 Oitavo.	4 Ssa. Roa. Ata.
5 Serranos.	5 Atroa. Rapar.
6 Om.	6 Ina. Ma.
7 Legar Ruava.	7 Ato. ROSTO.
8 Só Amoiram.	8 Estas. U.
9 Mapas. Ló.	9 Ra. Bar. Ru.
10 Anata Taras.	10 Andor. Valas.
11 Dó. Arão. Usa.	11 Saa. Ramosa.

Provérbio: AGOSTO DÁ SOL NO ROSTO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 130

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Vaia. Amimar.	1 Vadias. Para.
2 Açor. Sumido.	2 Acama. Sem.
3 Dado. Am. Mós.	3 lodara. Gaga.
4 Imá. isara.	4 Aro. Opiaras.
5 Aaro. Aa. Rã.	5 Arras.
6 Apa. Sã. Ra.	6 Asa.
7 Ira. Trás.	7 Múmas. Pó.
8 Pegar Nu. Ma.	8 Im. Atura.
9 Amaras. Rã.	9 Mimam. Ara.
10 Gas. Parca.	10 Adoraram Cl.
11 Alas. Co. Ais.	11 Rosa. Asavas.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
- Int. men. 13 a.
A ABSOLUÇÃO
c/ Roberto Niro

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Estreia às 21.30 - Int. men. 13 a.
A FRONTEIRA U. S. A.
Um filme de Christopher Leitch
Colorido
Às 14, 16.30 e 19 - Últimas
O GRANDE MESTRE DOS LUTADORES

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Estreia às 21.30 e 23.30
- Int. men. 13 a.
MCVICAR, O PERSEGUIDO
Às 13.30, 15.30, 17.30 e 19.30
- Últimas
OS ANOS DE LUZ

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. m/13 anos
Uma supercomédia à boa maneira italiana
SEXO À VENDA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
Technicolor

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30 e 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
CONDORMAN
Um filme de Charles Jarrott
Technicolor
5.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MINHA MÃE, A GENERALA
c/ Zachi Noy (o gordo de "Gelado de Limão")

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moor - James Bond 007
Às 24 h N. ac. m/18 anos
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Estreia às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
DEGRADAÇÃO DE UMA MULHER CASADA
Pornográfico - Hardcore

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30-16.45-19 e 21.30 h
O poder da imaginação. O impacto sobrenatural. A força do fantástico.
CHOQUE DE TITÃS
c/ Harry Hamlin, Ursula Andress
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
PÂNICO NO ESTÁDIO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AMBIÇÃO INSACIÁVEL
Um filme de Raja Thakur

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. m/18 anos
EU TE AMO
c/Sônia Braga

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Estreia às 21.30 - Int. men. 13 a.
A FRONTEIRA U. S. A.
c/ Telly Savalas, Danny de la Paz e Eddie Albert
Às 14, 16.30 e 19 - Últimas
O GRANDE MESTRE DOS LUTADORES

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. a menores de 13 anos
Uma alegre crítica à vida americana
AMÉRICA DIVERTIDA

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
N. ac. menores 13 anos
ATLANTIC CITY
Com Burt Lancaster e Susan Sarandon

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 14.45, 18.15 e 21.15
uma das mais grandiosas epopeias da história do cinema
O LEÃO DO DESERTO
com Anthony Quinn-Oliver Reed
Em complemento
SINES DEZ ANOS DE PROGRESSO

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
LILI MARLEEN
c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
Filme de qualidade

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 21.30 - Int. men. 13 a.
O GRANDE MESTRE DOS LUTADORES
Um filme de Yuen Wod Ping
Às 15.30 e 18.30 - N. ac. men. 18 a.
- Últimas
A LEI DOS DUROS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren
Domingo, dia 8, não se realiza a habitual sessão das 15.15

MUNDIAL 538743

R. Mariens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
C Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
5.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
N. ac. m/18 anos
EU TE AMO
c/Sônia Braga e Paulo Pereira

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Estreia Int. men/13 anos
RALLY INFERNAL
6000 km de pavor!

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Int. m/13 anos
Às 14-16.30 e 21.30 h
A MÉDICA DO CORONEL
c/ Nadia Cassini e Lino Banfi
Colorido
em 2.ª semana



O marido e os dois filhos estão na guerra. Ela parte para a frente de batalha tentando impedir o conflito. Uma comédia em exibição no CASTIL.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15
- M. 18 a.
AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT
Realização de R. W. Fassbinder

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15
(Int. a men. 18 anos)
CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Real. Daniel Duval

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MISTÉRIO D'OVERWALD
Realização de M. Antonioni
Filme de qualidade

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 18 a.
TAXI DRIVER
Realização de Martin Scorsese

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

15, 17, 19 e 21.30
Em estreia do maior êxito de gargalhada dos últimos tempos
A TURMA DOS REPETENTES
Não acons. men. 13 anos
15.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS CIGANOS (UM AMOR TRÁGICO)
c/ Svetlana Toma e Grigori Grigoriu
2.ª semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O BURACO DA AGULHA
c/ Donald Sutherland e Kate Nelligan

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore e Carole Bouquet
7.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15
Inter. men. de 13 anos
Robert de Niro, Robert Duvall
A ABSOLUÇÃO
7.ª semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões: 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A FILHA DO MINEIRO
28.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
O BURACO DA AGULHA
Domingo às 11h Para Todos
OS 12 TRABALHOS D'ASTERIX

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
A MAIS BELA HISTÓRIA DE AMOR (SUZANNE)
c/ Jennifer Dale
- Int. men. 13 a.
2.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 10.30, 13, 15.30, 19.30, 21.30 e 24
- Int. men. 13 a.
Uma espada forjada por um Deus semente do futuro. Força viva de um rei
EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Colorido
NÃO AC. M/18 anos
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
Um filme de Bob Rafelson
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Jma epopeia sem paralelo na história do cinema
ARMADILHA INTERNACIONAL
c/ Roger Moore e Lee Marvin
2.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O filme de maior "suspense" de John Carpenter
O NEVEIRO
Às 23.45 - N. ac. men. 18 a.
DOIS HOMENS NA CIDADE

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - "Os Salteadores da Arca Perdida", às 21.30 (18 anos)
ALFA 2 - "Condorman", às 21.30 (6 anos)
ALFA 3 - "O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes", às 21.15 (18 anos)

POLITEAMA - "Ardamilha Internacional", às 21.15 (13 anos)
CITY CINE - "O Mistério de Oberwald", às 21.30 (13 anos)

CAPITÓLIO - "O Sexo Masoquista", às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA - "Sexo à Tarde", sessões permanentes (18 anos)

2000 - "Condorman", às 21.30 (6 anos)
RESTELO - "Francesca, um Amor Impossível", às 21.30 (18 anos)

EUROPA - "Pânico em Nova Iorque", às 21.30 (18 anos)
ROYAL - "O Tesouro das Piranhas", às 21.30 (13 anos)

CINEARTE - "A Vida Íntima de Dorian Gray", às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - "O Ladrão de Bagdad", às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - Cinestúdio - "Amor Sem Barreiras", às 21.30 (13 anos)
ALMADA - Incrível - "O Herdeiro", às 21.15 (13 anos)

COSTA DA CAPARICA - Silcine - "O Mistério de Oberwald", às 21.45 (13 anos)

SETÚBAL - Júpiter - "Choque de Titãs", às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - "Encontros Imediatos do 3.º Grau", às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - "Uma Viúva para Consolar", às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - Oeiras-Cine - "A Guerra dos Abismos", às 21.15 (13 anos)
PAEDE - Royal-cine - "O Regresso do Tigre", às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Casino - "O Leão do Deserto", às 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - "Divina Loucura", às 21.15 (13 anos)

CASCAIS - Impala - "Vestida Para Mar", às 21.30 (18 anos)
CASCAIS - Oxford - "A Turma dos Repetentes", às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - "Santo - O Máscara de Prata", às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cine Plaza - "Batalha Além das Estrelas", às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Lido - "Nova Iorque 1997", às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine Estúdio - "E Tudo o Fumo Levou", às 21.30 (18 anos)

CACÉM - Estúdio Flores - "A Lagoa Azul", às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine Chaby - "A Fórmula", às 21.30 (13 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - "Os Dois Príncipes", às 21.30 (13 anos)
SACAVEM - S. José - "Morte ao Sol Nascente", às 21.30 (13 anos)

MOSCAVIDE - Stop - "Hair", às 21.30 (13 anos)
MAFRA - Cine-Teatro - "Medo Sobre a Cidade", às 21.30 (13 anos)

Porto

COLISEU - "A Grande Fuga", às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - "Eu Te Amo", às 21.30 (18 anos)

OLIMPIA - "Dois Diabos à Solta", às 21.30 (13 anos)
AGUIA - "O Grande Mestre dos Lutadores", às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - "Chega-lhe Amigo", às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO - "Gente Vulgar", às 21.30 (18 anos)

CHARLOT - "Eu Te Amo", às 21.30 (18 anos)
CHAPLIN - "O Homem, o Orgulho e a Vingança", às 21.30 (13 anos)

PEDRO CEM - "O Meu Tio da América", às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - "Loucuras de uma Recruta", às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L2 - "A Turma dos Repetentes", às 21.30 (13 anos)
BEBE - "Crônica da mais velha profissão do mundo", 21.45 (18 anos)

VALE FORMOSO - "Amor de Mãe", às 21.30 (13 anos)
FOCO - "O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes", às 21.30 (18 anos)

SEIVA-TRUPE - "A Dama de Copas", às 21.45 (13 anos)
JULIO DINIS - "O Preço da Lealdade", às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

PALMA - Av. Duque d'Ávila 25-31 Tel. 547088; **AMERICANA** - Calçada de Santana 1-3 Tel. 863984; **COSTA** - Rua dos Lusíadas 30-32 Tel. 636704; **RAINHA SANTA** - Rua Af. Lopes Vieira 57 B Tel. 765262; **VERAL** - Rua Morais Soares 109-111 Tel. 821732; **SÃO MARÇAL** - Rua de São Nêscio 100-102 Tel. 325318; **CELTA** - Rua Moura Girão 38 Tel. 890621; **MODELAR** - Lg. Dr. António S. Mamede 7 Tel. 608896; **UNIAO** - Rua Saraiva Carvalho 145 F Tel. 663643; **PRATES E MOTA** - Rua Beneficência 91-93 Tel. 773728; **AVENIDAS** - Av. da República 27 A Tel. 53368; **SANTO ANTONIO** - Rua Leite Vasconcelos 72 C Tel. 862333; **MIRAMON** - Rua Ernesto da Silva 83 Tel. 2112048; **GONÇALVES** - Rua dr. Egas Moniz 30 B Tel. 915662; **LEITÃO RIBEIRO** - Rua A do Falcão 3 A.

teatros

ESTUFA FRIA - Teatro do Mundo - "Terramoto no Chile", às 21.15 (13 anos)
TEATRO ABERTO - "Retábulo do Amor Profano", às 21.30 (13 anos)

MONUMENTAL - "Não Há nada que Me Escape", às 21.30 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA - "Seis Aparições de Lenine Sobre um Plano", às 21.45 (13 anos)

TEATRO DO BAIRRO ALTO - "Não Se Paga! Não Se Paga!", às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - "Betrayal", às 21.30 (13 anos)

MARIA VITÓRIA - "Não Há Nada P'ra Ninguém", às 20.30 e 22.45 (18 anos)
ABC - "O Escabeche", às 20.30 e 23.00 (18 anos)

ADÓQUE - "Paga as Favas", às 21.30 (18 anos)
ABC - "O Escabeche", às 20.30 e 23.00 (18 anos)

ADÓQUE - "Paga as Favas", às 21.30 (18 anos)
SERENA GUERRILHA - às 21.45 (13 anos)
MARIA MATOS - "A Tragédia da Rua das Flores", às 21.30 (13 anos)

REFORÇO

ZILER - Rua São Tomé 54-56 (T. 862835); **AEROPORTO** - Av. Alm. Gago Coutinho 101 D (T. 882384); **BENFILZ** - Est. de Benfca 444 A (T. 782606); **BOA-HORA** - Rua dos Quarteis 25-27 (T. 637777); **RUALTO** - Rua Alto do Carvalhal 5 B (T. 651721); **PORTUGAL** - Rua Rebelo da Silva 11-13; **REIS GARRIDO** - Rua das Janelas Verdes 90 (T. 662327); **MATOS VIEGAS** - Av. Rainha D. Amélia 34 B (T. 794174); **ROMANA** - Rua Actor Augusto Melo 7 A (T. 383800); **LEMONS** - Rua Cidade da Beira Lt. 19 Lj. A (T. 331692); **MAHLUZ</**

PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico: DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

10.03	3,3 m	3.22	2,0 m
22.54	3,3 m	16.10	1,7 m
Dia 7			
11.11	3,5 m	4.37	1,8 m
23.52	3,5 m	17.12	1,5 m

TEMPERATURAS DO AR
ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	10°
VILA REAL	11°
PORTO	15°
P. DOURADAS	14°
COIMBRA	16°
C. CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	18°
LISBOA	14°
ÉVORA	16°
SINES	15°
BEJA	14°
SAGRES	16°
FARO	16°
P. DELGADA	16°
FUNCHAL	16°

Bagão Félix anuncia: Casas do povo vão ser descorporativizadas

As 1183 Casas do Povo que se espalham por todo o território e que nos meios rurais têm forte incidência e são factor de progresso, para além da assistência social que prestam, vão ser reestruturadas, adequando-se assim ao espírito das instituições democráticas.

Encontra-se já pronto, nesse sentido, o seu novo corpo normativo, depois da reestruturação por que passou a Junta Central das Casas do Povo, devendo o diploma que as descorporativiza ser debatido em Conselho de Ministros a curto prazo, conforme afirmou esta manhã o secretário de Estado da Segurança Social, Bagão Félix, no encontro que teve com dirigentes nacionais daqueles organismos, no pavilhão gmino-desportivo do Restelo. A intervenção do secretário de Estado, como de resto as do director da Junta Central, Alcides Gouveia, e da direcção dos corpos gerentes nacionais das Casas do Povo, António Moreira da Silva, integrou-se no Salão Internacional de Agricultura (Filagro/81) que decorre na FIL.

Nessa reestruturação que visa regulamentar o funcionamento de organismos em moldes adequados ao espírito de Abril, assume particular relevo o facto de lhe vir a ser imprimido um funcionamento misto, com as respectivas direcções a serem eleitas pelos associados e administrativamente dependentes do Estado. É que a reestruturação das Casas do Povo é uma obra difícil, se tivermos em conta que a Junta Central se dispersa através de 253 delegações em vários pontos do País e que as CP's propriamente ditas abarcam 600 mil sócios e prestam assistência a um milhão de utentes.

As Casas do Povo surgiram em 1933, conhecendo grande incremento entre 1943 e 1953. A primeira definição legal das suas novas atribuições (assistência médica e subsídios) ocorre em 1969, caracterizando-as como organismo de cooperação social e fins de previdência e assistência. Hoje têm 6500 dirigentes e 4255 funcionários activos que terão de passar para os Centros de Segurança Social Regionais quando a reestruturação se efectuar.

Mais 20 minutos na linha de Sintra

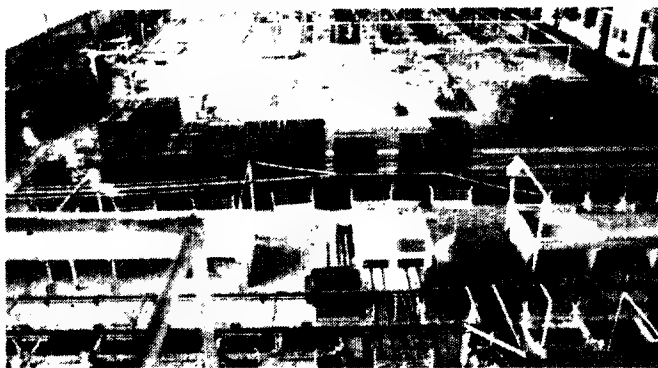
Um comboio da linha de Sintra ficou ao princípio da manhã de hoje, durante 20 minutos, a ver uma luz no fundo do túnel. Foi uma das tradicionais avarias que levou a atrasos pela manhã fora, até às 10 horas.

Os atrasos de hoje começaram, portanto, quando uma composição avariou dentro do túnel do Rossio. Eram 6 e 08. Só 20 minutos mais tarde esse comboio retomaria a marcha. Foi o suficiente para começarem as complicações ao longo da linha.

O resultado de tudo isto é o habitual: 20 minutos de atraso, milhares de passageiros protestando nos cais de embarque.

Patrão da ex-Confiança repete sabotagem?

Fábricas de conservas paradas há dois meses



Desperdício, silêncio e desolação reinar: no interior das duas fábricas. Os operários não recebem há dois meses

PORTO, 6 - As fábricas «Algarve Exportadora» e «Rainha do Sado», em Matosinhos, dois complexos considerados de melhor tecnologia no sector de conservas, estão parados há dois meses por falta de matéria-prima e aparente abandono por parte da entidade patronal.

Os 190 trabalhadores que não recebem salários desde Agosto estão já perante o espectro do desemprego, receando que as negociações que envolveram a «Fábrica de Bolachas e Biscoitos Confiança», de Queluz, e que atirou para a rua muitos trabalhadores, tenham avançado sobre os seus postos de trabalho.

Enquanto isso, o principal acionista, Diniz Gandon de Nazaré Fernandes, deixa amontoar processos por passagem de cheques sem cobertura e não responde às intimações do Ministério do Trabalho. A vida corre para ele, os trabalhadores angustiam-se. Em vez do primado do direito é o primado da impunidade que parece vingar.

A reportagem do «DL» esteve nas instalações de ambas as fábricas que ocupam um vasto quarteirão de oito mil metros quadrados entre a Praça de Passos Manuel e a Rua dos Heróis de França, em Matosinhos. Portões cerrados, máquinas paradas, operários revoltados. Desperdício, silêncio e desolação.

Segundo os trabalhadores, existe neste momento uma carteira de encomendas da ordem das 80 mil caixas, no valor de 170 mil contos, mas o patrão não adquire a matéria-prima necessária, invocando para isso falta de dinheiro. Os trabalhadores, porém, têm assistido à progressiva delapidação do património da empresa «Algarve Exportadora», possuidora de várias fábricas em Peniche, Lagos e Na-

zaré, sem que as vendas feitas tenham servido para investimento no sector.

Num comunicado recentemente emitido pelo Sindicato das Conservas afirma-se que os patrões Fernandes, irmãos Diniz e Sérgio, regressados do Brasil há três anos, falidos como haviam partido após o 25 de Abril, «são já detentores dum património pessoal de centenas de milhares de contos, nos quais se incluem vivendas de luxo, Volvos Turbina, Rolls Royce, Jaguar, etc., além de valores em numerário».

Em ambas as fábricas trabalham famílias inteiras, aspecto que vem agravar a débil situação de quase todos os trabalhadores. Uma parte deles tem dez, vinte e trinta anos de casa. Começaram ali a sua vida profissional, esgotaram-se, estão velhos e cansados. «Eu ando aqui há 34 anos e a medalha que levo é um pontapé nas costas» - Eduardo Santareno, 51 anos, tem já o drama do desemprego dentro dele.

As dívidas à Previdência ultrapassam os 30 mil contos («nem os nossos descontos eram en-

viados» - afirmaram os trabalhadores) e os salários em falta elevam-se a mais de três mil contos.

A «Rainha do Sado» foi adquirida em Março deste ano quando trabalhava em pleno e poucos meses depois estava parada por carência de matéria-prima. «Até parece que ele a comprou para a fazer parar» - exclama um trabalhador. E logo outros levantam a hipótese que aos seus olhos parece mais viável: «É que todo este quarteirão, só em terreno, vale muito dinheiro... foi o que aconteceu com a Fábrica Confiança».

Tudo isto porém é muito nebuloso, como nebulosa e de carácter aparentemente fraudulento tem sido a gestão de Diniz Fernandes, apresentado em Dezembro de 1979, pelo «Diabo», como «um dos novos capitães da indústria portuguesa».

Capitão da sabotagem e do desemprego é o que parece estar a provar-se. Qual a posição do Governo, designadamente do Ministério do Trabalho e da Secretaria de Estado das Pescas sobre este caso?

LHM

Por troca com um terreno

Teatro Maria Matos adquirido pela câmara

Sob proposta de Krus Abecassis, a Assembleia Municipal de Lisboa aprovou ontem à tarde, com os votos favoráveis da AD (um vereador do PSD, Manuel Fernandes, votou contra), a aquisição do Teatro Maria Matos por troca com um terreno no valor de 114 mil contos, situado na mesma zona, ou seja no cruzamento da Avenida dos Estados Unidos com a Gago Coutinho. A empresa proprietária do Teatro Maria Matos - a Imobiliária Oliva - compromete-se a construir no terreno um hotel de três estrelas.

Na sua declaração de voto, Manuel Fernandes afirmou «discordar cem por cento da compra

do Maria Matos», acrescentando «não ter sentido a CML ficar com mais um teatro quando ainda não resolveu problemas prioritários da cidade, como a habitação». Outro membro do PSD, João Taveira, manifestou também reservas relativamente à capacidade da Câmara para gerir o novo teatro e para o pôr a funcionar adequadamente. «Em termos de animação cultural da cidade - referiu - há outros locais que a Câmara até agora não conseguiu dinamizar».

A APU, para além de contestar a aquisição do Maria Matos em termos de prioridade para a cidade, considerou também

«muito discutível» a avaliação que foi feita do teatro, tendo em conta o seu valor comercial. O PS juntou a estes argumentos o de que «não é pacífico de que o terreno cedido para o hotel não venha a ser necessário para a construção de um viaduto para a

Avenida Gago Coutinho». Quanto à UDP, para além de considerar a questão como «um grande negócio para a sociedade que vai ficar com o terreno», acrescentou que «se a Câmara está de facto interessada na promoção cultural da cidade pode fazê-lo, designadamente no apoio aos grupos de teatro independentes».

O «partido» da alternativa

A grande questão que se coloca ao eleitorado português é a de saber, não propriamente como votar, mas, se pretender afastar a AD do poder, onde estará a verdadeira alternativa que tal lhe garanta.

Neste caso, a grande questão estaria, muito simplesmente, como já aqui se escreveu, no entendimento, ou convergência das forças que se afirmam, pelo menos em palavras contra a AD. Esse seria, e só esse, o verdadeiro «partido» alternante. Nem o PS sozinho, nem o PC sozinho poderão desempenhar esse papel determinante.

Quem tenha seguido minimamente a evolução do xadrez partidário, não poderá deixar de espantar-se que tanto se fale na hipótese de poder vir a surgir um novo partido de centro-esquerda e que em certos meios (quer da direita, quer da esquerda) tal hipótese seja olhada com grande hostilidade.

Ora a verdade é que se a crise do PS prossegue e se não se entende para onde vai essa força ou se não vai para parte nenhuma, o «partido» ou «força» de alternância à direita tem de contar com os democratas que estão dispostos a reunir as suas forças para a defesa da Democracia.

Se um partido se demite das suas responsabilidades e do seu passado antifascista, não pode estranhar que alguém procure ocupar o lugar vago.

Manuel de Azevedo

Sindicalistas sul-africanos recebidos hoje pelo PR e pelo CR

«Há muita falta de informação em Portugal e noutros países sobre a luta que se trava contra o regime do apartheid na África do Sul. Por isso, consideramos que os contactos que a nossa delegação já teve e vai ter no vosso país poderão ser muito úteis para que o povo português sinta mais estimulada ainda a sua solidariedade para com a nossa luta» - palavras de John Gaetsewe, secretário-geral do SACTU (Congresso Sul-Africano dos Sindicatos) esta manhã, na sede da CGTP-IN em conversa com jornalistas.

A delegação, composta pelo secretário-geral do SACTU e pela sua secretária executiva, Iva Mackey, encontra-se entre nós a convite da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional (CGTP-IN), que esta noite promove uma sessão de solidariedade no Teatro Aberto, em Lisboa, pelas 21.30, no âmbito das diversas acções com vista a manifestar o apoio dos trabalhadores portugueses às camadas oprimidas da África do Sul.

Falando acerca desta importante visita, Álvaro Rana, do Departamento Internacional da CGTP, salientou o interesse de

que se revestem os contactos havidos entre a delegação do SACTU e diversos órgãos de soberania portugueses. Ontem a delegação foi recebida pelo representante oficial do Presidente da Assembleia da República, por todos os grupos parlamentares, e pela Comissão dos Negócios Estrangeiros. Hoje será a vez de o presidente da República e o Conselho da Revolução receberem os sindicalistas sul-africanos.

Na conversa com os jornalistas, John Gaetsewe mostrou-se sensibilizado pela maneira cordial como têm decorrido os contactos da delegação com os representantes dos diversos órgãos de soberania.

Estes contactos e a sessão desta noite no Teatro Aberto permitirão que os sindicalistas sul-africanos façam, de viva voz, um apelo para que Portugal não descure minimamente a aplicação das sanções decretadas pela ONU contra o regime do «apartheid», (nomeadamente o embargo de armas, o embargo comercial) e para que faça cessar o surto imigratório, que só contribui para reforçar esse sistema repudiado por todos os povos do mundo.

«Al Capone» atropela duas vezes

Um indivíduo que dá pela alcinha de Al Capone, detido até há pouco tempo na Cadeia do Montijo, e encontrando-se agora em liberdade condicional apossou-se ontem, naquela vila, de um automóvel.

Eufórico, atropelou à saída de

Miratejo uma mulher - e, mais tarde, na Cova da Piedade, uma outra mulher e uma criança, ambas internadas no Hospital de S. José.

Tendo tentado a fuga, Al Capone foi perseguido e entregue à GNR para prestação de contas.

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 1981

Estórias de Portugal

«Dificuldades imprevistas, não tornaram possível a consulta a todas as empresas e casas de espetáculos».

Duma assentada, em rodapé de anúncio pago, três departamentos governamentais, com a alta categoria de secretarias de Estado (da Família, da Cultura e dos Transportes Interiores) publicitaram as suas incapacidades, insuficiências, incongruências. (Estou tão benevolente no adjectivo que me espanto comigo mesmo!...)

Autocrítica comovente esta das secretarias de Estado.

Imaginem a angústia dos três secretários de Estado ao promoverem a confissão, paga, das suas imprevistas.

Os senhores secretários de Estado, que não conseguiram prever ou encontrar nas secretarias quem por eles prevesse, são governantes; e governar é prever.

Eu sei que «consultar empresas e casas de espetáculos», para que elas aderissem à iniciativa com reduções nos preços dos bilhetes ou, muito simplesmente, borlas, era tarefa «ciclópica», fora do alcance de todas as secretarias de Estado, ministérios, directorias-gerais deste país... E era disso que se tratava. Comemorava-se o «Dia dos Avós» e a iniciativa «trissecretarial» consistia em facilitar as entradas nos espetáculos às pessoas com 65 anos ou mais. Só que as três secretarias de Estado deram um «espetáculo» de todo o tamanho ao não conseguirem prever as «dificuldades imprevistas» e os avozinhos acabaram por não ter à disposição da sua festa a maioria dos filmes e peças em exibição no país. Enfim... é a crise!

Relendo a lista dos teatros «consultados» na zona de Lisboa, (que o resto foi paisagem!) facilmente se compreenderá como, em relação aos seis, (os «consultados» foram seis!) se terão conseguido ultrapassar as «dificuldades imprevistas».

Como é óbvio, os teatros nacionais Dona Maria II e São Carlos terão sido contactados pela Secretaria de Estado da Família: eles são da família.

O Teatro Experimental de Cascais foi, segundo tudo leva a crer, contactado, directamente, por um dos nossos primeiros-ministros, pessoas prestáveis, amigas de fazer favores, que moram para aquelas bandas.

Estou a ver um deles desviar-se no trajeto de regresso a casa a parar à porta do Picadeiro, para dizer ao chofer:

«— Alfredo... vá aí num instante «consultar» o senhor Carlos Avilez sobre aquela chatiche dos avós. Tenho três secretários de Estado que são uns autênticos «cri-cris» e não me desamparam a loja!... Mas despache-se que hoje a senhora ministra fez arrozinho de grelos e pataniscas de bacalhau para o jantar e eu gosto do arrozinho mesmo a sair do lume».

Restam-nos, da lista dos «consultados», os teatros Monumental, ABC e Maria Vitória. O porquê destes e não outros vê-se à lupa.

O Monumental fica ali mesmo, quase em frente da Secretaria de Estado da Cultura. A coisa resolveu-se em conversa de vizinhos. Ao senhor secretário de Estado da Cultura bastou chegar à janela e gritar:

«— Ó Vasquinho!... Tem borlas para os avozinhos?...» — E o Morgado, que até a netos é capaz de dar borlas, atirou logo: «— Tenho várias. Quantas quer? Não se incomode, vizinho, que eu levo-lhas aí a casa para darmos dois dedinhos de conversa».

Mas logo que fechou a janela e veio para dentro não se conteve e atirou ao Alexandrino:

«— Chicha!... Estes tipos do Governo hão-de ser sempre os mesmos cravos!... Agora já não se limitam a pedir bilhetes para eles... também já pedem para os avós!... Nunca mais vou à janela».

As «dificuldades imprevistas» terão começado a surgir quando se tornou necessário contactar teatros mais afastados. Mesmo para chegarem ao Parque aquilo foi uma tragédia. A secretária de Estado da Família terá declarado imediatamente que para «consultar» o Parque Mayer não contassem com a sua secretária. Tinha notícia de alguns chefes de família que por lá se tinham perdido no meio das lantejoulas e das plumas coloridas. Admitia que aos sessenta e cinco anos um avô já tem idade para ter juízo mas nunca fiando... O Secretário dos Transportes Interiores também se escusou alegando que o Parque Mayer lhe ficava um pouco fora de mão e os transportes estão péssimos. Não fosse ele uma autoridade no assunto. Tocou por tabela ao secretário de Estado da Cultura, um homem ainda bastante novo, descalçar a bota dos 65 anos. Bem quis ele «consultar» todos os teatros. Mas quais quê... Telefonar?... Os telefones estão péssimos e as reclamações quanto ao número de chamadas a mais facturadas pelos TLP são cada vez maiores. Pensou escrever a todas as companhias... Mas logo foi obrigado a desistir. Os selos estão caríssimos e no OGE a verba destinada à Cultura atinge uns ridículos 0,2%... De carro nem pensar nisso! Onde é que a Cultura dispõe de verbas para a gasolina. Só arranjando um subsídio da Gulbenkian. Restava uma solução: mandar alguém a pé. Fez-se um estudo aprofundado da situação. Os estrategas da SEC debruçaram-se sobre os mapas do país e as cartas das cidades assinalando com bandeirinhas pretas os locais onde se encontram instalados teatros. De imediato se puseram de parte grupos como o Seiva-Trupe, o TEP, a Centelha e outros que, por ficarem fora de Lisboa, não permitiam ir lá num pé e vir no outro. Mas, mesmo em Lisboa, ir a pé da Avenida da República, onde está sediada a SEC, a determinadas casas de espectáculo torna-se muito cansativo. Optou-se então por «consultar» apenas os teatros do Parque Mayer.

São os que ficam mais perto desta SEC e como é a descer...

O critério utilizado foi determinado, única e exclusivamente, pela localização das salas. Fosse o «estorador» um «guarda-factos» traquinas e irrequeto, como aquele que a gente sabe, e era vê-lo para aí a lançar aos quatro ventos que este Governo tem, pelo menos, três secretários de Estado... de sítio!

Sem contar com o outro, já se vê.

Francisco Nicholson



Wilfredo Lam: «o grande Lam», como lhe chamava Picasso

Lam um grande pintor contemporâneo “Sou negro e branco”

«Eu sou negro e branco, africano e espanhol, de feitio e natureza» — assim se define Lam, um grande pintor contemporâneo, amigo e companheiro de Picasso dos anos de Paris, um cubano da geração e arte de Carpentier e Guillen, oitavo filho de um chinês e uma mulata, mestre caribenho e tricontinental, que estudou, lutou, amou e pintou em Espanha, França, Cuba e Estados Unidos «um verdadeiro judeu errante, um trotamundos» — como ele próprio diz. Foi Jacques Bruté, seu amigo pessoal e também pintor, que me levou, em Setembro último, até Lam, internado no moderno hospital ortopédico «Frank Pais», de Havana. Radicado ainda em Paris com a sua terceira mulher e os três filhos, Lam viaja com frequência até Cuba para tratamentos de reabilitação da paralisia que, há três anos, afectou a parte esquerda do seu corpo gigante.

O amigo Picasso

N O hospital, magnificamente decorado com expressivos murais e quadros, Lam ocupa anualmente, durante cerca de dois meses, um quarto simples e funcional. Os amigos sucedem-se no fim de cada tarde: — O velho pintor, de 79 anos, nunca se fatiga. Mantém o cérebro ágil e alegre e cada resposta, cada frase, reflecte uma rara e profunda sabedoria da vida e dos homens. Picasso, que conheceu em 1938 em Paris, apresentava-o como «o grande Lam». Foi o escultor Manolo Hugué que em 1937 entregou a Lam uma carta de recomendação para Picasso. Combatente no 5.º Regimento de Lister, Lam chegou a Paris em 38 e quando o autor da «Guernica» o conheceu teve esta frase: «se não viessem com a carta de Manolo no bolso, e se te visse na rua diria «quero ser amigo deste homem». Outro pormenor que Lam recorda da sua «calorosa amizade» com Picasso é a coincidência curiosa de que «falando e falando descobrimos que tínhamos muitos pontos comuns nas nossas vidas. Por exemplo, a minha primeira esposa, uma espanhola de nome Eva morreu tuberculosa e a primeira mulher de Picasso, que também se chamava Eva, morreu de igual doença».

Eva era natural de Olivença. Lam conheceu-a em Madrid em 1924, pouco tempo depois da sua chegada, vindo de Cuba onde, desde os seis anos revelara notável talento para o desenho e pintura. Aos 12 anos retrata o pai e aos 14 parte para Havana, com a família, oriunda de Sagua la Grande, na parte sul da ilha. Após uma frequência de cinco anos na Escola de Belas Artes e várias exposições no Salão da Associação de Pintores e Escultores de Havana decide partir para Espanha.

«Interessava-me — explica — estudar e não fazer quadros. Queria conhecer, como

dizem em França, o «metier» do pintor. Não tinha então qualquer ideal artístico. Ouvia falar da pintura e dava-me conta de que era cor mas também outras coisas mais. Foi em Espanha que aprendi a admirar a pintura. Visitava o museu do Prado e ali passava horas diante daqueles tesouros. Espanha deu-me, de facto, a força e a estrutura da pintura».

Velasquez, Goya e, sobretudo El Greco, são mestres cujas obras não se cansa de admirar. «O quadro — diz — que mais me impressionou como pintura, não como poesia, foi o «Martírio de S. Maurício» de El Greco».

Nos últimos anos da sua estadia em Espanha ocorre a Guerra Civil. «Eu estava totalmente identificado com a luta do povo espanhol. Depois de viver mais de dez anos no país, senti na própria carne as injustiças, tal como qualquer outro espanhol. Minha primeira mulher, Eva, e meu filho, morreram porque nunca os pude levar a uma clínica. Não tinha dinheiro, nem cunhas. Aconteceu a guerra e alistei-me no Quinto Regimento, e não nas brigadas internacionais como se chegou a dizer. Tinha responsabilidades no plano logístico-administrativo.»

Troveja na noite de Havana.

É a mudança de estação, dos ventos ciclónicos e relâmpagos tropicais. O ribombar da atmosfera recorda a Lam as noites de guerra em Madrid. «Foram momentos terríveis e inescrutáveis. As grandiosas manifestações dos operários, enchendo as ruas, as noites complicadas, de terror, com o ruído, como estes trovões, de duzentos canhões disparando ao mesmo tempo. Homens da mesma terra, do mesmo povo, frente a frente, disparando uns contra os outros. Foi um Inferno!»

Pergunto-lhe se a estadia em Espanha não deu para conhecer Portugal. Confessa ter cá es-

Continua na pág. IV



A Selva (1943)

Agenda Sete Ponto Sete

Cinema

TAXI DRIVER de Martin Scorsese (USA-1976)

Uma reposição que permanece numa carreira interminável. *Taxi Driver* conquista os favores do público de um modo inteiramente merecido. Scorsese, com este filme, chegou em 1976 ao primeiro plano das atenções: Schrader (no argumento), De Niro e Jodie Foster (actores) foram os pilares deste trabalho de excepção.

Cinema Quarteto – sala 4
(14.30, 16.45, 19.00, 21.15 e 23.30)
(Interdito a men. 18 anos)

O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES de Bob Rafelson (USA-1981)

O desejo que instaura o medo e a morte. Um filme de grande

impacto com uma actriz que, do-ravante, não será esquecida: Jessica Lange, rigorosamente fabulosa.

Cinemas Alfa 3
(14.15, 16.45, 19.15, 21.15 e 23.45)
e Tivoli
(14.00, 16.30, 19.00 e 21.30)
(não acons. men. 18 anos)

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA de Steven Spielberg (USA-1981)

O reencontro do puro prazer lúdico (senhores da tipografia, não me troquem lúdico com lúcido, como aconteceu na passada semana).

Lucas e Spielberg sabem como elas se fazem e fazem-no bem. Uma dúvida, porém, me inquietava: este cinema não corre o



Jack Nicholson e Jessica Lange em «O carteiro toca sempre duas vezes»

AS ESTRELAS

Taxi driver	★★★★
O carteiro toca sempre duas vezes	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★
A absolvição	★★★★
Excalibur	★★★
Choque de titãs	★★★
O terraço	★★★
Crónica da mais velha profissão do mundo	★★
007 – Missão ultra-secreta	★★

A CHAVE

- ★★★★ – excepcional
- ★★★ – Bom
- ★★ – Interessante
- ★ – Desinteressante
- – A evitar

risco de se tornar um modelo esmagador de imaginário, directo e sem falhas, um pouco castramente óbvio e sem outros espaços de leitura?

Cinemas Alfa 1
(14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00)
Berna e Mundial
(14.00, 16.30, 19.00 e 21.30)
(não acons. men. 13 anos)

A ABSOLVIÇÃO de Ulu Grosbard (USA-1981)

Os actores redescobertos como centro de um filme. Um

argumento hábil e seguro para uma realização que se não exhibe. Uma grata surpresa.

Cinemas ABCine – sala B
(14.45, 17.00, 19.00, 21.45 e 24.00)
e S. Jorge 3
(14.00, 16.30, 19.00 e 21.15)
(Interdito a men. 13 anos)

EXCALIBUR de John Boorman (USA-1980)

Um filme quase. Quase apaixonante, quase irritante, quase belo, quase falhado, quase arre-

batador, quase frouxo. Boorman sem achar o fio à meada toda ou, pelo menos, com dificuldades em a desenovelar com presteza.

Cinemas Monumental
(15.15, 18.15 e 21.30)
e Terminal
(11.00, 13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30)
(Interdito a men. 13 anos)

CHOQUE DE TITÃS de Desmond Davis (GB-1981)

Brincar com a mitologia grega pelo simples prazer dos efeitos especiais. Assina-os Ray Harry

Hausen, um dos patriarcas desse campo mágico do cinema.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19.00 e 21.30)
(não acons. men. 13 anos)

O TERRAÇO de Ettore Scola (Itália-1979)

Um filme que remói algumas das constantes do cinema italiano politicamente atento. Nada de novo. O filme funciona porque a máquina narrativa está bem oleada e, com a inércia, leva tempo a parar.

Cinema S. Jorge 2
(14.30, 16.45, 19.00 e 21.30)
(Interdito a men. 13 anos)

CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

A narrativa autobiográfica de Jeanne Cordelier dá origem a um filme cheio de coisas interessantes e de indecisão. Dois personagens o aguentam: o de Daniel Duval e o de Maria Schneider, deixando entrever que bem mais longe poderia ter chegado

Cinema Quarteto – sala 2
(14.30, 16.45, 19.00, 21.15 e 23.30)
(Interdito a men. 18 anos)

007 – MISSÃO ULTRA SECRETA de John Glen (GB-1980)

O burlesco a entrar, explicitamente, pelo universo de James Bond. O mito ganha um novo alento. Também para 007 chegou o tempo da reciclagem.

Cinemas Cine 222
(14.15, 16.30, 19.00 e 21.30)
S. Jorge 1
(13.45, 16.15, 18.45, 21.45) e 7.ª Arte
(14.45, 17.00, 19.10, 21.30 e 24.00)
(Interdito a men. 13 anos)

Cinema e papel pintado

Oliveira na onda

Oliveira não há dúvida que está na crista de uma onda de prestígio cultural. Depois da retrospectiva (quase) integral na Cinemateca Portuguesa e da edição de um catálogo que constitui pedra chave na sua bibliografia, eis que o Instituto de Novas Profissões lança «introdução à obra de Manuel de Oliveira», 130 páginas dedicadas àquele cineasta, em consequência de um ciclo organizado por aquele Instituto em Janeiro de 1980. Assinado por José Augusto França (a quem pertence a parte mais substancial e interessante do livro), Alves Costa (com um texto sobre «O erotismo e a sexualidade na obra de Manuel de Oliveira») e Luís de Pina (cuja contribuição não é indicada mas se presume dizer respeito à organização da filmografia, antologia de textos e bibliografia), este livro está alguns furos abaixo do que seria para desejar. A bibliografia ainda é mais lacunar que a indicada no catálogo da Cinemateca, a selecção de textos é discutível e abarca apenas uma parcela do cinema do Oliveira (sobvalorizando –

porquê? – O passado e o presente, ignorando em absoluto *Amor de perdição* de que apenas se publica um texto equívoco aparecido no «Se7e» e se omite toda a produção crítica que o filme provocou entre nós). Ou seja (se exceptuarmos a filmografia – que mesmo assim, poderia ser mais cuidada) a zona documental deste volume é bastante pobre. Já os textos (de J. A. França e Alves Costa) são contributos de algum relevo para a abordagem da obra de Oliveira, embora me pareça que não farão História nem acrescentem algo de novo ao muito que já foi escrito sobre ele.

De qualquer modo é de assinalar mais esta edição portuguesa sobre cinema português: nunca é de mais insistir na urgência de uma reflexão crítica sobre o nosso cinema, um território que se tem vindo a desbravar com lentidão e penosidade mas que vai criando corpo.

Cinema 16

Em edição do Secretariado do Cinema e da Rádio (Rua Serpa Pinto, 10-D – 1200 LISBOA),

saiu a público **Cinema 16**, um pequeno catálogo inventariando todos os filmes no formato 16 mm em distribuição no nosso país. Esta iniciativa vem na sequência de uma edição similar levada a cabo em 1978 e, agora, profundamente actualizada. São cerca de 1400 títulos, ordenados alfabeticamente, que constituem este volume, cada um deles trazendo a referência ao realizador, distribuidor, classificação etária, classificação «moral» do SCR e o número do Boletim Cinematográfico (publicação periódica do SCR) onde se editou a ficha e a crítica.

A utilidade deste volume para os «exibidores» de um circuito paralelo, já com alguma dimensão, é patente. Câmaras Municipais, colectividades, sindicatos, casas do povo, organismos culturais, etc. Têm aqui uma informação preciosa para programar as suas sessões normais ou especiais.

Os organizadores de **Cinema 16** têm a consciência de que seria bom dotar esta publicação de maior conteúdo informativo que, indicam no prefácio, só prazos de edição não permitiram incluir. Não sobrecarregando graficamente o seu conteúdo (a facilidade de consulta é um aspecto primordial) talvez fosse bom acrescentar aos dados já fornecidos o título original dos filmes, o seu país de origem e a data de produção. Por outro lado, para além da ordenação por títulos, era útil uma ordenação por realizadores, o que obrigaria à duplicação do volume de páginas mas aumentaria consideravelmente a facilidade de consulta.

Resta dizer que **Cinema 16** custa apenas 90\$00 e pode ser pedido para o SCR.

J. L. R.



Um plano de «Amor de perdição»

Teatro

A HORA E A VEZ DO FITEI

A partir de amanhã, e até ao dia 22, a cidade do Porto vai viver a sua hora FITEI. Uma vez mais o Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica vai focalizar na capital do Norte as atenções dos teatros portugueses e até alguns estrangeiros. Trinta e dois grupos, pelo menos, levarão ao Porto não só os seus espectáculos como cursos e debates, num conjunto de realizações sem paralelo entre nós.

Do México, da Venezuela, de Cabo Verde, da Columbia, do Equador, de Angola, das várias Espanhas, além dos grupos portugueses, serão bem diversificadas as experiências presentes no FITEI. Apesar da sua importância, que ninguém discute, estamos certos de que uma vez mais a televisão vai ignorar o certame como acontecimento diário que diariamente, como acontece com o futebol, devia ser levado aos telespectadores. Uma das realizações a salientar do FITEI PORTO-81 será certamente a exposição comemorativa dos 30 anos do TEP, a realizar na C-ABC

● «O ESCABECHE»
de C. de Oliveira, F. Nicholson e R. Bracinha
Ainda é uma revista para esquecer. Ainda.

ADOQUE
● «PAGA AS FAVAS»
de F. Nicholson e G. Preto
Não diga destas favas não comerei. Fica a perder.

COMUNA
● «SERENA GUERRILHA»
de Abel Neves e Comuna
Rivivalismo? Cansaço? O espectador o dirá.

CASA DA COMÉDIA
● «SETE APARIÇÕES DE LÉNINE SOBRE UM PIANINO»

de Noel Coward
Coward revisto por Fernando Heitor. Um excelente espaço de Filipe La Faria. Maria Emília Correia e Mariana Vilar — ai como é bom ver representar bem.

MARIA MATOS

● «A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES»
de Eça de Queirós
Uma nova tentativa (falhada) de levar Eça ao palco.

MARIA VITÓRIA

● «NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM»
de R. Santana, C. de Oliveira, R. Bracinha e A. Fraga
Uma equipa de actores como há muito não se via com uma Ivone melhor do que nunca.

TEATRO ABERTO

● «RETÁBULO DO AMOR PROFANO»
de Eduardo Blanco-Amor
Um novo grupo: Teatro Ibérico. Esperemos pelo próximo espectáculo.

TEATRO DA CORNUCÓPIA

● «NÃO SE PAGA, NÃO SE PAGA»
de Dario Fo
Um êxito que continua. Merecidamente.

TEATRO DO MUNDO (Estufa Fria)

● «TERRAMOTO NO CHILE»
de Kleist
Um novo espectáculo do grupo saído da Comuna. Estreou na quarta-feira.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

● «RÓMULO, O GRANDE»
de F. Durrenmatt
Um espectáculo com um bom texto e um actor que o torna indispensável: Rui de Carvalho.

TEUC (SPA)

● «HOMO DRAMATICUS»
de Alberto Adelach
Só hoje, amanhã e domingo, um espectáculo que é mais do que um exercício: uma maneira (discutível) de ver o mundo. Vale a pena ver e discutir.

FORA DE LISBOA CARNIDE

Estão a decorrer na Sociedade Dramática de Carnide as I Jornadas Culturais de Carnide, uma iniciativa que deve ser apoiada. Hoje, às 21.30, o grupo de Teatro de Carnide apresenta «A Cotovia», de Anouilh; amanhã, à mesma hora, «Helena a Vítima», de Wolfgang Heideheimer; domingo, às 15.30 o Grupo de Teatro Alerta da Cova da Piedade, «O que aconteceu na Terra dos Procópios», de Maria Alberta Meneses; também no domingo, às 21.30, Gruta, de Pragal, «O Caso Rosenberg», de Alain Decoux; quarta, às 21.30, o grupo «Os Pequenos Cantores da Pontinha».

CASCAIS

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

(Picadeiro-Estóvil)
● «PARA ONDE VAZ, LUIS?»

de Jaime Gralheiro
Um dos melhores espectáculos de Carlos Avilez e do TEC. Uma tragi-revista que é sobretudo uma revista trágica. Indispensável.

PARA CRIANÇAS

T.N.T.:
(Pr. José Fontana)
● «UM DOIS TRÊS»
pelo grupo A Máscara
No fim-de-semana um belo espectáculo para crianças de todas as idades.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português



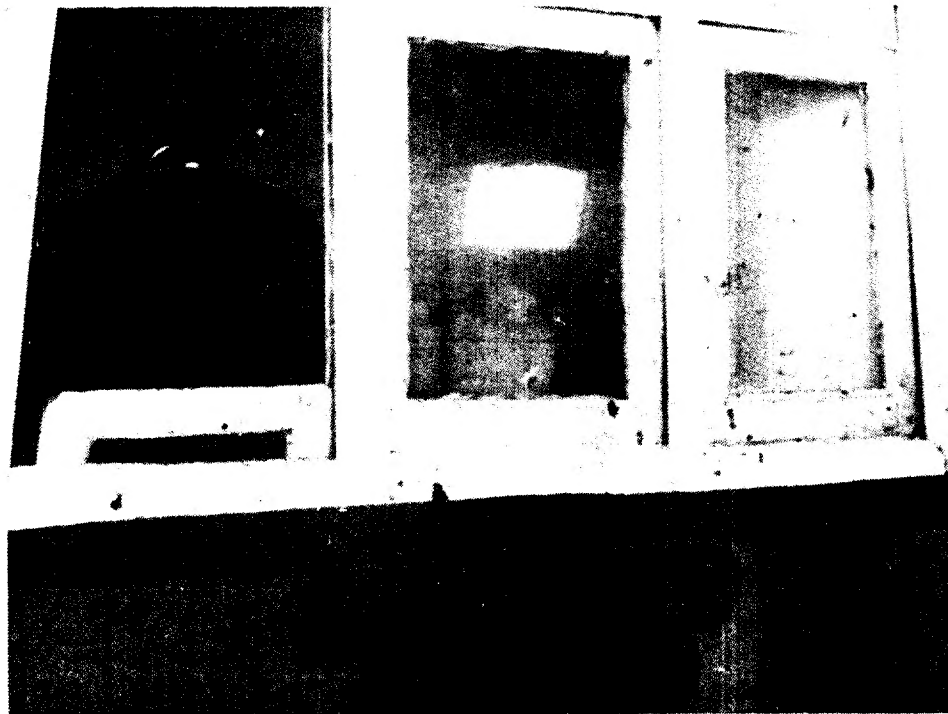
CARTAS NA MESA
— longa metragem
— 35mm/p.b.

Realização, argumento e montagem: Rogério Ceitil. **Colaboração literária:** Fernando Assis Pacheco. **Fotografia:** Elso Roque. **Canções:** José Jorge Letria. **Som:** Eduardo Marques Duarte, Luís Barão. **Colaboração técnica:** Clara Diaz-Bérrio. **Interpretação:** José Jorge Letria, José Ceitil, Guida Maria, José Amador, Ricardo Nuno, António Beringela, Fernando Assis Pacheco, etc. **Produção:** Tóbis Portuguesa, Centro Português de Cinema. **Direcção de produção:** Henrique Espírito Santo. **Distribuição em Portugal:** Filmes Castello Lopes. **Duração:** 92 minutos. **Rodagem:** 1973/74. **Estreia:** 6 de Janeiro de 1975 (Condes e Satélite, Lisboa).

No algo viscoso meio cinematográfico português das vésperas de Abril, este filme toma a decisão de efectuar uma **vendetta**. Estreado depois de Abril, a **vendetta** de Ceitil versus Lauro António não ultrapassou

a bombinha de mau cheiro e o futuro encarregar-se-ia de delimitar talentos, oportunidades e oportunismos. Preso a um contencioso referente à autoria de **Grande, grande era a cidade**, Rogério Ceitil faz este **Cartas na mesa** na estrita intenção de achincalhar Lauro António, através de uma ficção onde um ingénuo e puro realizador encontra um crítico/colaborador meio parvo que se quer apropriar de seu labor. Pelo meio passam um jornalista honesto e a sua rapariga, um chefe de redacção sinistro e um ciclista patusco.

Cartas na mesa, ignorando que o cinema é uma transfiguração da realidade quotidiana, é um filme fundado numa néscia estética da transparência mais desarmada do mundo. O que lhe poderia dar um tom **nalf** se não fora a raivinha provinciana que o enforma. Tal como está, o único interesse que dele sobra é o do documento sicilológico sobre uma certa ausência de ética, sobre as frustrações e a impotência estética. Afinal de contas, muito do que fazia o cinema nas vésperas de Abril, em Portugal.



CONTINUAR A VIVER ou Os Índios da Meia-Praia
— longametragem
— 35 mm/cor

Realização e ideia: António da Cunha Telles. **Fotografia:** Acácio de Almeida. **Canção** («Os Índios da Meia-Praia»): José Afonso. **Montagem:** Gisela da Conceição e António da Cunha Telles. **Som:** João Diogo. **Efeitos sonoros:** Alexandre Gonçalves. **Participação:** Pescadores da Meia-Praia e equipa SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) de Lagos. **Produção:** Animatógrafo. **Secretária de produção:** Maria Fernanda Brito. **Distribuição em Portugal:** Animatógrafo. **Duração:** 110 minutos. **Rodagem:** 1975. **Não estreado comercialmente.**

Depois de fazer uma ronda de festivais (Cannes incluído) este filme nunca chega a estrear comercialmente. Quando a ele se assiste, percebe-se esse facto.

Tratando do processo SAAL em Lagos (uma das zonas do país onde a sua condução foi mais contestável), **Continuar a ver** não é só pouco hábil enquanto documentário de uma realidade político-social em mudança acelerada, é também suficientemente ambíguo e contraditório para provocar, no espectador, uma reacção de rejeição desse mesmo processo.

Sem uma exaustiva análise do que foi o SAAL (particularmente do que foi o SAAL em Lagos) é difícil avaliar a correcção histórico-política deste filme. Mas quer ele seja «verdadeiro» na panorâmica que traça, quer ele seja «manipulado», em qualquer dos casos é um documentário que funciona **contra** o processo mesmo se tudo nele é explicitamente **por**.

As voltas que o cinema e a vida dão, fazem de **continuar a viver** um filme incómodo para todos os que nele participaram. Está por saber-se, como documento, ele tem alguma validade.



ENCOBERTO
— curta metragem
— 16mm/cor

Realização: Fernando Lopes. **Poema:** Fernando Pessoa (dito por João Cutileiro). **Fotografia:** Manuel Costa e Silva. **Montagem:** Fernando

Lopes. **Efeitos sonoros:** Alexandre Gonçalves. **Produção:** Telecine-Moro. **Direcção de produção:** Maria Helena de Vasconcelos. **Distribuição em Portugal:** Animatógrafo. **Duração:** 10 minutos. **Rodagem:** 1974. **Estreia:** 9 de Abril de 1977 (Quarteto, Lisboa).

A relação entre o cinema e as outras formas de arte visual exprime-se, em geral, por um apagamento do cinema e por uma valorização da arte que lhe serve de objecto. O cinema passa a ser, assim, um mero suporte de recolha e reprodução de imagens.

Esta curtametragem de Fernando Lopes, tomando como tema a estátua de D. Sebastião (da autoria de João Cutileiro) existente em Lagos, não abdica das prerrogativas do cinema enquanto meio de expressão e pode dizer-se que inventa uma relação com a matéria escultórica que, sendo também descritiva, é sobretudo interpretativa.

Da noite nasce esta figura em pedra, fragmentos que se juntam sob holofotes para, na manhã, estar ali em pose de espanto e mistério. É uma aparição na madrugada o que a câmara de Lopes nos desvenda, irrompendo de um espaço alheio, ganhando cores sob a água que lava e revela. E depois coberta, encoberta, de panos e cordas à espera de uma nova manhã.

Tenho para mim que a estátua de Cutileiro é uma das grandes e provocantes interpretações modernas da figura mítica de el-rei Sebastião, menino maciço, espantado e indeciso que o sol luminoso do Algarve torna quase estrangeiro ao espaço arquitectónico e sociológico em torno. Este filme de Fernando Lopes é bem a expressão cinematográfica desse facto.

HERCLANO
— curtametragem
— 35 mm/cor

Realização: João Matos Silva. **Texto:** João Medina (dito por Orlando Costa). **Fotografia:** José Luís Carvalhosa e Victor Estevão. **Música:** Fausto e W.A. Mozart (2.º andamento do 1.º concerto). **Coreografia:** Fátima Sampaio. **Montagem:** Armando Pereira e João Matos Silva. **Som:** Carlos Filipe e Raul Ferrão (misturas: Eduardo Marques Duarte). **Colaboração:** Grupo de Bailado do Circulo Cultural Scalabitano, Teatro de Amadores do Vale de Santarém, Rancho Folclórico «Os Campinos do Vale de Santarém». **Produção:** Cinequipa. **Produtor executivo:** Fernando Matos Silva. **Duração:** 25 minutos. **Rodagem:** 1978. **Não estreado comercialmente.**

O documentarismo português, se bem que nunca tendo feito escola nem criado estilo, se bem que preso, com infeliz frequência, a condicionalismos publicitários, pode dizer-se que é uma das zonas do cinema, quantitativa e mesmo qualitativamente, mais positivas entre nós.

Rodado em comemoração do primeiro centenário da morte de Alexandre Herculano, este filme não vai alinhar em nenhuma das prateleiras do documentarismo português pela simples razão de que não chega a ser um filme, quer dizer, as suas imagens não fazem sequer sentido.

O texto sim mas um texto não é um filme. Aquelas imagens tanto podiam ter por cima o texto de João Medina como a **Avé-Maria**. Seriam, na mesma, in-significantes.

Por vezes há filmes de tal modo inaptos que é lícito interrogarmo-nos se alguma

consciência do cinema está na sua génese, se algum ofício técnico-narrativo cinematográfico lhe serve de suporte.

Herculano é a mais disparatada comemoração que o grande escritor poderia ter.



Lam: um grande pintor contemporâneo

Continuação da pág. I.

tado, por escassos dias, duas vezes. Uma delas com Eva, de Olivença. Recordo-se mal de Lisboa, embora refira a visita que fez ao Museu de Arte Antiga, onde pôde apreciar quadros de Velasquez e Bosch. «Dos portugueses — acrescenta ainda — os que melhor conheci e muito me impressionaram, foram os combatentes republicanos, voluntários que tinham passado muito tempo em África. Foram os primeiros «tankistas» do Quinto Regimento».

«A selva»

Um ano depois de chegar a Paris (1939), Lam expõe em Nova Iorque, na Galeria Perls, juntamente com Picasso. É o período da sua ligação ao movimento surrealista. E data desse tempo a bela definição de André Breton: «nunca, como no meu amigo Lam, se operou, com tanta simplicidade a união do mundo objectivo e do mundo mágico. Ninguém como ele soube encontrar o segredo da percepção física e da representação mental, qualidade que infatigavelmente procuramos no surrealismo...».

De 1940 a 1942, Lam viaja pelos Estados Unidos e Antilhas. Tem saudades de Cuba. Volta para Havana em 1943. Aí conclui o seu mais célebre quadro, «A Selva», iniciado em fins de 1942. Este óleo sobre papel, de 28x24 cm, é considerado pela generalidade da crítica o testemunho plástico por excelência do Terceiro Mundo.

Embora não lhe agrade falar disso, Lam admite que «A Selva», hoje avaliada em um milhão de dólares, foi obra de encomenda («estava quase sem dinheiro» — diz), no âmbito de um contrato com a Galeria Matisse, de Nova Iorque, a quem devia entregar periodicamente as suas obras, não por número determinado de quadros, mas antes pelo cumprimento de uma determinada superfície. Na altura, a tela foi avaliada em oito mil dólares. «É uma das minhas obras mais conhecidas e

também a que prefiro porque me abriu um caminho.»

Mostra-me uma espantosa monografia italiana sobre a sua obra. Procura «A Selva», e assinala-me vários símbolos, a cana-de-açúcar, a Lua, os seios de mulher. Recusa-se explicar o quadro. «Não posso dar clichês. Muitos me perguntam o significado de cada um dos seus elementos. Para os cor-



Belial, imperador das moscas (óleo de 1948)

pos, por exemplo, inspirei-me na cana-de-açúcar, o motor de toda a nossa economia. Mas sempre que se olha para o quadro podemos interpretá-lo de maneira diferente. Creio que tem muito a ver com os trópicos e, concretamente, com o Caribe. É como que uma sinfonia que, todavia, não posso explicar nota a nota, pois para os ouvidos sensíveis — tal como para os olhos — existe uma poesia própria, escondida na obra».

Refere que o título, «A Selva» deu muita discussão, acabando por aceitar a sugestão de Prat Puig, seu amigo, que considerava representada no quadro a zona oriental de Cuba, a área da «Sierra Maestra».

Falamos de «Guernica», da sua vinda definitiva para Espanha. Pergunto-lhe se não gostaria de ver «A Selva», exposta actualmente logo à entrada da Galeria de Arte Moderna de Nova Iorque, colocada num museu cubano. «Não — refere prontamente — o seu lugar é ali, como arma de combate. É ali, em Nova Iorque a sua tribuna certa».

As mulheres

Como geralmente acontece na vida dos grandes artistas, também as mulheres desempenharam papel decisivo no itinerário de Lam. Adela, uma fotógrafa chilena, velha amiga de família, de traços índios, da sua origem mapuche, assiste à nossa conversa e sorri quando o ouve repetir uma frase habitual: «quando era rapaz, em Cuba, era muito tímido com as raparigas. Se calhar era porque todos os meus companheiros de escola tocavam guitarra e eu não...»

Com Eva, de Olivença, casou-se em 1929. A família, natural da velha Estremadura, era muito católica e Lam confessava que teve de «abraçar» a religião para conseguir o casamento. No ano seguinte nasceu um filho de nome, Wilfredo, como o pai. Mãe e criança morreram um ano depois vítimas de uma epidemia de tuberculose.

Durante a guerra conheceu em Barcelona, no Hospital Gorki, Helena Holzer, muito culta, com quem casa em 1944, e que o acompanha nos anos seguintes em Cuba e Estados Unidos. Divorciaram-se em 1950. Conhece mais tarde a sueca Lou Laurin, descendente de intelectuais e artistas, e cujo avô fundara o Museu de Estocolmo.

Casam em 1960 e instalam-se em Itália, onde Lam instala o seu estúdio de Albisola Mare. De Lou terá três filhos, Eskil, 19 anos, Timur, de 17 e Jonas de 11. Outro filho, Estevão, o mais velho, que nasceu de uma breve ligação com uma actriz francesa. É o mais intelectual dos filhos, «tem interessantes inclinações literárias» — comenta. Recordo ainda a sua primeira noiva, Matilde, de Santander, uma outra da Galiza, e uma turco-francesa que muito o impressionou. «era muito bonita, de cabelo negro, comprido, muito afectiva». Foi em Albisola Mare, em 1978, onde passava o Verão com Lou e seus três filhos que teve a apoplexia que o paralisou do lado esquerdo. Daí as suas frequentes permanências desde 1980 no hospital «com exercícios fatigantes mas que têm dado re-

sultado. Inicialmente nem sentia uma parte do rosto e, agora, já consigo falar perfeitamente e fazer movimentos com o braço esquerdo.»

Lou e os filhos continuam a residir em Paris, para onde Lam deveria partir, duas semanas depois da nossa conversa, para uma estadia de três meses com a família.

«Nasci pintor...»

Não faz ideia de quantos quadros e cerâmicas já produziu em mais de meio século de intenso trabalho. Dois mil, três mil quadros? «que importa isso?» replica. Prefere falar de como «cresceu» para a pintura. «Creio que nasci pintor. É uma vocação bastante curiosa. Dei-me conta, muito cedo, de que não poderia ser outra coisa que pintor ou poeta. De certo modo, no entanto, estive desamparado porque nasci em Sagua, onde nada e ninguém me falava de pintura ou das coisas que respeitam ao «métier». Pinto desde os seis anos e tinha tanto desejo de o fazer que esquecia tudo o resto. Fazia retratos e paisagens, mas nunca pintei como criança. Sentia já pela pintura uma preocupação talvez mais profunda».

Quase nos oitenta anos pensa que já descobriu os segredos fundamentais da sua arte. Os olhos, extremamente vivos e inquietos, superam as palavras lentas mas rigorosas. «A questão mais complicada está na

concepção do quadro. No plano técnico ou físico não há para mim segredos, pois sempre me considerei dotado para a pintura. Picasso concordava que o fundamental é o pintor transmitir o que interiormente sente, até por uma questão de equilíbrio próprio». E acentua uma frase bíblica, que gosta de repetir a propósito desta questão: «primeiro foi o verbo, depois a acção».

Confessa que no seu processo de criação «as coisas não são elaboradas de antemão, pois seriam frias. Posso pensar num tema, mas não sei ainda com que elementos o vou abordar. Posso, inclusivamente, mudar de técnica depois de começar um quadro, o que apenas me dará mais trabalho...»

«... un vaquero de mierda»

Como pode um «vagabundo», um «trotamundos» — como ele se intitula — manter viva, na sua arte, a Cuba de Martí, Che e Fidel? «É — responde — uma questão mental.

Julgo-me suficientemente inteligente para não cair em equívocos ou armadilhas. Não me convencem os poetas ou pintores que, no dia seguinte da sua chegada a Paris, começam logo a festejar Timbaud. Duvido que, na sua maioria, sejam sinceros. Eu nunca dei-

xei de ser o camponês de Sagua la Grande»...

Dois dias antes da nossa conversa, Fidel discursara perante um milhão de deputados de mais de cem países. Foi uma intervenção arrebatadora, própria de um autêntico líder mundial. Ouvi e assisti ao discurso. Quase toda a sala de pé, aplaudiu, demoradamente, a análise e denúncia rigorosa da situação mundial. Apenas algumas delegações ocidentais mais ligadas aos EUA, se quedaram silenciosas e embaraçadas. Lam viu pela TV. «Foi o discurso mais impressionante que já ouvi em toda a minha vida. Foi inteligente e emotivo. Por exemplo: os homens precisam de comer e ele soube falar da fome».

Fala com grande ternura da sua Cuba revolucionária. Rico e famoso não esquece, todavia, «como é «emmerdant», como dizem em França, viver em países onde tudo o que se toca ou assina se converte em dinheiro e exploração. Aqui em Cuba sou um cidadão mais, sem essas dependências».

A ameaça norte-americana está sempre presente no quotidiano cubano. «A força dos Estados Unidos — frisa Lam — é grande, mas a nossa resistência seria muito grande também...»

Que pensa de Reagan? — pergunta-lhe ainda. Os olhos vivos, mas serenos, fixam-se por um momento. «Es un vaquero de mierda...»

Eugénio Alves

BANDA DESENHADA — Eisner e «The Spirit»

A ideia de um suplemento dominical em estilo de «comic-book» abriu as portas do «Register and Tribune Syndicate» a Will Eisner, criador de uma série intitulada «The Spirit».

Corria o ano de 1940. Em 2 de Junho, o investigador privado Denny Colt aparecia a discutir com o comissário Dolan o direito a uma recompensa, na hipótese de contribuir para a detenção de um perseguido pela polícia.

Uma semana depois, surgiam os outros protagonistas da série: Ellen Dolan, filha do comissário e noiva do herói e Ebony White, mais tarde ajudante de «The

Spirit», mas na altura motorista de táxi.

Até 1945, ano do regresso de Eisner da guerra, a série conheceu diversas vidas.

Nos primeiros tempos, a fantasia estava presente com assiduidade.

Pouco mais de um mês após o seu aparecimento, Spirit encontrava-se a braços com a «Lei», acusado de assassinio.

No ano seguinte, Silk Satin entrava com assiduidade na série. Era o começo do «ciclo das aventuras» em «The Spirit». Alguns meses adiante, as fabulações fantásticas irrompiam, com a história de um velho «con-

denado a viver eternamente».

Em 8 de Dezembro de 1941, a criação de Eisner passa também a ser publicada diariamente em tiras. Mas por pouco tempo, pois a 11 de Março de 1944, desaparece de vez. Os suplementos dominicais, em contrapartida, não interrompem a sua aparição.

Que dizer desta série, do ponto de vista temático?

Menos preocupado com a repressão do crime do que com as manifestações sociais condicionadoras dos indivíduos, Eisner analisa os efeitos produzidos numa categoria de seres, os «marginais». As estruturas sociais e políticas surgem perma-

nentemente postas em causa, no quadro do que se pode considerar um novo humanismo, único no seu género.

Como pano de fundo, um argumento que pouco deixaria adivinhar à partida da criatividade do seu autor: «um novo conceito de investigador com o mistério da dupla identidade dos super-heróis, num contexto realista da grande cidade».

A série vai registar o seu melhor período nos anos posteriores a 1945.

«A sua linguagem, afirma Javier Coma, comporta desde então uma contínua e inspirada

exploração de caminhos que atendem em especial aos contributos de outros meios de expressão».

A este título, o uso das onomatopeias, a densidade dos silêncios, as vozes em «off», ilustram genialmente todo o poder expressivo que Eisner imprime à série.

Para estes recursos, Eisner concebe situações que reflectem a embriaguez de um sistema pelos seus mitos. A grande cidade está também presente através das suas carências sociológicas e dos estratos mais desprezados.

«Sucessão de apólogos morais com uma fantasia que toca a ficção científica, sem abandonar as suas implicações terrenas, conclui Coma, «The Spirit» é um lúcido testemunho da decomposição ética de um mundo e o desenvolvimento das propostas de um novo conceito do justiceiro por conta própria: longe de aplicar a lei segundo um código pessoal, ele divide-se (sem mais êxito do que a triste constatação do irremediável) entre a dignidade do homem e o institucionalizado abuso do Poder.»

Carlos Pessoa